

Universidade de Lisboa



As Revoluções Americana e Francesa:

Uma Proposta Didática

Miguel Augusto Silva Neves da Rosa Lopes

Mestrado em ensino de História do 3.º ciclo do ensino básico e no
ensino secundário

Relatório da prática de ensino supervisionada orientado pelo
Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro

2018

Dedicatória

Dedicamos este trabalho à nossa família – sem o seu apoio nada disto seria possível - estiveram sempre do nosso lado desde o dia em que nascemos – Por outro lado agradecemos a motivação que nos dispensaram, para conseguirmos assim concluir com entusiasmo e dedicação a nossa tarefa.

Obrigado família – Pai, Avô, Avó Mariana, Mãe Idalia Ferreira da Silva, e irmãos

Miguel Lopes

Agradecimentos

Quero agradecer a quem tanto contribuiu para que este sonho, tantas vezes adiado, se tornasse realidade.

Ao meu orientado Professor Doutor **Miguel Monteiro** que sempre me ajudou nas aulas e também com conselhos muito importantes para conseguir alcançar os objetivos traçados.

E agradeço a paciência que teve em me aturar nos momentos em que tive menos bem, e também agradeço os conhecimentos muito valiosos que passou para mim e toda a motivação me deu para concluir os meus estudos, com dedicação, profissionalismo e empenho.

Agradeço também ao meu primeiro professor cooperante Eurico Sequeira pela motivação, e ensinamentos que passou para mim com todo o empenho, dedicação e profissionalismo.

À nossa segunda professora cooperante **Maria José Ferreira** agradeço, todos os ensinamentos preciosos, que utilizamos nas aulas e que nos tem sido muito úteis, na herculea tarefa que é ensinar.

Por outro lado tive professores de altíssima categoria foi sempre assim na faculdade de letras, e no Instituto de Educação agradeço a todos mas sem dispor para nenhum quero agradecer especialmente à Professora Doutor **Florabela Sousa** e ao Professor Doutor **Francisco Pintassilgo**.

Agradeço também aos meus colegas mestrados que também me ajudaram a descobrir a melhor maneira de alcançar os meus objetivos e em especial a minha colega **Vanda Serrão** que é uma pessoa que me tem ajudado e ensinado muito sem pedir nada em troca.

Agradeço também aos meus alunos da escola Secundária de Alcochete do 12.º ano ensino recorrente, a primeira escola onde dei aulas, e aos alunos da escola Secundária Camilo Castelo Branco da turma 11.º D que tive o prazer de ensinar, ainda como professor estagiário.

Apercebendo – se da minha ainda jovem experiência, fizeram tudo para me ajudar, com um bom comportamento e desculpando me de alguma falha que posso ter cometido sem a minima intenção de lhes causar qualquer transtorno.

O meu bem – haja a todos e obrigado,

Miguel Lopes

Siglas

ESCCB – Escola secundária Camilo Castelo Branco

IPP3 – Introdução à prática profissional 3

UD – Unidade curricular

T.P.C- Trabalhos para casa

ESDA – Escola significativa de David Ausubel

E.U.A – Estados Unidos da América

R.U - Reino Unido

DGE – Direcção geral de educação

ZDP – Zona de desenvolvimento proximal

ZDR - Zona de desenvolvimento real

ZPD – Zona de Potencial de desenvolvimento

NEE – Aluno com necessidades especiais

Abreviaturas

fig. Figura

[...] corte na citação de texto

e.g. exempli gratia, por exemplo

ibid. ibidem, mesmo lugar

i.e. id est, isto é

p. página

pp. páginas

séc. século

hab. habitante

Conformidade:

Esta tese está redigida segundo o documento aprovado pela Comissão Científica dos Mestrados de Ensino, a 5 de Dezembro de 2012, intitulado “Orientações para o desenvolvimento e elaboração do relatório da prática de ensino supervisionada”, sancionado pelo Presidente da Comissão Científica dos Mestrados de Ensino, Prof. Doutor João Pedro Mendes da Ponte.

Norma e grafia utilizadas:

A elaboração desta tese está conforme os termos do Acordo Ortográfico anterior a 1990. As referências bibliográficas e citações foram elaboradas tendo em conta a Norma Portuguesa, nas suas vertentes NP 405-1 (1994, 1.^a ed.) – Documentos impressos; NP 405-2 (1998, 1.^a ed.) – Materiais não-livro; NP 405-3 (2000, 1.^a ed.) – Documentos não publicados e NP 405-4 (2002, 1.^a ed.) – Documentos electrónicos.

RESUMO

Este relatório apresenta – se como uma proposta didática da Unidade 1 – A Revolução Americana uma revolução fundadora e Unidade 2 – A Revolução Francesa – paradigma das revoluções liberais e burguesas.

Lecionámos esta matéria aos alunos do 11º ano de escolaridade, turma - D do ensino secundário na Escola Camilo Castelo Branco em Carnaxide.

Apresentamos a seguir um pequeno resumo da matéria

A Revolução Americana

No ultimo quartel do século XVIII a América do Norte era uma colónia da Inglaterra que nesse tempo era a primeira potência marítima. A França lutava com a Inglaterra por territórios na África, América e Ásia estas duas potências envolvem – se na guerra dos sete anos 1756 – 1763.

A Inglaterra sai vencedora mas com custos económicos bastante grandes, decide então aumentar os impostos aos colonos americanos que não aceitam este aumento de impostos revoltam – se então as treze colónias americanas.

Em 1776 estas colónias declaram a independência unilateralmente e depois da guerra da independência, os Ingleses em 1783 reconhecem a independência das colónias americanas. Sendo este o motivo próximo da revolta das treze colónias americanas.

A revolução francesa

O ano de 1789 em França foi marcado por maus anos agrícolas, o que afetou a produção do trigo e subsequentemente a produção de pão. A população de Paris revolta – se em 1789 em 4 de Junho, toma a Bastilha fortaleza onde estavam cativos vários presos políticos que lutavam contra o Antigo Regime.

O Antigo Regime era um regime onde a população estava estratificada em três estados – o 1.º estado o Clero, o 2.º estado a Nobreza, e o 3.º estado o Povo.

Foram então convocados os Estados Gerais para tentar descobrir uma solução para a crise. Mas os estados gerais, não chegaram a acordo e tendo em isso em consideração parte do povo e da nobreza juntaram - se na sala da Péla e juraram mudar a constituição o que de fato aconteceu.

A seguir a este acontecimento criou – se a Assembleia Nacional, onde o Terceiro Estado agora a maioria iria mudar radicalmente a sociedade francesa do ponto de vista social, político e económico.

Pretendemos demonstrar que a lecionação das unidades didáticas ao serem realizadas com o apoio de recursos didáticos como por exemplo o PowerPoint, goolge slides, mapas mentais, e os videos tem dois efeitos importantes:

Primeiro ajudam os alunos a manterem o foco nos conhecimentos e informações que o docente tem para lhes passar, e segundo ajudam a refrear alguns comportamentos de indisciplina que são transversais à maioria das turmas em que a faixa etária ronda entre os dezasseis e os dezassete anos.

PALAVRAS-CHAVE - Revoluções, História, Monarquia, República, política

ABSTRACT

This report presents itself as a didactic proposal of Unit 1 - The American Revolution a founding revolution and Unit 2 - The French Revolution - paradigm of the liberal and bourgeois revolutions.

We have taught this subject to the students of the 11th year of high school education at the Camilo Castelo Branco School in Carnaxide. The following is a brief summary of the article The American Revolution In the last quarter of the eighteenth century North America was a colony of England that at that time was the first sea power. France fought with England for territories in Africa, America and Asia these two powers are involved in the war of the seven years 1756 - 1763.

England comes out winning but with large economic costs, then decides to increase the imports to American settlers who do not accept this tax increase then revolt the thirteen American colonies. In 1776 these colonies declare independence unilaterally and after the War of Independence, the British in 1783 recognize the independence of the American colonies.

The French Revolution The year 1789 in France was marked by bad agricultural years, which affected the production of wheat and subsequently the production of bread. The population of Paris revolts in 1789 on June 4, takes the Bastille fortress where several political prisoners were struggling against the Old Regime. The Old Regime was a regime where the population was stratified into three states - the 1st state the Clergy, the 2nd state the Nobility, and the 3rd state the People.

General statements were called to try to find a solution to the crisis. But the general state did not reach agreement and taking into consideration part of the people and the nobility joined in the room of the Pearl and swore to change the constitution what in fact happened. Following this event was created the National Assembly where the third state now the majority would radically change the French society from the social, political and economic point of view.

We intend to demonstrate that the teaching of didactic units when carried out with the support of didactic resources such as PowerPoint, google slides, mental maps, and videos has two important effects: First, they help students to focus on the knowledge and information that the teacher has to pass through, and secondly they help to curb some behaviors of indiscipline that are transversal to the majority of classes in which the age range is between fifteen and sixteen years . And third, if the teacher wants, for example with regard to Powerpoint, for example, the teacher can send the students the same PowerPoint for them to study.

Keywords: Revolutions, History, Monarchy, Republic, politics

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	i
SIGLAS	iii
ABREVIATURAS	iv
RESUMO	vi
ABSTRACT.....	viii
ÍNDICE GERAL.....	x
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xiii
ÍNDICE DE IMAGENS	xiv
INTRODUÇÃO.....	01
PRIMEIRA PARTE – Enquadramento teórico.....	03
1 - Breve introdução às teorias de aprendizagem.....	04
2 – 1 – Jean Piaget	05
2 – 2 – David Ausubel	08
2 – 3 - O construtivismo no contexto de sala de aula.....	10
3 - 1 – Deficit de aprendizagem	15
3 - 2 – O papel da motivação no ensino	23
4 – 1 – As teorias de avaliação	28
4 - 2 – As escalas de classificação	40
5 - 3 – Tabela de distratores	42

SEGUNDA PARTE – Experiência educativa “A revolução francesa e americana”

.....

1 - A escola Camilo Castelo Branco	45
1 – 1 - Carnaxide	47
2 - 1 - Os alunos versus o meio envolvente	49
2 – 2 - As Aulas assistidas	51
2 – 3 - A actuação da professora cooperante	58
2 - 4 – Descrição das aulas dadas	60
2 – 5 - Metodo de ensino utilizado	62
3 – 1 - Conhecimento prévio da turma as reuniões preliminares.....	64
3 - 2 – A gestão do tempo em sala de aula	65
4 - 1 - Planificação a médio prazo 1.º periodo	67
4 - 2 – Planificação a médio prazo 2.º periodo	71
5 - 1 - As planificações da aula 1,2,3,4,5,6,7,8	74
5 - 2 - Descrição das aulas dadas	94

TERCEIRA PARTE – A revolução americana e francesa uma proposta didática

1 - Os Conteúdos programáticos	125
2 - A pedagogia associada ao desenvolvimento cognitivo dos alunos	126
3 – A avaliação dos conhecimentos	128
4 – Uma proposta didática para lecionar os conteúdos programáticos.....	132
5 - Considerações finais	147
6 – Referências bibliográficas e electrónicas	149

Índice de figuras

Figura 1 - mapa conceptual da teoria de Lev Vigotsky

Figura 2 - mapa conceptual da teoria de Piaget

Figura 3 - mapa conceptual das teorias de David Ausubel

Figura 4 - mapa conceptual resumo das teorias de aprendizagem

Figura 5 - mapa conceptual algumas das causas das dificuldades de aprendizagem

Figura 6 - mapa conceptual do triângulo didático pedagógico

Índice de imagens

1 – imagem da escola secundária Camilo Castelo Branco

2 - imagem da Freguesia de Carnaxide

3 – imagem da capa do manual de História “linhas da História” 1.º período

4 - imagem de uma das páginas do manual de História linhas da história” 1º período

5 - imagem do PowerPoint primeira aula

6 - imagem do PowerPoint segunda aula

7 - imagem do PowerPoint terceira aula

8 - imagem do PowerPoint quarta aula

9 - imagem da capa do manual de história “linhas da história”

10 - imagem de uma das páginas do manual de história “linhas da história” 2 º período

11 - imagem do PowerPoint quinta aula

12 - imagem do PowerPoint sexta aula

13 - imagem do PowerPoint sétima aula

14 - imagem do PowerPoint oitava aula

15 - imagem de um dos questionário feito pelos alunos da turma do 11.º ano D

16 - imagem de um dos questionários feito pelos alunos da turma do 11.º ano D

17 - imagem de um dos questionário feito pelos alunos da turma do 11.º ano D

18 - imagem de um dos questionários feito pelos alunos da turma do 11.º ano D

19 - Imagem das treze colónias Americanas que se revoltaram no Séc. XVIII

20 - Imagem do Presidente da America George Wasghinton um dos Pais fundadores dos Estados Unidos da América

21 -Imagem de Benjamin Franklin um dos Pais fundadores dos Estados Unidos da América

22 – imagem de Napoleão Bonaparte general francês

23 – imagem da tomada da Bastilha 4 de Julho de 1789

INTRODUÇÃO

Ao completarmos a parte curricular do mestrado de ensino de história do 3º Ciclo do ensino básico e no ensino secundário é com entusiasmo, que nos lançamos na construção do relatório de ensino supervisionado para a unidade curricular IPP3.

Este relatório contém as teorias didático - pedagógicas que aprendemos enquanto mestrandos, as aulas que assistimos e a experiência letiva que tivemos tão importante para a nossa formação como professores.

Resolvemos dividir este relatório desta UC em três partes, a primeira parte a apresentação das teorias que aprendemos nas aulas, seguido da prática letiva e uma terceira parte onde é delineada a nossa experiência enquanto mestrandos do ensino de História.

Na primeira colocamos as principais teorias de aprendizagem, as teorias de avaliação, e as teorias relacionadas com a motivação.

Na segunda parte abordamos toda a nossa experiência letiva, o nosso contato com as escolas secundárias, onde tivemos o prazer de lecionar e onde aprendemos quer com o ato de ensinar em si, mas também com os valiosos conselhos dos professores cooperantes, no segundo semestre tivemos na Escola Secundária de Alcochete lecionamos história ao ensino recorrente 12.º ano, e devido ao fato do professor cooperante se ter ausentado para Cabo Verde, no 3.º semestre lecionamos a disciplina de História na Escola Secundária Camilo Castelo Branco na turma do 11.º D.

E é por essa razão que este relatório da unidade curricular de IPP3 tem por base as aulas dadas na escola secundária Camilo Castelo Branco.

A nossa experiência letiva decorreu num ambiente que podemos dizer que nos surpreendeu pela positiva, a Escola secundária Camilo Castelo Branco tem condições que podemos considerar muito boas para os alunos aprenderem, e para os docentes darem aulas.

A escola foi restaurada há pouco tempo, as salas são amplas e tem à disposição recursos didáticos que funcionaram sempre da melhor maneira (só houve aula em que a Internet não funcionou) os alunos connosco tiveram um comportamento que temos de classificar de bom.

Aprendemos que o papel de professor não se limita a transmitir conhecimentos, há outros aspetos a ter em conta nesta exigente profissão, como por exemplo: o controlo da turma, a gestão do tempo tudo questões muito importantes e delicadas a que o docente tem de dar muita atenção, para que no ambiente de sala de aula os alunos aprendam da melhor forma possível, os conhecimentos e informações que o docente tem para lhes passar.

Na proposta didática que apresentamos neste relatório tivemos como principal preocupação usar os recursos didáticos como por exemplo o PowerPoint e os vídeos. Queremos provar que é uma boa maneira de ensinar a Revolução Americana e a Revolução Francesa, e de manter os alunos atentos e focados nas aulas o que também permite uma redução da indisciplina.

PRIMEIRA PARTE – Enquadramento teórico

Breve introdução às teorias de aprendizagem

O pensamento behaviorista também conhecido por comportamentalista, do ponto de vista do objeto de estudo da psicologia, é a interação entre o organismo e o ambiente.

”O Behaviorismo é uma tentativa de compreender o comportamento em termos das relações entre os estímulos observáveis (acontecimentos no meio ambiente) e respostas observáveis (ações comportamentais) e (em paradigmas comportamentais ao inicialmente proposto por Watson) respectivas consequências e acontecimentos contingentes/consequentes” - (1)

Tendo isso em consideração o comportamentalismo (ou behaviorismo) tem raízes nos trabalhos pioneiros de John B. Watson (1878 – 1958) e nos do russo Ivan Petrovitch Pavlov (1849 – 1936) quem estabeleceu os seus princípios e teoria foi o psicólogo educacional Skinner (1904 – 1990), que se tornou o representante mais importante da corrente comportamental.

Este lançou o conceito de “condicionamento operante” a partir das suas experiências com ratos e com a caixa de Skinner. Este conceito refere que quando um comportamento é seguido da apresentação reforço positivo (recompensa) ou negativo, a frequência deste comportamento aumenta ou diminui, resumindo quando um estímulo é premiado repete – se quando não é recompensado diminui.

Thorndike e a Lei do efeito

Edward L. Thorndike (1874 – 1949) foi professor de psicologia nos Estados Unidos da América. Conclui que existem três leis de aprendizagem:

“Thorndike tal como muito dos primeiros teóricos da aprendizagem comportamental, ligou o comportamento a reflexos físicos” - (2)

A lei do efeito – Se um comportamento é seguido de uma mudança satisfatória no meio ambiente e de uma recompensa a probabilidade de esse comportamento venha a ser repetido em situações semelhantes aumenta.

1 - Tavares J. Pereira A.S, Gomes, A.A, Monteiro, S. Gomes. A. (2007) – p.p - 109

2 - Tavares J. Pereira A.S, Gomes, A.A, Monteiro, S. Gomes. A. (2007) – p.p - 111

Lei do exercício ou frequência (também designada por lei do uso ou do desuso) - quanto mais uma conexão estímulo – resposta for utilizada, mais forte se tornará, quanto menos for utilizada, mais fraca se tornará. Mais tarde este autor veio esclarecer que a repetição de um comportamento, por si só, não conduz à aprendizagem. Para que ocorra aprendizagem, é necessário que esta repetição do comportamento seja acompanhada de resultados positivos, o que remete para a lei do efeito como principal abordagem para a aprendizagem.

Lei da maturidade específica - para que ocorra aprendizagem, é necessário que um organismo esteja preparado para estabelecer a conexão entre o estímulo e a resposta: de outro modo a aprendizagem não acontecerá.

O investigador Piaget desenvolveu a teoria da epistemologia genética consiste em parte numa combinação de teorias filosóficas existentes à época, o aporismo e o empirismo.

Para este investigador o conhecimento depende tanto das estruturas cognitivas do sujeito como da relação dele com o objeto.

Jean Piaget (1896 – 1980)

Este autor estudou e desenvolveu essencialmente duas questões muito importantes os processos cognitivos e a forma como adquirimos o conhecimento, através dos estágios de desenvolvimento cognitivo.

- psicólogo educacional Jean Piaget defendia que quando ocorre um desequilíbrio na estrutura cognitiva de um aluno e este não consegue dar resposta aquilo que lhe é exigido, ocorre um processo de adaptação, como forma de restabelecer o equilíbrio.
- Este processo de adaptação pode ocorrer de duas maneiras: é utilizada uma estrutura cognitiva já conhecida (o denominado conhecimento prévio) que vai agir sobre o conflito cognitivo. A esta adaptação dá-se o nome de assimilação, onde é adaptado o novo conhecimento.
- Uma outra forma de adaptação da estrutura cognitiva, como resposta ao desequilíbrio cognitivo, é a acomodação.

No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo das crianças Jean Piaget dividiu os estágios de desenvolvimento em quatro:

Os Estágios de desenvolvimento segundo Piaget

Estágio sensório – motor (do nascimento aos dois anos) - a criança desenvolve um conjunto de "esquemas de ação" sobre o objeto, que lhe permitem construir um conhecimento físico da realidade. Nesta etapa desenvolve o conceito de permanência de objeto, constrói esquemas sensório-motores e é capaz de fazer imitações, iniciando a construir representações mentais.

Estágio pré-operatório (dos dois aos seis anos) – A criança desenvolve a construção da relação de causa e efeito, bem como de símbolos, os especialistas chamam a esta idade, idade dos porquês.

Estágio operatório-concreto – (dos sete aos onze anos) -A criança começa a construir conceitos que consolida a quantidade e constrói o conceito de numero.

Estágio operatório formal - O adolescente constrói o pensamento proposicional, é capaz de pensar cientificamente conseguindo ter em conta as hipóteses, e os diferentes pontos de vista.

Estágios de desenvolvimento de Piaget

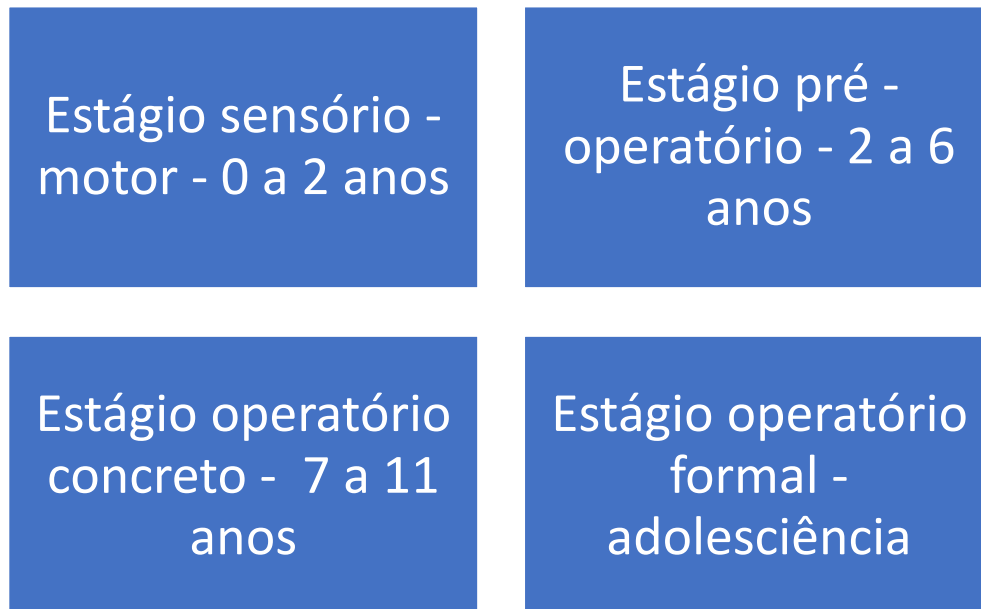


Figura 1 – mapa conceitual dos estágios de desenvolvimento de Piaget

David Ausubel (1908 – 2008)

Este autor que desenvolveu a sua atividade no séc. XX defendia que para os alunos aprenderem tinha de seguir vários pressupostos.

Como por exemplo, o professor tem de ter em atenção o seguinte: Tem de tentar perceber qual é a condição social económica do aluno de que classe provem qual é a sua classe social, e também qual a sua herança cultural. Para quê?

Porque quando o professor vai ensinar o aluno deve saber primeiro que aluno está a ensinar para poder adaptar o seu discurso aos conhecimentos que o aluno já tem, para ser mais fácil os alunos aprenderem.

Porque desse modo o professor estimula o conhecimento prévio, o que irá fazer com que os alunos tenham uma maior facilidade em assimilar os conhecimentos e as informações que o docente quer passar aos discentes.

Por outro lado, estas aulas estão divididas em três:

- Na construção de sentidos e significados
- Apresentação de conteúdos
- Verificação da aprendizagem

Mas o que é a teoria de aprendizagem significativa? Para o investigador David Ausubel e a sua ESDA, a criança dá um sentido aquilo que vê. Exemplo: observa um cão e reconhece que o nome daquele animal é um cão, e diz cão. Por outro lado, a mesma criança vê um cavalo e nunca viu nenhum e diz cão grande.

Qual é a missão do professor é transformar o sentido subjetivo que a criança deu ao cavalo, cão grande, e transforma – lo num significado universal socialmente aceite. Neste caso o professor vai ensinar ao aluno que não é um cão grande, mas sim um cavalo uma espécie diferente da do cão.

Resumindo - A chave da aprendizagem significativa está em relacionar o novo material com as ideias já existentes na estrutura cognitiva do aluno. Para que isso aconteça o material tem de ser potencialmente significativo para que permita uma relação substantiva com conhecimentos e ideias já existentes. (Fig. 2)

O professor deve aproveitar a tendência natural do aluno para a «aprendizagem significativa» reveladora de um interesse e transformar o sentido subjetivo do aluno em conceitos universais socialmente aceites.

Aprendizagem significativa David Ausubel

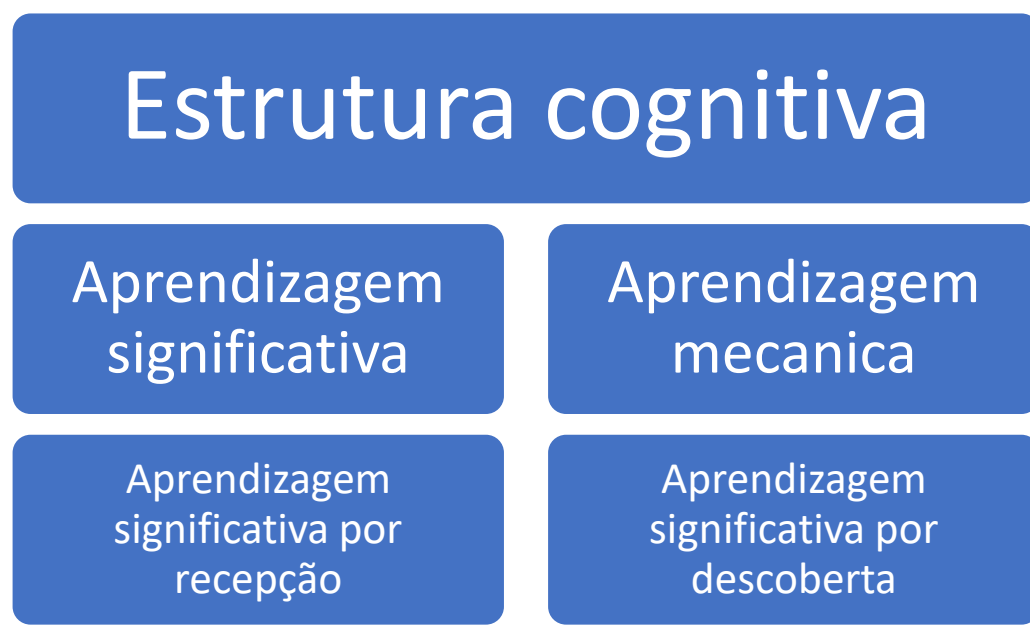


Figura 2 – mapa conceptual aprendizagem significativa David Ausubel

O construtivismo em sala de aula

O construtivismo é uma teoria que considera que o sujeito tem de ter um papel muito ativo na criação e modificação das suas representações como objeto do conhecimento.

Este termo vai ser introduzido no léxico do século XX pelo psicólogo suíço Jean Piaget na sua obra o século XX, “Logique et connaissance scientifique” em 1967.

O construtivismo defendido por Piaget tem origem na obra do filósofo alemão Emmanuel Kant, Piaget no seu livro “Epistemologia genética, procurou descobrir uma resposta à questão da origem do conhecimento, através da investigação, em parte empírica, da génese e do desenvolvimento das estruturas do sujeito.

Na sua investigação Piaget apresenta o construtivismo como alternativa ao empirismo e ao racionalismo, respostas tradicionais à origem do conhecimento.

No que diz respeito ao **empirismo** este defende que a origem do conhecimento estaria nos sentidos, segundo esta teoria, os objetos reais impõem as suas formas à mente humana encarada como um receptáculo passivo, ou uma folha em branco que vai sendo preenchida ao longo da vida.

Os **racionalistas** defendiam que o conhecimento é inato (nasce com a pessoa), e o seu conhecimento seria apenas a atualização de estruturas pré – formadas.

No que diz respeito ao **construtivismo** para que exista conhecimento é necessário uma interação entre o objeto que conhece e o objeto conhecido. O sujeito constroi as suas representações do Mundo interagindo com este (objeto).

Uma grande diferença entre o construtivismo Kantiano e o construtivismo defendido por Piaget é que a mente humana utiliza a representação dos objetos interagindo com estes mas também é nessa interação que desenvolve as estruturas cognitivas que depois vão ser usadas quando a mente constroi as representações dos objetos.

Dos conceitos defendidos por Jean Piaget destacamos dois para podermos compreender melhor o seu modelo de conhecimento são os conceitos de **assimilação** e **acomodação**, quando um aluno tem contato com um novo conhecimento ou objeto, num primeiro momento o aluno tenta assimilar aquilo que está a exprimentar nos seus esquemas mentais já existentes.

No entanto se aquilo que o discente exprimenta não está de acordo com o enquadramento (a realidade) este modifica – se o esquema anterior para que o conhecimento se acomode ao que foi exprimentado (ensinado).

Lev Vigotsky (1896 – 1934)

Este investigador russo que exerceu a sua atividade no século XX, postulava que enquanto outros cognitivos diziam como por exemplo, Piaget que as pessoas já trazem desenvolvidas as zonas cognitivas superiores, Lev Vigotsky considerava que aprendizagem é que desenvolve as zonas cognitivas superiores permitindo aos alunos aprenderem.

Este construtivista atribuía um valor muito revelante ao professor, por que é este, o professor, que vai desenvolver as zonas cognitivas essenciais para o desenvolvimento da compreensão e do conhecimento através do ensino.

Por outro lado Lev Vigotsky desenvolveu a importante teoria da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) que afirma que a aprendizagem acontece no intervalo entre o conhecimento real e o conhecimento potencial.

Resumindo a ZDP é a distancia existente entre o que o sujeito, já sabe e aquilo que este tem a possibilidade de saber. O que é que deve fazer o professor é transformar o conhecimento real em conhecimento potencial através da ZDP.

“A zona de desenvolvimento proximal é definida por Vigotsky como o nível de desenvolvimento real do individuo tal como medido pela sua capacidade de resolver problemas independentemente e o seu nível de desenvolvimento potencial.” – (3)

Por outro lado, este autor defendia que o desenvolvimento das zonas cognitivas superiores dá – se em contacto com o meio ambiente, e para que estas zonas se desenvolvam é necessário um professor ou alguém com conhecimentos sólidos (perceptor), para que a criança desenvolva conhecimentos que possibilitam a esta ir relacionando e construindo conhecimento.

“Diferentemente de outros teóricos cognitivistas como por exemplo Piaget ou Ausubel que focalizam o individuo como unidade de análise Vigotsky enfoca a interação social. A sua unidade de análise não é nem o individuo nem o contexto mas a interação entre eles” – (4)

3 - Moreia, Marco António, Teorias de aprendizagem, (1993) pp – 112

4 - Moreia, Marco António, Teorias de aprendizagem, (1993) pp - 116

Metodologia de ensino com base nas teorias de Lev Vigotsky

Este autor defendia que o desenvolvimento cognitivo é baseado na linguagem, a linguagem tem um papel construtor e propulsor da aprendizagem, defendia que o pensamento é gerado pela motivação (desejos, necessidades, interesses, e emoções).

“Para Vigotsky o desenvolvimento resulta de um processo histórico e cultural onde a linguagem e a aprendizagem desempenham um papel fundamental” – (5)

Para este investigador o professor ou e.g um perceptor tem uma importância muito grande no processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos, porque as estruturas cognitivas superiores são desenvolvidas pelos alunos em contato com o conhecimento

Este por outro lado tem de estar de acordo com o desenvolvimento cognitivo do aluno, cabe ao professor através dos conhecimentos que passa para os alunos desenvolver as estruturas cognitivas dos discentes.

Ponto central da teoria de Vigotsky é a zona de desenvolvimento proximal ou ZDP

“A zona de desenvolvimento proximal é um espaço teórico que se origina entre o professor (...) e o aluno em função do conhecimento sobre a tarefa a ser realizada e dos saberes e recursos utilizados pelo professor” – (6)

Na escola o professor vai ser o mediador ou facilitador entre o conhecimento e o aluno

Escola = professor mediador = conhecimento

5 - Fontes, A. & Freixo, O. (2004) - p. – 15

6 - Fontes, A. & Freixo, O. (2004) - p. - 18

Zona de desenvolvimento proximal

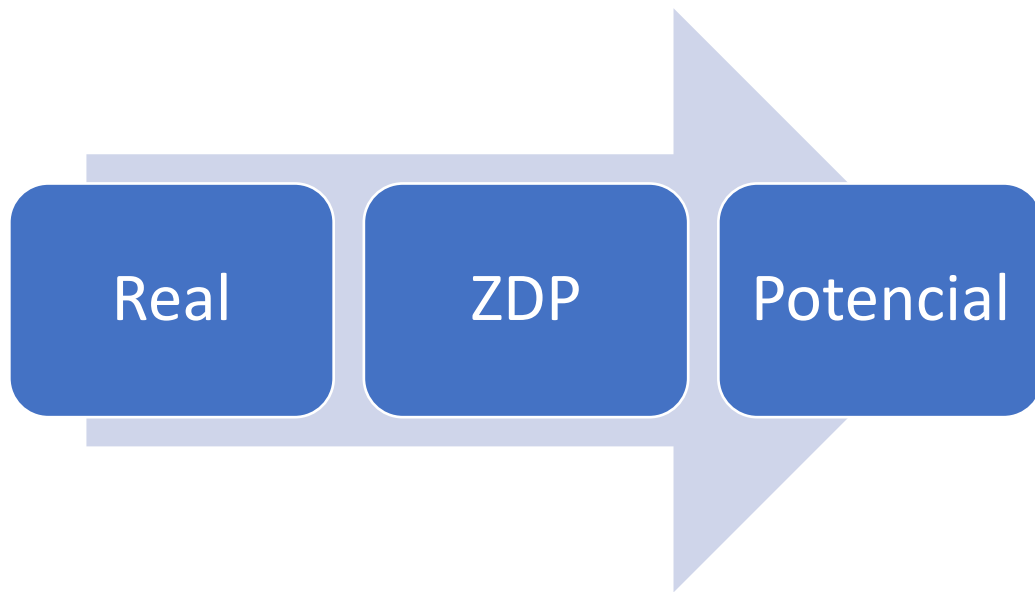


Figura 3 – Zona de desenvolvimento proximal - Lev Vygotsky

Outra teoria importante é:

O conetivismo – que é a aprendizagem em rede, muito em voga nos nossos dias, foi desenvolvida por dois investigadores George Siemens e Stephen Downes.

Estes investigadores defendem que a era digital e a aprendizagem em rede é uma nova teoria de aprendizagem, utilizando esta para explicar o efeito que as novas tecnologias de informação e comunicação têm sobre a forma como as pessoas aprendem e comunicam.

teorias de aprendizagem

<u>Teoria Behaviorista</u>	<u>Teoria Cognivista</u>	<u>Teoria socio-cultural</u>	<u>Teoria humanista</u>	<u>Teorias das Inteligências Múltiplas</u>
<u>Ivan Pavlov</u> <u>John Watson</u> <u>Edward Thorndike</u> <u>B.F. Skinner</u>	<u>Robert Gagne</u> <u>Albert Bandura</u> <u>Jean Piaget</u> <u>Seymour Bruner</u> <u>David Ausubel</u>	<u>Lev Vigotsky</u>	<u>Karl Rogers</u>	<u>Howard Gardner</u>

Figura 4 – mapa conceitual resumo das teorias de aprendizagem behavioristas, cognitivas, socio – cultural, humanista e das inteligências múltiplas

O deficit de aprendizagem

As dificuldades de aprendizagem ou déficit são múltiplas e complexas e interferem com a capacidade do alunos de falar, processar, aprender, e comunicar informação. Estas dificuldades correspondem a um grupo de perturbações e não são considerados uma doença única.

As dificuldades de aprendizagem não podem ser confundidos com deficit intelectual ou por outro lado com os diversos graus de autismo.

Estes alunos geralmente apresentam uma inteligência média ou acima da média, mas tem dificuldades quando confrontados com a aquisição de optidões com vista a melhorar o seu desempenho na escola por vários motivos.

Estas dificuldades de aprendizagem podem acompanhar a pessoa ao longo da sua vida, logo é aconselhável uma intervenção precoce, o seu diagnóstico quanto mais cedo se fizer melhor, para se tomarem medidas para se poder, ajudar estes alunos a serem pessoas bem sucedidas e produtivos na vida adulta.

As dificuldades de aprendizagem como já dizemos são considerados como um conjunto de problemas que afeta a forma como os alunos processam as informações e conhecimentos, que o professor lhes passa na sala de aula, quanto à sua capacidade de ler, falar, escutar, soletar, escrever, ler, raciocinar e organizar informação e também de realizar calculos matemáticos interferindo no desempenho escolar dos alunos.

Estas diferentes manifestações de deficit de aprendizagem não surgem todas num mesmo aluno da mesma maneira, cada caso é um caso, tem de ser tratado de uma maneira individualizada.

Esta dificuldades podem, no entanto, causar alguns riscos para a educação ou implicar que o aluno precise de necessidades educativas especiais. (NEE)

Estas dificuldades de aprendizagem são uma desordem que afeta cerca de 15% dos adolescentes americanos em idade escolar.

Em Portugal, a questão relacionada com as dificuldades de aprendizagem tem vindo a merecer rigorosa atenção é um aspeto muito importante para que estes alunos não sejam negligenciados para depois não se tornarem vítimas de insucesso e/ou abandono escolar.

Estima – se que no nosso país quase metade da população estudantil sofra de alguma perturbação de aprendizagem. Pode – se atribuir como causa, métodos de ensino que já não eram os mais adequados, podemos dizer mesmo retrógrados e desadequados que prevaleceram ate aos anos 80.

As causas neuras – biológicas não são muito bem conhecidas, mas pensa – se que a dificuldade de aprendizagem corresponde a uma perturbação de origem neurobiológica que resulta de uma estrutura ou de um funcionamento cerebral.

Por outro lado, a hereditariedade é um dos fatores mais relevantes, uma vez que, em algumas famílias existe mais que um caso.

Outra causas possíveis são: o uso do tabaco, o uso do álcool, ou das drogas durante o periodo de gravidez, os bebés prematuros ou o baixo peso ao nascer, um trabalho de parto prolongado parecem ser outra causas possíveis para o deficit de aprendizagem.

Por outro lado, a ocorrência após o nascimento de uma doença grave ou de um traumatismo craniano ou da exposição a toxinas podem igualmente contribuir para as dificuldades de aprendizagem.

A principal característica das dificuldades de aprendizagem e que são visíveis nos alunos é: a existência de uma disparidade marcada e diferenciada entre aquilo que é legitimo esperar do desempenho de um aluno e o seu desempenho real.

Estas dificuldades dos alunos podem ser ligeiras ou graves e não é raro existir num mesmo aluno mais que uma dificuldade de aprendizagem.

O que pode provocar o deficit de aprendizagem

As principais causas são:

A dislexia é uma perturbação da aprendizagem especifica com déficit na leitura que se caracteriza na essência por dificuldades ao nível do reconhecimento preciso de palavras decodificação e fraca capacidade de soletração de palavras.

Esta doença está associada por vezes a causas ergonómicas que impedem o cérebro de receber diversos estímulos e de os processar corretamente. Isto poderá estar relacionado pelo fato de os alunos serem obrigados a baixarem a cabeça durante muito tempo para escreverem, quando o deveriam fazer num plano inclinado, de modo a que a coluna vertebral.

Permita que a espinhal medula deixe circular os estímulos. Temos de ter em consideração que o ser humano tem os olhos na face e que ao baixar a cabeça significa baixar o pescoço e aumentar o ângulo da curvatura da espinhal medula, o que faz com que o cérebro leve mais tempo a processar a informação.

Estas dificuldades manifestam-se essencialmente na leitura, mas é frequente esta perturbação da aprendizagem especifica coexistir com outros quadros de dificuldades de aprendizagem, como a Disortografia, a Discalculia ou a Disgrafia, isto é dificuldades ao nível da escrita, do cálculo ou do grafismo, as dificuldades podem manifestar-se igualmente na expressão escrita, na compreensão leitora, o que é vulgarmente conhecido por interpretação de um texto, no vocabulário e campo lexical.

Entre os vários sinais de alerta que o docente deve estar atento e que já foi possível identificar são: atrasos significativos na aprendizagem da leitura e da escrita em comparação aos colegas.

Contudo não se deve fazer esta comparação de forma aberta, de modo a não colocar o aluno, numa posição de inferioridade em relação aos outros pares; frequentes erros fonológicos e/ou visuais - espaciais; tendência em memorizar os textos, para fingir que os está a ler; dificuldades em identificar o som das letras na palavra; dificuldade em dividir as palavras em sílabas e/ou fazer jogos com rimas.

Podemos então afirmar que “a Dislexia corresponde a uma dificuldade de aprendizagem específica, de origem neurológica, caracterizada por uma dificuldade na correção e/ou fluência na leitura de palavras e uma fraca competência ortográfica, sendo que também podem surgir dificuldades ao nível da compreensão e da leitura.

É importante salientar que os alunos que apresentam esta dificuldade possuem um nível intelectual acima ou na média para a sua faixa etária. Como a Dislexia é uma perturbação da aprendizagem que requer a existência de um nível de inteligência médio ou superior, uma das consequências desta problemática é o sentimento de baixa autoestima, aliado a um baixo rendimento escolar.

As crianças com Dislexia têm de lidar constantemente com o fracasso, sobretudo na escola, comparando-se com os colegas que aprendem a ler e escrever normalmente, mas que não conseguem ter uma capacidade de raciocínio tão rápido e lógico.

Neste momento não existe um consenso na causa da dislexia. Contudo, têm sido realizados vários estudos que tentam descobrir uma explicação para a manifestação desta dificuldade específica da aprendizagem, principalmente no campo da genética e da neurobiologia.

No campo da *genética/hereditária*, os resultados obtidos nos estudos já realizados demonstram que os disléxicos apresentam pelos menos um familiar próximo com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, 30 a 40% dos irmãos de crianças disléxicas poderão apresentar a mesma perturbação e uma criança cujo progenitor seja disléxico apresenta um risco oito vezes maior de manifestar esta problemática.

Nesta perspetiva, também surgiram estudos que apontam para a mutação de vários cromossomas como o motivo para a manifestação da dislexia.

No campo da *neurobiologia*, os estudos revelam alterações nas áreas responsáveis pela linguagem. O hemisfério esquerdo do cérebro é, entre outras funções, responsável pela linguagem.

Os estudos revelam que os disléxicos parecem ter dificuldades em aceder às áreas localizadas na parte posterior do cérebro, i é, às regiões responsáveis pela análise das palavras e pela automatização da leitura.

Existem outros fatores que podem estar na origem da dislexia que não estão relacionados com os estudos das áreas anteriormente analisadas como a genética/hereditária e a neurobiologia como por exemplo: a manifestação de padrões deficitários na leitura e na escrita e poderá ser induzida pelo ambiente em que o aluno está inserido. Ex: negligência ou abuso, divórcio dos pais.

Não podemos deixar de alertar para uma questão histórica que talvez se insira nas causas genéticas, uma vez que os professores, ate meados da década de 60 do século passado, obrigavam os alunos esquerdinos a escrever com a mão direita, o que poderá ter provocado alterações irreversíveis no cérebro desses indivíduos.

O que poderá ter tido como consequência à adulteração de algum gene responsável por estas áreas e que esteja a ser transmitido de pais para filhos, o que talvez possa ser apontado como uma das causas da dislexia. Tendo isso em consideração cada aluno deverá ser analisado individualmente, de forma a tentar determinar o motivo subjacente à dificuldade que apresenta na leitura e da escrita.

Alguns indicadores na fala e linguagem de uma provável dislexia são:

- Vocabulário pobre;
- Falta de expressão;
- Compreensão verbal deficiente;
- Alterações articulatórias: confusões entre fonemas, omissões em sílabas compostas e inversas, inversões, etc.;
- Inversão e/ou omissão de letras na leitura e na escrita
- Dificuldade em utilizar sons para criar palavras
- Dificuldade em converter letras em sons e palavras
- Dificuldade em recuperar da memória sons e letras
- Dificuldade em compreender o significado, a partir de letras e sons

Professores e pais devem ter conhecimento das características – e sintomas – desta perturbação porque permite que os pais e os professores possam encaminhar os alunos que sofram de dislexia para um especialista.

Uma outra doença associada ao déficit de aprendizagem é a disortografia

A Disortografia, é uma dificuldade de aprendizagem específica que afeta a linguagem escrita. Esta perturbação é específica da aprendizagem, caracteriza – se por défice na expressão escrita, e tem como consequência dificuldades frequentes e persistentes na capacidade da criança construir textos escritos.

Quer ao nível da organização, quer estruturação e da composição dos mesmos, ao nível da construção frásica que se apresenta pobre e normalmente curta e ao nível da ortografia observando-se frequentes e variados erros ortográficos.

Para lá disso, pode ainda observar-se uma má qualidade gráfica. Embora esta perturbação possa existir por si só, ou devido a uma má postura enquanto se está a ler ou escrever, e poderá ser indicativo de problemas ao nível da coluna que só posteriormente vêm a ser identificados.

A deficiente alimentação também pode gerar este tipo de problemas, geralmente, a disortografia coexiste com a perturbação de aprendizagem específica, com défice na leitura – Dislexia. Como a aprendizagem escolar também se baseia na escrita, a disortografia interfere com o sucesso escolar

No entanto, esta doença tem, na maioria dos casos uma origem neurobiológica que afeta as capacidades da expressão escrita, em particular a precisão ortográfica, a organização, estruturação e composição de textos escritos, a construção frásica é pobre e por norma curta e observa-se ainda que os alunos dão muitos erros ortográficos.

Os professores devem estar atentos aos seguintes sinais de alerta

- Dificuldade dos alunos em fixar regras gramaticais e ortográficas;
- Dificuldade em corresponder a letra ao som respetivo;
- Dificuldades na pontuação e acentuação;

– Erros ortográficos, linguísticos e visuais;– Erros no ditado, na composição e na cópia

Os alunos com disortografia demonstram falta de vontade para escrever e quando o fazem os seus textos são bastante reduzidos, desorganizados e sem pontuação. Quando os alunos apresentam problemas na fala, tem tendência a fazer as mesmas trocas na escrita.

A correção deste problema passa pelo estímulo do professor que deverá adotar uma outra postura, mais calma e paciente, para com estes alunos e também alertar os encarregados de educação para esta situação .

Uma outra causa que contribui para o deficit de aprendizagem é a disgrafia

A palavra Disgrafia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita). Define-se como uma dificuldade na escrita, mas concretamente na sua precisão ortográfica, organização e estruturação das frases, nas regras gramaticais e morfosintáticas.

Este distúrbio afeta os alunos no que diz respeito a dificuldade na escrita. Como por exemplo erros de ortografia, omitir, trocar, acrescentar ou inverter letras.

A disgrafia é uma dificuldade de aprendizagem específica que afeta o grafismo e a capacidade do aluno exprimir – se pela via da escrita, podendo revelar – se na sua capacidade de o aluno escrever com uma letra legível, no espaço irregular entre letras e entre palavras, no fraco planeamento espacial na capacidade do discente conseguir pensar e escrever ao mesmo tempo, e na dificuldade em redigir textos escritos.

Quais são as causas das dificuldades na aprendizagem da escrita?

Estas podem ser originadas por défice cognitivo, razões socioculturais ou por um ensino que está menos atento a alunos com esta dificuldade. Podem por outro lado existir dificuldades no grafismo ou desenho das letras, ordenação correta das letras que

constituem as palavras, na ortografia correção gramatical e pontuação, ou na organização e elaboração de textos.

Algumas das causas das dificuldades de Aprendizagem

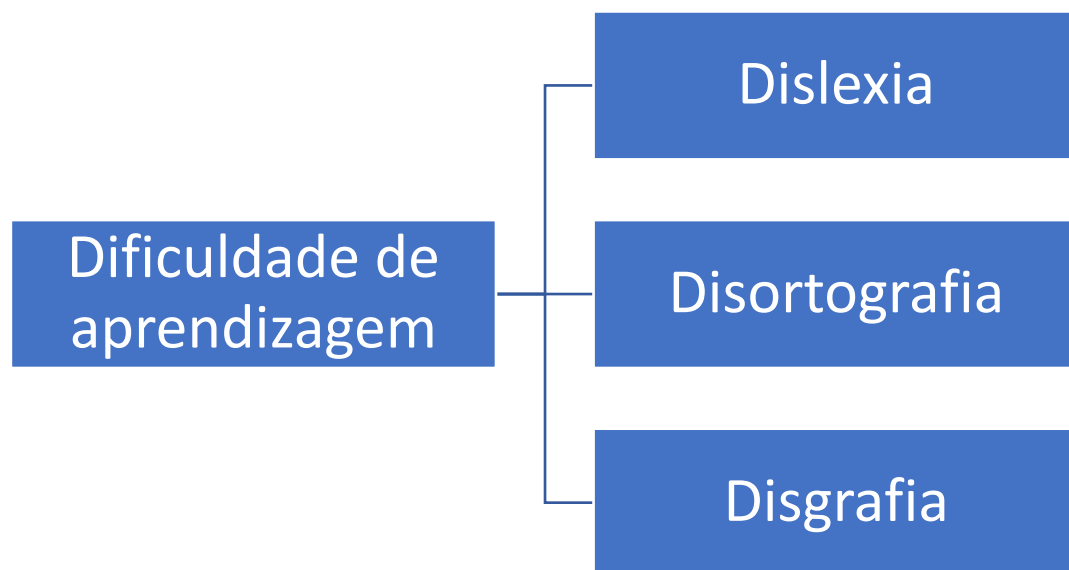


Figura 5 – Mapa conceitual algumas das causas das dificuldades de aprendizagem

O papel da motivação no ensino

A motivação intrínseca

A motivação intrínseca não está relacionada com o ambiente, com as situações e com os fatores externos. Esta motivação é gerada quando os indivíduos escolhem envolver – se em atividades que consideram interessantes e desafiadoras e que lhes dão prazer. É uma motivação intrínseca ao indivíduo que sozinho define os seus objetivos e metas e fazem tudo para alcançar esses mesmos objetivos.

“O conceito de motivação intrínseca é um construto complexo e útil, envolvendo as capacidades pessoais, enquanto o conceito de motivação extrínseca está mais orientado para o valor atribuído às recompensas e ao reconhecimento social.” (7)

A motivação extrínseca

Está relacionada com o ambiente, com as situações e os fatores externos. Por exemplo quando os pais ou os professores incentivam os alunos para terem boas notas, este tipo de motivação que os alunos adquirem é motivação extrínseca.

A teoria da autodeterminação

É a conceção do ser humano como organismo ativo, dirigido para o crescimento, desenvolvimento integrado do sentido do self e para a integração com estruturas sociais.

Aplicada ao contexto do ensino/aprendizagem a teoria da Autodeterminação focaliza a promoção do interesse dos estudantes pela aprendizagem, a valorização da educação e confiança nas próprias capacidades e atributos.

Com o objetivo de compreender a energia e a direção do comportamento motivado, a Teoria da Autodeterminação postula a existência de algumas necessidades psicológicas básicas e inatas. Quais são essas necessidades.

7 - Boruchovitch Evelyn, Guimarães, Sueli, 2004. pp. - 143 – 150

Conceito de necessidades

1 - Necessidade de autonomia

2- Necessidade de competência

3 - Necessidade de vínculo

A autonomia é quando uma pessoa sente necessidade de atingir determinados *objetivos socio – contextuais em situações de desafio profissional ou acadêmico. Este tipo de necessidade normalmente está acompanhado pela necessidade de autonomia.*

A necessidade de vínculo é a necessidade de pertencer ou estabelecer vínculos para um desenvolvimento social e psicológico adequado. As pessoas necessitam de se sentir amadas e de manter contato interpessoal.

“As três necessidades psicológicas básicas, de competência, autonomia e vínculo, são integradas e interdependentes. Desse modo, a satisfação de cada uma delas reforça e fortalece as demais.” (8)

O estilo motivacional do professor

A motivação intrínseca do aluno não resulta de treino ou de instrução, mas poderá ser influenciada principalmente pelas ações do professor.

De acordo com alguns investigadores o estilo motivacional do professor refere – se à crença e confiança do professor em determinadas estratégias de ensino e de motivação.

Existem dois tipos de estilo motivacional:

1- Um estilo em que o professor dá mais autonomia ao aluno.

2 - E um outro estilo que é o estilo autoritário ou controlador.

8 - Boruchovitch Evelyn, Guimarães, Sueli, 2004. pp. - 143 – 150

O estilo autonomia

É quando o professor dá autonomia ao aluno para que este nutra necessidades básicas, de autodeterminação, de competência, e segurança propondo que os alunos ultrapassem os desafios que lhes são indicados.

Pesquisas realizadas com alunos do ensino básico, secundário e universitário indicam que alunos com um professor com estilo motivacional promotor de autonomia, demonstram maior percepção de competência académica, maior compreensão conceitual, melhor desempenho, são emocionalmente mais positivos e intrinsecamente motivados quando comparados a alunos com professores de estilo motivacional mais controlador.

“Autonomia significa a faculdade de se governar a si mesmo; o direito ou faculdade de se reger por leis próprias: liberdade ou independência moral ou intelectual.” (9)

Estilo controlador ou autoritário

Neste estilo o professor estabelece para os seus alunos formas específicas de comportamentos, sentimentos ou de pensamentos, oferecendo incentivos extrínsecos e consequências para aqueles que se aproximam do padrão esperado.

No ambiente de sala de aula o controlo é a principal característica.

“Não há dúvida que o estilo motivacional do professor configura – se em importantes fontes de influência para o desempenho, emoções e motivação dos alunos em relação à escola.” (10)

9 - Boruchovitch Evelyn, Guimarães, Sueli, 2004. pp. - 143 – 150

10 - Boruchovitch Evelyn, Guimarães, Sueli, 2004. pp. - 143 – 150

Estruturas de meta

Referem – se a objetivos assinalados e aos padrões comportamentais valorizados na sala de aula, transmitidas aos alunos de modo implícito por meio de diversas ações dos professores, como por exemplo:

As características das atividades solicitadas.

As formas de avaliação, de reconhecimento dos interesses e necessidade dos estudantes, os critérios para formação de grupos, o uso do tempo e o modo como professor compartilha a autoridade.

A literatura sobre a motivação no contexto escolar tem se destacado nos resultados positivos para a aprendizagem e desempenho dos alunos decorrentes de orientação intrínseca.

Para a sua promoção, de acordo com a Teoria da Autodeterminação é essencial a satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e vínculo.

Neste aspeto o estilo motivacional do professor revela – se um construtor educacional pelo impacto que exerce no desenvolvimento motivacional dos estudantes para atingirem os seus objetivos educacionais

Teorias sobre orientação para o sucesso

Mestria – Neste caso o individuo pretende ser o melhor, gosta de desafios e aceita bem o erro.

Desempenho – A pessoa quer mostrar competências, não gosta de desafios, não aceita bem o erro não quer mostrar competências.

Desvaloriza a escola - neste caso a pessoa como resposta ao insucesso escolar desvaloriza quer os seus resultados escolares negativos quer também a próprio estabelecimento de ensino. Pode conduzir o individuo a um abandono escolar precoce.

O professor pode usar as teorias de motivação em seu favor (os alunos aprendem com mais vontade) e em favor dos alunos. Em primeiro lugar nas nossas aulas, usamos o estilo de professor flexível menos autoritário e este estilo adaptou – se bem aos alunos mas admitimos perfeitamente que muitas vezes o estilo que utilizamos também tem muito a haver com os alunos que temos na sala de aula.

No que diz respeito às teorias de motivação conhecemos bem o impacto que a motivação e da desmotivação pode ter nos discentes logo sempre que podemos motivamos os alunos.

As teorias de motivação neste caso motivação extrínseca foram usadas quando os alunos acabaram de ler um texto ou respondiam as perguntas do manual acertivamente.

Quando os alunos respondiam a alguma das nossas perguntas e acertavam na resposta, ou quando faziam alguma pergunta, tínhamos o cuidado de os motivar o melhor que sabíamos. Algumas das frases que usamos foram por exemplo:

Quando acabavam de ler um texto.

_ Estiveste muito bem obrigado!

_ Leste muito bem obrigado!

Ou quando nos faziam alguma pergunta

_ Ai está uma boa pergunta

_ Muito bem obrigado pela pergunta

Por outro lado convém não esquecer que é muito importante motivar os alunos mas quando existe um motivo para tal, não devemos motivar por motivar ou a motivação a médio prazo pode não acabar por não ter qualquer efeito.

Os alunos podem pensar que o professor está a dizer frases de uma forma automática e podem não ligar muito a esse tipo de motivação.

As teorias de avaliação

O processo avaliativo contém uma tomada de decisão, é essencial ter em conta que esta resulta de uma comparação entre o produzido pelo aluno e o esperado pelo professor. Pelo que é indispensável a apropriação, por parte dos diversos envolvidos no processo avaliativo, dos critérios de avaliação. Procura – se na construção de instrumentos de medida das aprendizagens que oferecessem um elevado grau de validade, fidelidade.

“O desenvolvimento da psicologia cognitiva e do estudo dos processos da tomada de decisão permitem encarar a natureza do processo avaliativo como uma tomada de decisão” - (11)

A avaliação era tratada como uma medida ainda que desde há muito se lhe reconhecesse um baixo grau de rigor. Existem duas ideias muito persistentes: uma que associa a avaliação à nota/classificação; outra aos testes ou exames, i, é aos instrumentos de recolha de informação.

Vários autores defendem que a avaliação não é uma medida, mas uma construção social sobre um desempenho. A avaliação é um processo neutro, que não interfere de forma direta com o ensino e a aprendizagem. Como resposta a este processo neutro assiste – se ao desenvolvimento de normas de correção, procurando anular as interpretações dos avaliadores e/ou dos erros existentes.

Critérios de avaliação

O professor quando quer avaliar o saber de um aluno pede-lhe que execute uma tarefa. Deve explicitar o modo como deve ser realizada bem como os requisitos que deve ter para ser considerada bem realizada, i. é, pode revelar ou não as suas expectativas em relação à tarefa. Estas expectativas constituem o que se designa por critérios de avaliação.

Quanto mais explícito for o pedido do professor e os seus critérios, mais fácil será interpretar o pedido e construir uma resposta adequada. Deste modo, os critérios de avaliação adquirem uma grande relevância no processo de avaliação

11 - Santos, Leonor, Pinto Jorge, Ensino de conteúdos escolares – p. – 505

A avaliação segundo os seus propósitos

No contexto educativo é frequente falar-se de avaliação sumativa e de avaliação formativa como sendo dois tipos muito diferentes de avaliação. Assim, entende-se por avaliação sumativa, também por vezes designada por avaliação das aprendizagens. Um processo no qual as evidências são usadas para inventariar as aquisições dos estudantes num certo momento da sua aprendizagem reportar, informar, e tomar decisões em conformidade com o estabelecido administrativamente

A avaliação formativa, ou avaliação para as aprendizagens, embora seja uma designação abrangente, pois cobre um leque variado de práticas. Usa as evidências para perceber onde o aluno está em termos de aprendizagem para tomar decisões no sentido de providenciar mais e melhores aprendizagens e para regular o ensino

Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica, por vezes considerada como uma outra modalidade de avaliação, enquadra-se no universo da avaliação formativa. Procura-se perceber o estado dos alunos num certo momento de aprendizagem e adequar as melhores estratégias para contribuir para o sucesso dos alunos. Na avaliação sumativa, o erro é visto como uma falta de saber.

Num registo formativo, o erro é visto como a manifestação de uma dificuldade na construção de um saber.

Práticas de avaliação formativa

O uso partilhado de critérios de avaliação.

- O feedback dado pelo professor.
- Questionamento oral
- As questões de aula

Feedback

O feedback, poder-se-á dizer que é todo o comentário avaliativo que informa o aluno sobre a qualidade daquilo que foi feito. Mas também é toda a informação que permite ainda ao próprio identificar o que lhe falta fazer para atingir o que era esperado que fizesse.

O uso do feedback exige uma aprendizagem por parte do docente através de uma constante reflexão sobre os resultados obtidos em termos dos seus efeitos na aprendizagem dos alunos. Com o evoluir do tempo, os professores podem adquirir plasticidade nos feedbacks ajustando-os, quer aos alunos concretos, quer às próprias tarefas.

Trabalhar o questionamento oral de modo a torná-lo potenciador de aprendizagem é uma tarefa desafiante para o professor. Devem colocar – se perguntas abertas em vez de perguntas fechadas e também deve – se fazer uma pergunta e esperar – se um pouco pela resposta dos alunos.

“O feedback é todo o comentário avaliativo que informa sobre a qualidade do que foi feito” – (12)

Questões de aula

Questões de aula são questões que se colocam no final de uma dada aula, de resposta breve (cerca de 10m a 15m), que abordam os assuntos tratados nessa aula. Com estas informações, o professor pode regular o seu ensino para a aula seguinte.

Em Portugal é mais comum no 2.º ciclo

CrITÉRIOS de realização

Num registo de avaliação formativa faz sobretudo sentido falar nos critérios de realização. Os critérios que pretendem orientar o aluno indicando-lhe aquilo que é necessário desenvolver para a realização de uma dada tarefa. Quanto melhor os alunos compreenderem o que se espera deles, mais predispostos estarão para aprender e, consequentemente, aumentará a probabilidade de acontecer aprendizagem.

Critérios de qualidade da avaliação sumativa

Na avaliação sumativa enquanto medida, existem três critérios de qualidade que usualmente se associam aos instrumentos de avaliação:

- A aplicabilidade
- A validade
- A fidelidade
- A aplicabilidade, diz respeito à garantia de verificação das condições necessárias para que o instrumento seja aplicado.
- Validade significa que o instrumento permite medir aquilo para o qual foi pensado.
- Validade de conteúdo — se o instrumento de avaliação/prova constitui uma amostra representativa e relevante do conteúdo que se pretende medir;
- Validade concorrente se existe correlação entre a prova e outra que avalia os mesmos conhecimentos, i. é, se as classificações obtidas nas duas provas são semelhantes;
- Validade preditiva — se existe correlação entre a classificação obtida na prova e a predição de um desempenho futuro dos alunos;
- Validade de constructo
- Avalia a validade de uma prova ou medida de um constructo que não lhe tem associado critérios quantificáveis

A Fidelidade - Corresponde saber até que ponto a medida obtida através do instrumento de avaliação é independente do avaliador.

Efeito de contraste – Os efeitos de contraste dizem respeito à dinâmica de correção, i. é à reformulação dos critérios de avaliação que o avaliador vai produzindo à medida que os vai usando.

Efeito de assimilação - Nos efeitos de assimilação, o avaliador está condicionado ao conjunto de conhecimentos que tem sobre quem realizou as provas.

O teste escrito

Existem algumas técnicas para se construir um teste.

Pode – se recorrer à técnica de construção de uma matriz de conteúdos/capacidades.

Os itens no teste podem ser:

- de seleção ou de construção.
- Escolha múltipla
- Associação
- Ordenação
- Verdadeiro/falso
- De complemento

Como itens de construção, podemos ter:

- Resposta
- Desenvolvimento

Teste de avaliação do ensino secundário 11.º ano

Escola secundária Camilo Castelo Branco

Teste de avaliação de história –11.º ano

Nota:

Data: __/__/__

Professor: ____

Ano__ N.º ____ Turma____

Aluno: _____

Leia com muita atenção e responda as seguintes questões:

Grupo 1

Da crise do século XIV à Europa do século XV

Crise de 1383 – 85

1 - Identifique as causas que estiveram na origem da crise do século XIV

2 – Enuncie qual o Rei que sucedeu ao trono depois da crise de 1383 - 1385



Documento 1 – Batalha de Aljubarrota

3 – Identifique quem comandava as tropas na batalha de Aljubarrota e em que data ocorreu a batalha.

4 – Descreva dois aspetos que permite concluir que a crise de 1383 – 85 poderia ter posto em risco a independência de Portugal.

Grupo II

A Europa do século XIV

1 - Identifique qual a guerra que durou mais tempo no século XIV e quais as nações que estiveram envolvidas.

2 - Enuncie as causas da peste bubónica

3 – Indique as causas que estiveram na origem da fuga dos camponeses do campo para a cidade.

Grupo III

A expansão marítima portuguesa

1 – Identifique qual a primeira cidade a ser conquistada pelos portugueses no início da expansão marítima e em que século?



Documento 2 - Navios de guerra portugueses.

2 – Desenvolva a seguinte afirmação: Portugal foi o primeiro estado a iniciar os descobrimentos no século XIV.

Critérios gerais de avaliação

1. Domínios/ponderações 2.1 Ensino Básico
2. Conhecimentos/Capacidades (75%)
3. Atitudes/Valores/Destrezas (25%)

Cotações

Grupo I

1.....	10 pontos
2.....	10 pontos
3.....	10 pontos
4.....	20 pontos
	50 pontos

Grupo II

<u>1</u>	10 pontos
2.....	20 pontos
3.....	30 pontos

Grupos III

1.....	10 pontos
2.....	20 pontos
	30 pontos

Grupos IV

1.....	20 pontos
2.....	20 pontos
3.....	20 pontos
4.....	30 pontos
	90 pontos

Total 200 pontos

Notas: Tese de avaliação do ensino secundário 11.º ano

A prova é cotada em 200 pontos (escala quantitativa)

Este teste tem 9 perguntas

E três grupos organizados em ordem crescente de dificuldade.

Os verbos das perguntas foram tirados da taxonomia de Bloom e incluem perguntas de conhecimento, compreensão e avaliação.

Os documentos estão identificados com legendas e números.

Exemplo de Taxonomia de Bloom

Conhecimento	Compreensão	Aplicação	Análise	Síntese	Avaliação
Enunciar	Classificar	Aplicar	Analisar	Articular	Apreciar
Descrever	Converter	Construir	Calcular	Compor	Ajuizar
Definir	Descrever	Demonstrar	Categorizar	Construir	Avaliar
Distinguir	Discutir	Empregar	Classificar	Criar	Criticar
Identificar	Explicar	Esforçar	Comparar	Desenvolver	Comparar
Listar	Identificar	Escolher	Constratar	Dirigir	Defender
Memorizar	Inferir	Escrever	Criticar	Elaborar	Detectar
Nomear	Interpretar	Ilustrar	Discriminar	Estruturar	Escolher
Ordenar	Ilustrar	Interpretar	Examinar	Esquematizar	Elaborar
Reconstruir	Generalizar	Operar	Experimentar	Formular	Explicar
Rotular	Localizar	Praticar	Investigar	Inventar	Julgar
Reproduzir	Prever	Preparar	Testar	Modificar	Justificar

Escalas de classificação

Estas escalas podem ser qualitativas ou quantitativas.

Escalas qualitativas

Exemplo de uma escala qualitativa, a escala com cinco valores/categorias

Excelente	E
Muito bom.....	MB
Bom.....	B
Suficiente.....	S
Insuficiente.....	NS

Este é um exemplo de uma escala ordinal, uma vez que ordena os diversos valores segundo um dado processo de comparação, mas não indica a medida das diferenças entre valores.”

Situação idêntica se poderia apresentar numa escala cujas categorias são as primeiras cinco letras do alfabeto, A, B, C, D e E, que embora pouco usada no nosso país tem expressão noutros como por exemplo nos Estados Unidos da América.

Escalas quantitativas

Podemos falar em escala com valores quantitativos contínuos no caso da escala de 0 a 20 valores ou de 0 a 100. Estas escalas não só permitem ordenar, mas também conhece-se a medida das diferenças entre valores, pelo que podem ser usadas com os valores expressos em unidades, em décimas, ou em centésimas!

Existem escolas que seguem determinados modelos, por exemplo, algumas escolas escolhem a escala quantitativa ou a escala qualificativa, outros estabelecimentos de ensino podem escolher para a avaliação do trabalho produzido pelos alunos as duas escalas.

Exemplo do uso das duas escalas qualificativa e quantitativa

Excelente.....	100%
Muito bom.....	95%
Bom.....	75% a 80%
Suficiente.....	50% a 60%
Insuficiente.....	0% a 49%

TABELA DE DISCRITORES

Classificação de Parâmetros de Avaliação na Disciplina de História A

Avaliação da Participação dos Alunos nas Aulas (equivale a 20% da classificação final)	
Descritores do nível de desempenho	Classificação
Nível 5 O aluno participa sistematicamente nas aulas com correção e sentido de oportunidade, realizando todas as atividades solicitadas e adotando uma postura de colaboração e partilha de conhecimentos e capacidades com os restantes colegas da turma.	20
Nível intercalar (4,5)	18
Nível 4 O aluno participa regular e adequadamente nas aulas, quer de forma voluntária, quer quando solicitado. Não realiza as atividades propostas uma vez por período.	16
Nível intercalar (3,5)	14
Nível 3 O aluno participa ocasionalmente nas aulas, quer voluntariamente, quer quando solicitado, ou participa frequentemente de forma desajustada. Não realiza as tarefas propostas duas vezes por período.	12
Nível intercalar (2,5)	10
Nível 2 O aluno não participa voluntariamente nas aulas, fazendo-o de forma incorreta ou desajustada quando solicitado. Não realiza as tarefas propostas três vezes por período.	8
Nível intercalar (1,5)	6
Nível 1 O aluno não participa nas aulas, mesmo quando solicitado. Não realiza as tarefas propostas mais de três vezes por período.	4

Avaliação das atitudes e valores (equivale a 10% da classificação final)	
Descritores do nível de desempenho	Classificação
Nível 5 O aluno revela grande empenho e concentração em todas as atividades desenvolvidas nas aulas, incentivando, com sentido de responsabilidade, os restantes colegas da turma a adotarem igual postura. É pontual e nunca falta por motivos injustificados.	20
Nível intercalar (4,5)	18
Nível 4 O aluno revela empenho e concentração nas atividades que realiza nas aulas, mas, por vezes, adota comportamentos perturbadores da concentração dos colegas. Falta injustificadamente ou chega atrasado uma vez por período.	16
Nível intercalar (3,5)	14
Nível 3 O aluno demonstra algum empenho, mas nem sempre consegue concentrar-se nas atividades realizadas nas aulas. Falta injustificadamente ou chega atrasado duas vezes por período.	12
Nível intercalar (2,5)	10
Nível 2 O aluno revela desconcentração e falta de empenho, mas não perturba o funcionamento das aulas. Falta injustificadamente ou chega atrasado três vezes por período.	8
Nível intercalar (1,5)	6

<p>Nível 1</p> <p>O aluno revela total ausência de empenho e concentração, adotando comportamentos perturbadores das aulas. Falta injustificadamente ou chega atrasado mais que três vezes por período.</p>	<p>4</p>
---	----------

SEGUNDA PARTE – Experiência educativa “A revolução Francesa e Americana”

A Escola Secundária Camilo Castelo Branco



Imagem 1 – Escola secundária Camilo Castelo Branco

A ESCCB pertence ao agrupamento de escolas de Carnaxide ao qual fazem parte as seguintes escolas secundárias:

Escola secundária Camilo Castelo Branco - Sede de agrupamento

Escola secundária Jl São Bento – Valejas

Escola secundária Jl Antero Basalisa - Carnaxide

Escola secundária Sylvia Philips - Carnaxide

Escola secundária Vieira da Silva - Carnaxide

O nosso estágio decorreu como professor - estagiário na escola Camilo Castelo branco em Carnaxide.

Oferta escolar

Ensino Básico – 7,8 e 9º ano;

Ensino Secundário - 10.º, 11.º e 12.º ano;

Ensino profissional – 10(1.º), 11(2.º)12(3.º) ano.

A escola Secundária Camilo Castelo Branco iniciou a sua atividade em 1985, fica num local com 3,9 hectares, inicialmente chamava – se escola secundária de Carnaxide mas depois de se escutar a comunidade escolar, mudou – se o nome para o seu patrono Camilo Castelo Branco, tendo em consideração a importância que o escritor teve para a língua portuguesa, mas sobretudo pela sua estadia em Carnaxide onde viveu algum tempo.

A nossa impressão da escola secundária Camilo Castelo Branco é muito positiva porque quando entramos pela primeira vez na escola fomos muito bem recebidos, neste caso pelas auxiliares de educação muito simpáticas e prestáveis.

As instalações por dentro e por fora têm um aspeto moderno. A escola foi restaurada à pouco tempo. Existem muitos alunos (as) a turma onde ficamos a estágio e a dar aulas é 11.º D e estão inscritos 25 alunos achamos os alunos grosso modo interessados, inteligentes e simpáticos.

E todos dentro da faixa etária dos 16, 17 anos. Quando assistimos às primeiras aulas percebemos que alguns alunos formaram grupos principalmente nas mesas que ficam no fundo da sala.

E eram mais esses alunos que incomodavam a professora com comportamentos que podemos afirmar de funestos para o normal funcionamento das aulas.

Estes alunos tinham muitas conversas paralelas e a professora tinha alguma dificuldade em manter os alunos calados.

As salas são amplas com todos os recursos a funcionarem muito bem quer o projetor de PowerPoint quer os computadores.

Carnaxide



Imagem 2 – foto de Carnaxide

Carnaxide é uma Vila portuguesa do concelho de Oeiras onde está inserida a escola Camilo Castelo Branco. Foi elevada a vila em 1991. Foi extinta (agregada) pela reorganização administrativa de 2012/2013. A sua densidade era no ultimo senso de 3 908,01 hab/km².

Neste momento o seu território pertence à união de freguesias de Carnaxide e Queijas. Carnaxide é a terceira freguesia mais antiga do país, mencionada pela primeira vez no século XIV, a sua origem remonta ao século XIII

No século 16 a 13 de Fevereiro de 1597 D. Antão de Almada recebe do Rei D. Filipe I, uma carta de mercê desta freguesia referindo – se como reguengo que era outro nome para “terras que pertenciam ao Rei”.

Esta freguesia foi durante alguns anos a maior de Portugal – neste momento em Portugal a maior é Algueirão - Mei – Martins.

A sua principal atividade economica está relacionada com o fato de naquela freguesia estarem sediadas grandes empresas como por exemplo, EFACEC, Sumol, ou Mota – Engil e também de pequeno comércio.

Demografia

Em 2011 viviam em Carnaxide 25.911 habitantes tendo crescido muito em dez anos já que segundo os censos realizados em 2001 referem 21. 514 habitantes.

Equipamentos e espaços públicos

Carnaxide possui um Centro civico onde se localiza o auditório Ruy de Carvalho, a junta de Freguesia, a biblioteca Municipal de Carnaxide, uma paróquia e um centro de dia. Tem vários jardins o mais conhecido é o jardim que tem o nome do poeta Fernando Pessoa.

Património

- Aqueduto
- Aqueduto das águas livres
- Igreja de são Romão
- Santuário da Sra da Rocha
- Farol da mama

Alunos versus realidade social

No que diz respeito à realidade social em que os alunos vivem analisando o que vimos na Escola Secundária Camilo Castelo Branco deduzimos que não haja questões de maior com os alunos.

Nunca assistimos a violência dentro da escola longe disso, os alunos são muito simpáticos e dentro da sala de aula há alunos muito interessados, mas existem outros que nem tanto, alguns alunos falam muito dentro da sala, às vezes parece que estão num café.

Em redor da escola o ambiente é muito bom nunca observamos nada que pudesse sequer parecer atos violentos, por outro lado a zona tem muitos cafés, vários tipos de comércio, tudo pessoas ordeiras e nos cafés onde estive nunca ouvimos queixas de assaltos ou qualquer coisa desse género.

A zona residencial onde a escola está inserida os prédios são altos de aspeto recente tem boas acessibilidades e o parque de estacionamento é gratuito.

Caracterização da turma

No que diz respeito à turma e às notas que a turma teve no primeiro período falamos com a professora Maria José Ferreira sobre as notas dos alunos a professora referiu que eram fracas mas que havia bons alunos (as).

No que conseguimos observar as alunas pareceram – nos (tirando as faladoras) mais aplicadas, que os rapazes, e eram aquelas que faziam mais perguntas, sempre a escreverem tudo o que os professores escreveram no quadro.

Os alunos (as) por outro lado estavam sempre muito bem vestidos e arranjados as mochilas impecáveis, a nossa conclusão é que os alunos são de classe média média-alta.

Os alunos da escola são na maior parte brancos mas também existem africanos e mestiços, não vimos nenhum asiático.

Na turma 11.º D a maioria são brancos, talvez um terço de africanos e alguns mestiços, a idade ronda entre os 16 e os 17 anos as alunas fizeram mais perguntas que os alunos.

A nossa conclusão é que Carnaxide é um bom local para viver porque os alunos na escola estão tranquilos, não há violência verbal ou física entre os alunos na escola ou fora dela, e ajudaram nos quando demos as nossas aulas, tendo um comportamento que podemos considerar de bom.

Aulas assistidas

Lição n.º 1

08-10-2017

Sumário: O reforço das economias nacionais e tentativas do controlo do comércio.

Estão presentes na aula 25 alunos.

A professora deu a matéria e depois pediu aos alunos para lerem textos do manual e depois fez perguntas aos alunos.

Aqueles que dizem que não querem ler a professora não os pressiona e pede a outros alunos para lerem.

Os alunos muitas vezes tem conversas paralelas o que deixou a professora um pouco irritada e teve de mandar calar os alunos algumas vezes.

Lição n.º 2

14-10-2017

Sumário: O reforço das economias nacionais e tentativas do controlo do comércio.

Estão presentes na aula 25 alunos.

Os alunos estiverem bem comportados

Lição n.º 3

21-10-2017

Sumário: O reforço das economias nacionais e tentativas do controlo do comércio.

Estão presentes na aula 25 alunos.

Os alunos estiverem bem comportados

Lição n.º 4

28-10-2017

Sumário: O reforço das economias nacionais e tentativas do controlo do comércio.

Estão presentes na aula 25 alunos

Nesta aula houve alguns atos de indisciplina que a professora teve de conter mudando alguns alunos de lugar.

Lição n. 5

05-11- 2017

Sumário:

O reforço das economias nacionais e tentativas de controlo do comércio.

Os alunos estiveram bem comportados

Lição n.6

08-11-2017

Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas:

O mercantilismo, o reforço das economias nacionais

E tentativas de controlo do comércio

Aula dada por nós

Estão presentes 24 alunos, a professora cooperante Maria José Ferreira e um colega do primeiro ano o Osvaldo.

Utilizamos o Powerpoint e o manual pedimos aos alunos para lerem alguns textos e depois pedimos para responderem a cinco questões que estavam no manual.

Os alunos tiveram um comportamento que podemos classificar de bom.

Lição n. 7

09-11-2017

Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas:

O império colonial inglês séculos XVII e XVIII, O Mercantilismo inglês.

Aula dada por nós

Estão presentes 24 alunos, a professora cooperante Maria José Ferreira e um colega do segundo ano Marcelo.

Utilizei o Powerpoint e o manual pedimos aos alunos para lerem alguns textos e depois pedimos para responderem a cinco questões que estavam no manual.

Os alunos estiveram um comportamento que podemos classificar de bom.

Lição n.º 8

10-11-2017

Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas nos Séculos XVII e XVIII.

O equilíbrio europeu e a disputa das áreas coloniais.

Aula dada por nós

Estão presentes 25 alunos, a professora cooperante Maria José Ferreira

Utilizamos o Powerpoint e o manual e pedimos aos alunos para lerem alguns textos, depois pedimos os discentes para responderem a cinco questões que estavam no manual.

Os alunos estiveram um comportamento que podemos classificar de bom.

Lição n.º 9

15 – 11 - 2017

Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas:

A hegemonia económica britânica: condições de sucesso e arranque industrial

Aula dada por nós

Estão presentes 25 alunos, a professora cooperante Maria José Ferreira

Utilizamos o Powerpoint e o manual pedimos aos alunos para lerem alguns textos, depois pedimos para responderem a cinco questões que estavam no manual.

Os alunos estiveram um comportamento que podemos classificar de suficiente porque no início da aula tivemos alguma dificuldade em controlar os alunos que nos interromperam algumas vezes.

Lição n.º 10

29 – 11 - 2017

Sumário: Preparação para o teste formativo

Exercícios de aplicação

Estão presentes 25 alunos e dois colegas do primeiro ano.

A professora utilizou o Powerpoint da escola virtual da editora areal para dar a aula e para fazer revisões.

Lição n.º 11

06 – 12 - 2017

Sumário: A filosofia das luzes

Estão presentes 25 alunos

Os alunos tiveram alguns atos de indisciplina que a professora tentou controlar mandando calar os alunos várias vezes.

Lição n.º 12

04-01-2018

Sumário: A filosofia das luzes

Exercícios de aplicação retirados do manual

Estão presentes 24 alunos.

Os alunos tiveram um bom comportamento

Lição n.º 13

5 -01-2018

Sumário:

A filosofia das Luzes

Estão presentes 25 alunos.

Os alunos tiveram alguns atos de indisciplina que a professora tentou controlar mandando calar os alunos várias vezes.

Aula n.º 14

09-01-2018

Sumário: A revolução americana

Aula dada nós

Utilizamos o PowerPoint na primeira parte da aula, quizemos passar um video mas não havia internet e depois quizemos tirar fotocópias para os alunos responderem a um questionário mas a repositória da escola estava fechada, apesar disso conseguimos projetar o documento com as perguntas no quadro utilizando o projetor e tudo se resolveu.

Esta aula teve um aspeto positivo que foi: quando se dá uma aula tem de se ter sempre um plano "B" porque nunca sabemos se a Internet falha ou se a repositória está fechada e não podemos tirar fotocópias ou outra falha qualquer.

Aula.nº 15

10-01-2018

Sumário: A revolução americana

Aula dada por nós

Estão presentes 25 alunos e a professora cooperante

Utilizamos o PowerPoint na primeira parte da aula e depois passamos um video sobre a revolução Americana. pedimos aos alunos para responderem a cinco questões e para trabalharem em grupo de dois a dois e depois entregarem - nos as folhas.

Aula.º 16

11-01-2018

Sumário: A revolução francesa

Aula dada por nós

Estão presentes 25 alunos e a professora cooperante

Utilizamos o PowerPoint e pedimos aos alunos para lerem dois textos do manual já não houve tempo para responderem a algumas questões.

Os alunos estiveram um pouco inquietos e indisciplinados mas apesar de tudo conseguimos dar a matéria prevista para esta aula.

Aula n.º 17

17-01-2018

Sumário: A revolução Americana

Aula dada por nós

Estão presentes 25 alunos e a professora cooperante

Utilizamos o PowerPoint na primeira parte da aula e passamos dois videos de curta duração cerca de dez minutos cada um, depois pedimos aos alunos para lerem dois textos sobre a matéria do manual, houve duas alunas que se ofereceram para ler.

Neste caso não nos esquecemos após a leitura dos alunos de motivarmos estes com um “muito bem obrigado” depois pedimos aos discentes para trabalharem em grupos de

dois a dois e entregarem nos depois as folhas com as respostas às perguntas do questionário.

No que diz respeito às aulas que assistimos, estas aulas que assistimos foram muito proveitosas para a nossa formação enquanto professores, porque podemos observar in loco uma docente já com bastante experiência a ensinar.

A nossa observação que fizemos das aulas tiramos várias conclusões:

Por exemplo é muito importante olharmos os alunos nos olhos (manter contato visual com os alunos) e falarmos para os alunos que estão à nossa frente mas também para aqueles estão no fundo da sala.

A aula tem noventa minutos (45 minutos mais 45 minutos) e temos de ter matéria para noventa minutos porque a meio da aula não podemos ficar a olhar para os alunos sem nada para dizer.

É necessário por outro lado construir as aulas o mais interessantes possíveis para que os alunos estejam o mais possíveis focados nos conteúdos que temos para lhes passar.

Fazer uma boa utilização dos recursos didáticos como por exemplo do PowerPoint, dos videos, e da Internet pode ajudar em muito as aulas a serem interessantes. Primeiro porque existem muitas imagens na Internet e muitos sites para visitar com conhecimentos para por exemplo tirarmos dúvidas aos alunos.

Os videos são muito importantes para cimentar conhecimentos e o PowerPoint pode ser uma ferramenta muito útil para colocar os conhecimentos informações que queremos passar aos alunos.

Atuação da professora na sala de aula

A professora Maria José Ferreira foi a nossa professora cooperante na escola Secundária Camilo Castelo Branco e foi sempre muito simpática, desde que a conhecemos por outro lado motivou - nos sempre para que trabalhassemos, para assim, conseguir mos alcançar os nossos objectivos.

Metódo de ensino:

O método de ensino da professora Maria José Ferreira é um metodo expositivo discursivo. Primeiro dá a matéria depois como apoio, a professora usa o manual do 11.º ano, i, é pede aos alunos para lerem um texto do manual, mas não obriga os alunos a ler, se o aluno quiser ler lê senão passa a outro.

Depois pede aos alunos para responderem às perguntas do manual muitas vezes tem de explicar muito bem o que as perguntas querem dizer, porque nem sempre é claro e como me explicou a professora o vocabulário dos alunos é curto.

A professora Maria José Ferreira quando passa as informações e conhecimentos para os alunos falo de uma maneira eficaz, escreve o essencial no quadro, e esclarece qualquer dúvida dos alunos.

Disciplina de história

A professora tendo em consideração que tem 25 alunos na turma 11.º D, na qual demos aulas, tem muito trabalho, tem de fazer controlo da turma porque estes falam muito, e por vezes é difícil conter os atos de indisciplina, não gosta de mandar alunos para a rua. E por outro lado os alunos tem respeito há professora.

E na maior parte da aula estão calados quando isso não acontece a professora sabe impor – se mas por outro lado existem pelos menos quatro alunos que estavam sempre a testar a paciência da professora que amiude tinha de os mandar calar.

Só na última aula que assistimos é que a professora irritou – se um pouco com duas alunas que não se calavam falavam sobre outras “coisas” que nada tinham a haver com a matéria dada na aula, a docente pediu – lhes várias vezes para estarem caladas, como estas alunas não obedeceram a docente pediu às discentes para saírem, estas disseram que não que não saíam e que por outro lado que iam ficar caladas e a professora condescendeu e deixou – as ficar.

Podemos aqui afirmar perentoriamente que foi a primeira vez que a docente não teve alternativa senão pedir as alunas para saírem da sala, porque estas estavam a falar muito em sala de aula importunando aqueles que queriam aprender.

A professora cooperante Maria José Ferreira para conter atos de indisciplina também recorreu a outras soluções para controlar esses mesmos atos, que foi separar os alunos mudando - os algumas vezes de carteira.

No que diz respeito à matéria que tem para dar a professora é muito segura e consegue dar as aulas facilmente explicando a matéria de uma maneira muito simples para que todos possam entender.

Descrição das aulas assistidas

No que diz respeito às aulas que assistimos na Escola secundária Camilo Castelo Branco estávamos um pouco preocupados com alguns casos de indisciplina, que ocorrerem no ano letivo anterior. Mas que não se veio a verificar porque os alunos mais indisciplinados no ano letivo 2017 – 2018 já não se inscreveram por terem atingido limite de idade.

Por outro lado os alunos participam bastante nas aulas e existem bons alunos, também porque a professora põe os alunos a lerem os textos e a responderem a perguntas do manual, uma das coisas que aprendemos é que tem de se explicar muito bem as perguntas por que os alunos têm alguma dificuldade em compreender o que lhes é pedido.

A professora cooperante disse - nos que os alunos têm um vocabulário um pouco limitado e tendo isso em consideração tem de se explicar aos alunos tudo muito bem e depois fazer perguntas para comprovar que os alunos aprenderam o que lhes foi ensinado.

Nunca assistimos felizmente a agressões verbais ou físicas entre alunos nem qualquer discussão, consideramos que estes dão – se bem uns com os outros, os alunos têm respeito à professora cooperante mas esta tem de estar mais vezes do que é suposto a mandar calar os alunos.

Quando a professora pede aos alunos para lerem e responderem às questões eles respondem e esforçam- se para responderem e no geral respondem bem pelos menos nesse aspetos são esforçados.

E também não são alunos de faltar muito por aquilo que nos foi dado a observar a taxa de absentismo é baixa.

A idade deles ronda os 16, 17 anos são todos da mesma idade às vezes um pouco infantis mas típico daquelas idades, mas também com qualidades, nas nossas aulas como sabiam que nós estávamos a ser avaliados tiveram um bom comportamento.

As aulas que assistimos que ainda foram algumas nenhuma era na mesma sala à quarta – feira era na sala 0_48, à quinta – feira na sala 0_51 à sexta – feira na sala 0_50.

O que também nós permitiu conhecer melhor a escola e não ficar confinado sempre no mesmo espaço, conhecemos, também a sala de professores cortesia da professora Maria José Ferreira onde tivemos algumas reuniões, a cantina da escola, algo que nos

despertou a atenção foi que esta, funciona só com cartões, nem os professores pagam em dinheiro tem de ser com um cartão, consideramos que está muito bem feito porque assim os alunos não se fazem mau uso do dinheiro.

O método de ensino utilizado

O método de ensino que utilizamos nas nossas aulas foi o método expositivo – discursivo por outro lado usamos também vários recursos didáticos como apoio nas nossas aulas estes recursos foram:

- O manual
- PowerPoint
- E os videos
- E a Internet

O método expositivo

Este método é por vezes designado de dedutivo, é o método de acordo com o qual o docente apresenta, conceitos, afirmações, deduções a partir do qual o raciocínio do professor decorre, os alunos também podem participar enquanto o professor explica a matéria.

O centro do ensino neste método é o docente e as aulas são dadas numa estrutura de fases, em cada fase o professor vai disponibilizando, conhecimentos e informação e coloca questões aos alunos convidando os discentes a participar.

O aluno responde e o professor vai dando feedback, aprovando ou corrigindo as respostas dos alunos.

O professor para controlar o desenvolvimento da aprendizagem fá – lo por ciclos de iniciação, resposta e avaliação

As escola significativa de David Ausubel

A origem deste método está em David Ausubel psicólogo educacional norte americano, e nas teorias da sua escola, a escola singnificativa

Este investigador propõe uma aprendizagem que tenha uma “estrutura cognitivista”, de modo a intensificar a aprendizagem significativa que definiu, como um processo de armazenamento de conhecimentos e informações que ao agrupar – se nas estruturas cognitivas dos alunos possa ser utilizada e manipulada por este, no futuro, através da organização e interação dos conteúdos aprendidos significadamente.

Para este autor a aprendizagem significativa é o processo em que os alunos se identificam com as informações e conhecimentos que o docente lhes passou, estas informações vão assim ancorar – se nos conceitos relevantes já existentes na estruturas cognitivas do aluno através da aprendizagem por descoberta e recepção.

Para este autor o **método expositivo** não significa que o aluno tenha uma atitude passiva na sala de aula, porque durante a aula a mente do aluno pode estar bastante ativa, a interpretar o discurso do professor.

Na fase expositiva os alunos à medida que ouvem vão relacionado o que ouvem e vêm com as suas estruturas cognitivas, tentando sempre organizar a informação e os conhecimentos recebidos com algo com significado.

A estrutura da apresentação dos conhecimentos pelo professor é muito importante para o sucesso deste tipo de ensino, porque uma aula bem estruturada pode dar - se as informações de modo a que os alunos possam ver o desenvolvimento de uma ideia e indo organizando conceitos.

Para David Ausubel para facilitar a aquisição de novos conhecimentos o docente deverá usar organizadores avançados de instrução. Estes organizadores podem ser avançados ou prévios.

Estes **organizadores avançados de instrução** são utilizados da seguinte maneira:

Os materiais introdutórios são aqueles que são apresentados antes dos conteúdos a serem apreendidos (alguns autores referem tratar – se de despotelar o conhecimento prévio).

A função principal é servir de ponte entre os conhecimentos que o aluno tem e aqueles que entretanto irá adquirir.

Quando se utiliza este método expositivo o docente pode fazer apresentações e iniciar os seus discursos com a ajuda das tecnologias que existem na sala de aula.

As tecnologias como por exemplo o PowerPoint podem ajudar o docente a complementar a sua apresentação oral

1. A focar a atenção dos alunos num tópico interessante
2. O professor pode disponibilizar materiais interessantes para os alunos discutirem
3. As aula com a utilização do PowerPoint podem tornar estas mais dinâmicas
4. O docente pode ainda enviar o ficheiro do PowerPoint quando a aula terminar para os alunos estudarem a matéria dada na sala de aula.

Conhecimento prévio da turma: as reuniões preliminares

A professora Maria José Ferreira pediu nos para ter uma reunião preliminar connosco, antes de darmos as aulas previstas no nosso mestrado em ensino há turma D do 11.º ano de história A, estavam presentes nessa reunião, na sala de história da escola secundária Camilo Castelo Branco o meu colega Marcelo do mestrado em história do 2.º ano e o Mestrando Osvaldo da turma do 1.º Ano.

A professora deu por terminada a reunião com o meu colega Marcelo e depois então tivemos a reunião com a docente.

Mostramo-lhe a planificação a curto prazo da primeira aula (do primeiro bloco de quatro aulas) e o PowerPoint, a professora aprovou a planificação e o PowerPoint, e depois teceu algumas considerações sobre o comportamento dos alunos e pediu – nos «para termos rédea curta» para assim manter – mos os discentes disciplinados durante a aula.

Concordámos que íamos fazer o possível para controlar os alunos, depois da reunião terminar o colega Osvaldo pediu – nos para assistir à primeira aula respondemos que sim que podia assistir.

No que diz respeito ao método utilizado por nós a docente Maria José Ferreira pediu – nos para dar aula a primeira aula com auxílio do PowerPoint, e depois para pedirmos aos alunos para lerem os textos do manual, a seguir tínhamos de lhes pedir para responderem às perguntas que existem no final de cada módulo do manual escolar.

Por outro lado já conhecíamos a turma porque já tínhamos assistido a algumas aulas dadas pela professora cooperante e algo muito importante, os discentes também já nos conheciam o que facilitou o processo de introssamento entre os alunos e os professores estagiários.

Porque também logo nas primeiras aulas a professora Maria José Ferreira apresentou – nos aos alunos, e explicou – lhes que os professores estagiários iam dar dois blocos de quatro aulas, e que era importante a colaboração dos alunos porque os professores estagiários também estavam a ser avaliados.

Os alunos nesse aspeto tiveram um comportamento que classificamos de bom porque compreenderam que os mestrandos estavam a ser avaliados e fizeram um esforço para alterar o seu comportamento para melhor.

A gestão do tempo em sala de aula

Uma das questões que abordadas com a professora Maria José Ferreira foi a gestão do tempo em sala de aula, a professora disse – nos que tínhamos de iniciar a aula e finaliza – la e que a aula tem 90 minutos.

E que não podíamos ficar a meio da aula sem matéria para dar aos alunos era uma situação anti pedagógica que a docente queria a todo o custo que evitassemos.

E assim fizemos tivemos sempre em consideração que a aula tem 90 minutos e tendo isso em consideração, preparámos os slides do PowerPoint para metade da aula os slides eram mais ou menos 20, tendo a atenção de não colocar mais de três linhas de texto em cada slide para não os sobrecarregar, no que diz respeito às imagens tentamos descobrir as melhores, porque sabemos que isso prende e aumenta o foco dos alunos e também faz com que os discentes mantenham o interesse na matéria.

E depois pedíamos aos alunos ou para lerem os textos do manual, ou pedíamos para responderem a um questionário. Tínhamos sempre um plano “B” caso sobrasse tempo avançávamos com algo que pudesse ser útil aos alunos, mas sempre de acordo com a didática e a pedagogia aconselhada para os alunos que frequentam o 11.º ano de escolaridade história A.

Por aquilo que podemos observar os discentes gostam de participar nas aulas não gostam de estar simplesmente, na sala de aula, a tirar apontamentos querem algo mais querem participar na aula.

Neste caso fizemos isso mesmo tentamos que os alunos participassem na aula como? Por exemplo: fazendo perguntas aos alunos mas não ad hominem mas sim perguntando à turma, algo sobre a matéria.

Por outro lado quando os alunos acabavam um questionário pedimos também respondessem às questões o que faziam, amiude.

Em algumas aulas colocamos videos sobre a matéria para cimentar as informações e conhecimentos já passados aos discentes.

Estratégia que utilizamos para fazer uma boa gestão do tempo

- 1 – Tentámos construir sempre a aula o mais interessante possível foi a nossa primeira permissa
- 2 – Depois colocamos no PowerPoint aproximadamente 20 slides não usamos mais de três linhas de texto por slide
- 3 – Na segunda metade da aula usamos o manual para dar a aula como? Pedimos aos alunos para lerem textos e responderem às perguntas do manual.
- 4 – Fizemos perguntas aos alunos convidando - os a participar na aula
- 5 – Colocamos videos para os alunos verem e cimentarem conhecimentos e tivemos sempre um feedback muito positivo por parte dos alunos.

Planificação a médio prazo

1.º período

ESCOLA SECUNDARIA CAMILO CASTELO BRANCO

Ano Letivo 2016 – 2017

HISTÓRIA A – 11º Ano

Planificação a Médio Prazo

1º Período

Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – Sociedade, Poder e Dinâmicas Coloniais

Competências gerais

Tratamento de informação/Utilização de fontes

- Interpreta fontes históricas em suportes diversos e com mensagens diversas, cruza-as nas suas mensagens, nas suas intenções e na sua validade, e seleciona fontes para fundamentar as suas decisões e as suas hipóteses explicativas da realidade

Compreensão histórica

- Localiza no tempo e no espaço eventos e processos históricos e contextualiza-os.
- Localiza no tempo e no espaço eventos e processos históricos, contextualiza-os e toma posição crítica perante eles.

Comunicação em História

- Constrói/redige uma narrativa escrita e oral da realidade e participa em debates, fundamentando a sua opinião em fontes diversificadas,

TEMAS/CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS	APRENDIZAGENS	CONCEITOS	AULAS (BLOCOS DE 90 MIN.)
1. População da Europa nos séculos XVII e XVIII: crises e crescimento. 1.1. Regressão demográfica do séc. XVII. 1.2. Uma nova demografia e crescimento demográfico no séc. XVIII.	<ul style="list-style-type: none">- Situar cronológica e espacialmente- Pesquisar de forma autónoma mas planificada- Analisar fontes de natureza diversa- Analisar textos historiográficos- Elaborar e comunicar com correção linguística- Contextualizar os assuntos abordados	<ul style="list-style-type: none">- Reconhecer nas crises demográficas um fator de agravamento das condições do mundo rural e de perturbação da tendência de crescimento da economia europeia	Crise demográfica	2

<p>2. A Europa dos Estados Absolutos e a Europa dos Parlamentos.</p>	<p>- Pesquisar de forma autónoma mas planificada, em meios diversificados, informação</p>	<p>. Compreender os fundamentos da organização político-social do Antigo Regime e as expressões que a mesma assumiu</p>	<p>Economia pré-industrial</p>	<p>8</p>
<p>2.1 Estratificação Social e Poder Político nas Sociedades do Antigo Regime.</p>	<p>Ao relevante para assuntos em estudo organizando-a segundo critério de pertinência</p>		<p>Antigo Regime</p>	
<p>A Sociedade de ordens assente no privilégio e garantida pelo absolutismo régio de direito divino. Pluralidade de estratos sociais, de comportamentos e de valores. Os modelos estéticos de encenação do poder.</p>	<p>- Analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado.</p>	<p>. Compreender a importância da afirmação de parlamentos numa Europa de estados absolutos</p>	<p>Monarquia absoluta</p>	
<p>Sociedade e poder em Portugal: preponderância da nobreza fundiária e mercantilizada. Criação do aparelho burocrático do Estado absoluto no séc. XVII. O absolutismo joanino.</p>	<p>- Analisar textos historiográficos identificando a opinião do autor.</p>	<p>. Compreender que o equilíbrio político dos Estados no sistema internacional dos séculos XVII e XVIII se articula com o domínio dos espaços coloniais.</p>	<p>Ordem/estado</p>	
<p>2.2 A Europa dos Parlamentos: Sociedade e Poder Político</p>	<p>- Situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com o contexto em que ocorreram</p>		<p>Estratificação social</p>	
<p>Afirmção política da burguesia nas Províncias Unidas, no séc. XVII. Grotius e a legitimação do domínio dos mares.</p>	<p>- Identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos circunscritos no tempo e no espaço</p>	<p>. Compreender que o equilíbrio político dos Estados no sistema internacional dos séculos XVII e XVIII se articula com o domínio dos espaços coloniais.</p>	<p>Mobilidade social</p>	
<p>Recusa do Absolutismo na Sociedade Inglesa; Locke e a justificação do Parlamentarismo.</p>		<p>. Reconhecer nas práticas mercantilistas modos de afirmação das economias nacionais.</p>	<p>Sociedade de Corte</p>	
			<p>Parlamento</p>	<p>8</p>

<p>3. Triunfo dos Estados e dinâmicas económicas nos séculos XVII e XVIII</p> <p>3.1 Reforço das economias nacionais e tentativas do controlo do comércio; o equilíbrio Europeu e a disputa das áreas coloniais.</p> <p>3.2 A hegemonia económica Britânica: condições de sucesso e arranque industrial.</p> <p>3.3 Portugal – dificuldades e crescimento Económico.</p> <p>Da crise comercial de finais do século XVII à apropriação do ouro brasileiro pelo mercado britânico.</p> <p>A política económica e social pombalina.</p> <p>A prosperidade comercial de finais do séc. XVIII.</p> <p>4. Construção da Modernidade Europeia</p> <p>4.1 O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza.</p>	<p>- Situar e caracterizar aspetos relevantes da história de Portugal, europeia e mundial</p> <p>- Relacionar a história de Portugal com a história europeia e mundial distinguindo as articulações, dinâmicas e analogias/especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional e local</p> <p>- Elaborar e comunicar com correção linguística e de forma criativa, sínteses de assuntos estudados, estabelecendo os seus traços definidores, distinguindo situações de rutura e de continuidade, utilizando, de forma adequada a terminologia específica.</p> <p>- Utilizar as tecnologias de informação e comunicação manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos</p>	<p>. Identificar o poder social da burguesia nos finais do século XVIII como resultado dos dinamismos mercantis e da aliança com a realeza na luta pelo fortalecimento do poder real</p>		8
		<p>. Relacionar a formação de um mercado nacional e o arranque industrial ocorridos em Inglaterra com a transformação irreversível das estruturas económicas</p> <p>. Compreender a influência das relações internacionais nas políticas económicas portuguesas e na definição do papel de Portugal no espaço europeu e atlântico</p>	<p>Capitalismo comercial</p> <p>Protecionismo</p> <p>Mercantilismo</p> <p>Balança comercial</p> <p>Exclusivo comercial</p> <p>Companhia monopolista</p> <p>Comércio triangular</p> <p>Tráfico negreiro</p> <p>Bandeirante Manufatura</p> <p>Bolsa de valores</p> <p>Mercado nacional</p>	

<p>4.2 A Filosofia das Luzes: apologia da razão do progresso e do valor do indivíduo; defesa do direito natural, do contrato social e da separação dos poderes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Assumir responsabilidades em atividades individuais e de grupo - Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas 		<p>Revolução Industrial</p>	
<p>4.3 Portugal – O Projecto Pombalino de inspiração Iluminista: a modernização do Estado e das instituições, ordenação do espaço urbano; a reforma Do ensino.</p> <p><i>Porém, esta mantém?</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Manifestar abertura à dimensão intercultural das sociedades contemporâneas - Disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação 	<p>Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação da filosofia das Luzes para a construção da modernidade europeia.</p>	<p>Iluminismo</p>	<p>8</p>

Planificação a médio prazo

2.º Período

X

Planificação a Médio Prazo

2º Período

Módulo 5 – O liberalismo – Ideologia e Revolução, Modelos e Práticas nos séculos XVIII e XIX

TEMAS/CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS	APRENDIZAGENS	CONCEITOS	AULAS (BLOCOS DE 90 MIN.
1. A Revolução Americana, uma revolução fundadora Nascimento de uma Nação sob a égide dos ideais Iluministas	- Pesquisar de forma autónoma mas planificada, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo organizando-a segundo critério de pertinência	. Identificar revolução com um momento de rutura e de mudança irreversível de estruturas	Revolução liberal	2
2. A Revolução Francesa – Paradigma das revoluções liberais e burguesas. 2.1 A França nas vésperas da Revolução. 2.2 Da nação soberana ao triunfo da revolução burguesa: a desagregação da ordem social de Antigo Regime; a monarquia constitucional; a Obra da Convenção; o Regresso à paz civil e a Nova ordem institucional e jurídica.	- Analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado. - Analisar textos historiográficos identificando a opinião do autor. - Situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com o contexto em que ocorreram	. Compreender o fenómeno revolucionário liberal como afirmação da igualdade de direitos e da supremacia do princípio da soberania nacional sobre o da legitimidade dinástica	Constituição Monarquia Constitucional Soberania nacional	8
3. A Geografia dos movimentos revolucionários na primeira metade do século XIX: as vagas revolucionárias liberais nacionais.	- Identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos circunscritos no tempo e no espaço		Sistema representativo Estado laico Sufrágio censitário	1

<p>5.2 O Romantismo, expressão da ideologia liberal.</p> <p>A revalorização das raízes históricas das nacionalidades; exaltação da liberdade; a explosão do sentimento na literatura, nas artes plásticas e na música.</p> <p>Módulo 6- A civilização Industrial-economia e sociedade; nacionalismos e choques imperialistas</p> <p>1. As transformações económicas na Europa e no Mundo</p> <p>1.1 A expansão da Revolução Industrial.</p> <p>Novos inventos e novas fontes de energia; a ligação ciência-técnica. Concentração industrial e bancária; racionalização do trabalho.</p> <p>1.2 A geografia da industrialização. A hegemonia inglesa. A afirmação de novas potências; a permanência de formas de economia tradicional</p> <p>1.3 A agudização das diferenças.</p> <p>A confiança nos mecanismos autorreguladores do mercado. As crises do capitalismo.</p> <p>O mercado internacional e a divisão internacional do trabalho.</p>	<p>- Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas</p> <p>- Manifestar abertura à dimensão intercultural das sociedades contemporâneas</p> <p>- Disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação</p>	<p>. Reconhecer que a ideologia liberal, resultante de uma longa</p> <p>Maturação, se consolida no período de estabilização posterior ao processo revolucionário</p> <p>. Identificar as alterações da mentalidade e dos comportamentos que acompanham as revoluções liberais</p> <p>. Valorizar a consciencialização da universalidade dos direitos humanos, a exigência de participação cívica dos cidadãos e a legitimidade dos anseios de liberdade dos indivíduos e dos povos</p> <p>. Relacionar a dinâmica do crescimento industrial com o caráter cumulativo dos progressos técnicos e a exigência de novas formas de organização do trabalho</p> <p>. Relacionar os desfasamentos cronológicos da industrialização com as relações de domínio ou de dependência estabelecidas a nível mundial.</p> <p>. Reconhecer as características das crises do capitalismo liberal.</p>	<p>Progressos Cumulativos</p> <p>Capitalismo industrial</p> <p>Estandardização</p> <p>Livre-cambismo</p> <p>Crise cíclica</p>	<p>8</p>
--	--	---	--	----------

Planificação Aula 1



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 1.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 08/11/2017	
Tema/sub unidade: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas, nos séculos XVII e XVIII	Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas: O mercantilismo, o reforço das economias nacionais e tentativas de controle do comércio Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">○ Compreender que o equilíbrio político dos estados no sistema internacional dos séculos XVII e XVIII se articula com o domínio de espaços coloniais.○ Reconhecer, nas práticas mercantilistas, modos de afirmação das economias nacionais.○ Identificar o poder social da burguesia nos finais do século XVIII como resultado dos dinamismos mercantis e da realeza na luta pelo fortalecimento do poder real.○ Relacionar a formação de um mercado nacional e o arranque industrial ocorridos em Inglaterra com a transformação das estruturas económicas.○ Compreender a influência das relações internacionais nas políticas económicas portuguesas e na definição do papel de Portugal no espaço europeu e atlântico	
Questões orientadoras: <p>Quais as razões que fizeram com que os estados triunfassem nos séculos XVII e XVIII?</p> <p>Que estratégias económicas utilizaram?</p> <p>O que entende por mercantilismo, protecionismo, balança comercial, manufatura</p> <p>Como foi utilizado o império português para enriquecer o estado?</p>	Conceitos: <p>Mercantilismo</p> <p>Protecionismo</p> <p>Balança comercial</p> <p>Manufatura</p>

<p>Quais as razões que fizeram pusseram em risco os territórios do Império português?</p> <p>Quais os territórios que Portugal conseguiu recuperar?</p> <p>Portugal foi uma potência económica no século XVII quais foram as outras potências?</p> <p>Porquê é que os estados davam tanta importância à descoberta de novas rotas novos, mercados?</p>	
<p>Situações estratégicas de aprendizagem:</p> <p>Entrada, sumário (10 minutos)</p> <p>Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática “ Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas, nos séculos XVII e XVIII” Porquê, quando, como? Com recurso a powerpoint (10 minutos)</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho com duas questões elaboradas pelo professor sobre as principais dificuldades que afetaram o império português do oriente e do atlântico, desde os finais do século XVI e, sobretudo, no século XVII e três razões que levaram o autor a afirmar que 1661 é o ponto infimo do poder português. (20 minutos)</p> <p>Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pela professor no powerpoint (5 minutos)</p> <p>Aula expositiva – dialogada com os alunos sobre a temática do mercantilismo, mercantilismo de Colbert, protecionismo, balança comercial e manufatura com recurso a powerpoint (20 minutos)</p> <p>Correção oral de uma ficha de trabalho sobre a temática as práticas mercantilistas, o que é o mercantilismo, as consequências do mercantilismo, os princípios defendidos por Colbert. (15 minutos)</p> <p>Visualização de um pequeno video sobre o mercantilismo retirado do sitio da internet Escola virtual (5 minutos)</p> <p>Conclusão feita pelo professor com o recurso ao powerpoint com o resumo da aula. (5 minutos)</p>	

Recursos:	Avaliação:
Manual/computador (powerpoint), quadro branco, video, ficha de trabalho	Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho Atitudes comportamentos

Planificação Aula 2



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 2.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 09/11/2017	
Tema/sub unidade: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas, nos séculos XVII e XVIII	Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas: O Império colonial Inglês séculos XVII e XVIII O império colonial inglês séculos XVII e XVIII, O Mercantilismo inglês. Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">○ Compreender que o equilíbrio político dos estados no sistema internacional dos séculos XVII e XVIII se articula com o domínio de espaços coloniais.○ Reconhecer, nas práticas mercantilistas, modos de afirmação das economias nacionais.○ Identificar o poder social da burguesia nos finais do século XVIII como resultado dos dinamismos mercantis e da realeza na luta pelo fortalecimento do poder real.○ Identificar o ato de navegação, e as companhias monopolistas○ Compreender o comércio triangular e o tráfico negreiro	
Questões orientadoras: Quais as razões que estiveram na origem do Império Inglês? Que estratégias económicas utilizaram?	Conceitos: Mercantilismo inglês. O ato de navegação.

<p>O que entende por Mercantilismo inglês e ato de navegação</p> <p>Quais as razões que fizeram o comércio inglês impor – se aos restantes impérios</p> <p>A Inglaterra foi uma potência económica no século XVII quais foram as outras potências?</p> <p>O que entende por companhias monopolistas e comércio triangular.</p> <p>No tráfico negreiro qual era a origem dos escravos.</p>	<p>Companhias monopolistas, o comércio triangular o tráfico negreiro.</p>
<p>Situações estratégicas de aprendizagem:</p> <p>Entrada, sumário (10 minutos).</p> <p>Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática “ Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas, nos séculos XVII e XVIII”. O Império colonial Inglês séculos XVII e XVIII</p> <p>Porquê, quando, como? Com recurso a powerpoint (20 minutos).</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho com duas questões elaboradas pelo professor sobre os princípios presentes no ato de navegação, de 1651, sobre a rivalidade anglo – holandesa e sobre importância que o comércio tinha na sociedade inglesa.</p> <p>Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pela professor no powerpoint (10 minutos).</p> <p>Aula expositiva – dialogada com os alunos sobre a temática do mercantilismo inglês, e ato de navegação, com recurso a powerpoint (20 minutos).</p> <p>Visualização de um pequeno vídeo sobre o mercantilismo retirado do site da internet Escola virtual (5 minutos).</p> <p>Conclusão feita pelo professor com o recurso ao powerpoint com o resumo da aula.</p>	
<p>Recursos:</p> <p>Manual, computador, powerpoint, Quadro, branco, Datashow, ficha de trabalho</p>	<p>Avaliação:</p> <p>Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho</p> <p>Atitudes/comportamentos</p>

Planificação Aula 3



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 3.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 10/11/2017	
Tema/sub unidade: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas, nos séculos XVII e XVIII	Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas nos Séculos XVII e XVIII. O equilíbrio europeu e a disputa das áreas coloniais Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Compreender que o equilíbrio político dos estados no sistema internacional dos séculos XVII e XVIII se articula com o domínio de espaços coloniais. ○ Reconhecer, nas práticas mercantilistas, modos de afirmação das economias nacionais. ○ Identificar o poder social da burguesia nos finais do século XVIII como resultado dos dinamismos mercantis e da realeza na luta pelo fortalecimento do poder real. ○ Reconhecer a importância do exclusivo colonial para o enriquecimento das potências coloniais. ○ Identificar as áreas de influência dos Impérios que entretanto se formaram 	
Questões orientadoras: Quais as razões que impulsionaram o império inglês Que estratégias económicas utilizaram? O que estende por exclusivo colonial	Conceitos: Exclusivo colonial Atos de navegação Comércio triangular

Situações estratégicas de aprendizagem:

Entrada, sumário (10 minutos)

Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática “Império colonial inglês nos séculos XVII e XVIII e as principais áreas do comércio colonial”.

Porquê, quando, como? Com recurso a powerpoint (20 minutos)

Realização de uma ficha de trabalho com questões elaboradas tiradas do manual sobre quais os objetivos da criação dos impérios coloniais e respetivas áreas de influência, no âmbito do mercantilismo inglês. Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pela professor no quadro (10 minutos)

Aula expositiva – dialogada com os alunos sobre a temática, regime de monopólio, da campanha monopolista e comércio triangular, com recurso a powerpoint (20 minutos)

Visualização de um pequeno video sobre o comércio triangular retirado do sitio da internet Escola virtual (5 minutos)

Conclusão feita pelo professor com o recurso ao powerpoint com o resumo da aula.

Recursos:

Manual/computador (powerpoint), quadro branco, ficha de trabalho

Avaliação:

Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho
Atitudes comportamentos

Planificação Aula 4



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 4.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 15/11/2017	
Tema/sub unidade: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas, nos séculos XVII e XVIII	Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas: A hegemonia económica britânica: condições de sucesso e arranque industrial Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">○ Compreender que o equilíbrio político dos estados no sistema internacional dos séculos XVII e XVIII se articula com o domínio de espaços coloniais.○ Reconhecer, nas práticas mercantilistas, modos de afirmação das economias nacionais.○ Identificar o poder social da burguesia nos finais do século XVIII como resultado dos dinamismos mercantis e da realeza na luta pelo fortalecimento do poder real.○ Relacionar a formação de um mercado nacional e o arranque industrial ocorridos em Inglaterra com a transformação das estruturas económicas.○ Compreender a influência das relações internacionais nas políticas económicas portuguesas e na definição do papel de Portugal no espaço europeu e atlântico	
Questões orientadoras: Descreva onde nasceu a revolução industrial? O que entende por atos de vedação? Refira o que é o exodo rural? Quais foram as consequências da modernização agrícola?	Conceitos: Revolução Industrial Mercado Interno Mercado externo Indústria Textil Indústria Metalúrgica

<p>Qual foi a indústria considerada o motor de arranque da Revolução Industrial.</p> <p>Identifique as duas fases da Revolução Industrial.</p>	
<p>Situações estratégicas de aprendizagem:</p> <p>Entrada, sumário (10 minutos)</p> <p>Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática: A hegemonia económica britânica: condições de sucesso e arranque industrial .</p> <p>A Revolução Industrial.</p> <p>Porquê, quando, como? Com recurso a powerpoint (20 minutos).</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho com uma questão elaboradas pelo professor sobre as características do tráfico negreiro.</p> <p>Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pela professor no quadro (10 minutos).</p> <p>Aula expositiva – dialogada com os alunos sobre a temática do desenvolvimento do comércio triangular, com recurso a powerpoint (20 minutos).</p> <p>Visualização de um pequeno video sobre o tráfico negreiro retirado do sitio da internet Escola virtual (5 minutos).</p> <p>Conclusão feita pelo professor com o recurso ao powerpoint com o resumo da aula.</p>	
<p>Recursos:</p> <p>Manual/computador (powerpoint), quadro branco, ficha de trabalho</p>	<p>Avaliação:</p> <p>Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho</p> <p>Atitudes comportamentos</p>

Planificação Aula 5.º



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 5.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 10/01/2018	
Tema/sub unidade: A revolução Americana, uma revolução fundadora	Sumário: A revolução Americana Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">○ Identificar a revolução como momento de rutura e de mudança de estruturas políticas e de administração.○ Compreender o fenómeno revolucionário liberal como afirmação da igualdade de direitos e da supremacia do princípio da soberania nacional sobre o da legitimidade dinástica.○ Identificar quais as ideias que estiveram na base da rutura entre colonos ingleses e a Inglaterra○ Explicar o que teve na origem da revolução americana○ Descrever quais os direitos os colonos ingleses considerarem invioláveis	
Questões orientadoras: Descreva onde nasceu a revolução Americana? O que entende por atos intoleráveis? Refira o que é o tea act?	Conceitos: Revolução Americana Atos Intoleráveis Guerra da independência americana Constituição Americana

<p>Quais foram as consequências para a Inglaterra da guerra dos sete anos?</p> <p>Quantas colônias inglesas revoltaram -se contra a Inglaterra.</p>	<p>América federal</p>
<p>Situações estratégicas de aprendizagem:</p> <p>Entrada, sumário (10 minutos)</p> <p>Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática:</p> <p>A Revolução Americana.</p> <p>Porquê, quando, como? Com recurso a powerpoint (20 minutos).</p> <p>E a um video (14:18)</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho com uma questão elaboradas pelo professor sobre as características da revolução americana. (20 minutos)</p> <p>Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pela professor no quadro (20 minutos).</p> <p>Conclusão feita pelo professor com o recurso ao powerpoint com o resumo da aula. (5 minutos)</p>	
<p>Recursos:</p> <p>Manual/computador (powerpoint), quadro branco, ficha de trabalho</p>	<p>Avaliação:</p> <p>Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho</p> <p>Atitudes comportamentos</p>

Planificação Aula 6.º



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 6.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 11/11/2017	
Tema/sub unidade: A revolução Americana, uma revolução fundadora	Sumário: A revolução americana, a declaração da independência, a República federal. Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Identificar a revolução como momento de rutura e de mudança de estruturas políticas e de administração. ○ Compreender o fenómeno revolucionário liberal como afirmação da igualdade de direitos e da supremacia do princípio da soberania nacional sobre o da legitimidade dinástica. ○ Identificar quais as ideias que estiveram na base da rutura entre colonos ingleses e a Inglaterra ○ Explicar o que teve na origem da revolução americana ○ Descrever quais os direitos que os colonos ingleses considerarem invioláveis ○ Compreender a influência da república federal dos estados unidos da América nas outras revoluções liberais. 	
Questões orientadoras: Descreva as causas da revolução Americana O que foi decidido no segundo congresso de Filadélfia?	Conceitos: A Revolução Americana A Constituição americana

<p>Porque é que os colonos americanos procuraram apoio na Europa?</p> <p>A constituição americana consagrou um novo sistema político qual?</p> <p>Que ideias suportaram a constituição americana?</p>	<p>O federalismo</p> <p>A confederação</p> <p>A soberania popular</p> <p>O sistema político presidencialista</p>
<p>Situações estratégicas de aprendizagem:</p> <p>Entrada, sumário (10 minutos).</p> <p>Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática: : A revolução americana, a declaração da independência, a República federal.</p> <p>Porquê, quando, como? Com recurso a powerpoint (20 minutos).</p> <p>Visualização de um vídeo sobre a revolução americana (14:18).</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho com cinco questões elaboradas pelo professor sobre as características da Revolução americana. (20 minutos).</p> <p>Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pelo professor no quadro (20 minutos).</p> <p>Conclusão feita pelo professor com o resumo da aula.</p>	
<p>Recursos:</p> <p>Manual/computador (powerpoint), quadro branco, ficha de trabalho</p>	<p>Avaliação:</p> <p>Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho</p> <p>Atitudes comportamentos</p>

Planificação Aula. 7.º



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 7.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 12/11/2017	
Tema/subunidade: A revolução Francesa o paradigma das revoluções liberais e burguesas	Sumário: A revolução francesa uma revolução liberal Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">○ Identificar a revolução como momento de rutura e de mudança de estruturas políticas e de administração.○ Compreender o fenómeno revolucionário liberal como afirmação da igualdade de direitos e da supremacia do princípio da soberania nacional sobre o da legitimidade dinástica.○ Identificar quais as causas que estiveram na base da rutura da monarquia absoluta em França.○ Explicar como estava estruturada a sociedade francesa.○ Compreender o que foi o antigo regime.	
Questões orientadoras: Quais as causas que conduziram à revolução francesa? Porque é que as finanças da França estavam em tão mau estado. O que entende por soberania popular? O que é o terceiro estado?	Conceitos: Revolução francesa Golpe de estado Estados gerais Monarquia absoluta Soberania popular

O que entende por estados gerais	Modelo político
<p>Situações estratégicas de aprendizagem:</p> <p>Entrada, sumário (10 minutos)</p> <p>Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática:</p> <p>A Revolução francesa.</p> <p>Porquê, quando, como? Com recurso a PowerPoint (20 minutos).</p> <p>Visualização de um vídeo sobre a revolução francesa (20 minutos)</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho com cinco questões elaborada pelo professor sobre as características da revolução francesa. (20 minutos)</p> <p>Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pelo professor no quadro (10 minutos).</p> <p>Conclusão feita pelo professor com o recurso ao PowerPoint com o resumo da aula.</p>	
<p>Recursos:</p> <p>Manual/computador (powerpoint), quadro branco, ficha de trabalho</p>	<p>Avaliação:</p> <p>Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho</p> <p>Atitudes comportamentos</p>

Planificação Aula 8.º



Escola secundária Camilo Castelo Branco

Ano letivo 2017/2018

Planificação a curto prazo 8.º - Aula – Miguel da Rosa Lopes

Turma 11.º D data 17/01/2017	
Tema/subunidade: <i>A revolução francesa paradigma das revoluções liberais e burguesas.</i>	Sumário: A revolução francesa A convensão, diretório, o consulado Porquê? Quando? Como?
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">○ Identificar a revolução como momento de rutura e de mudança de estruturas políticas e de administração.○ Compreender o fenómeno revolucionário liberal como afirmação da igualdade de direitos e da supremacia do princípio da soberania nacional sobre a legitimidade dinástica.○ Identificar quais as causas que estiveram na base da rutura da monarquia absoluta em França.○ Compreender as várias fases que constituíram o período revolucionário. Desenvolver quem detinha o poder durante o consulado.	
Questões orientadoras: <p>O que entendes por monarquia constitucional?</p> <p>Identifica o que é a Convenção e quem eram os jacobinos?</p> <p>Desenvolve que eram os girondinos em que período é que subiram ao poder?</p> <p>Onde nasceu Napoleão Bonaparte a quem pertencia esse território.</p>	Conceitos: <p>Revolução francesa</p> <p>Estados gerais</p> <p>Monarquia constitucional</p> <p>Soberania popular</p> <p>Republica</p>

<p>O que entendes por 18 do Brumário?</p> <p>Identifica quem detinha o poder no consulado</p>	
<p>Situações estratégicas de aprendizagem:</p> <p>Entrada, sumário (10 minutos)</p> <p>Aula expositiva dialogada com os alunos sobre a temática: A revolução Francesa</p> <p>Porquê, quando, como? Com recurso a PowerPoint (20 minutos).</p> <p>Visualização de dois vídeos um sobre a revolução francesa outro Napoleão Bonaparte. (20 minutos.)</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho cinco questões elaboradas pelo professor sobre as características de Revolução francesa.</p> <p>Correção oral da ficha de trabalho com exposição das respostas/tipo elaboradas pelo professor no quadro (10 minutos).</p> <p>Conclusão feita pelo professor com o recurso ao PowerPoint com o resumo da aula.</p>	
<p>Recursos:</p> <p>Manual/computador (powerpoint), quadro branco, ficha de trabalho</p>	<p>Avaliação:</p> <p>Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho</p> <p>Atitudes comportamentos</p>

TERCEIRA PARTE – A Revolução Francesa e Americana uma proposta didática

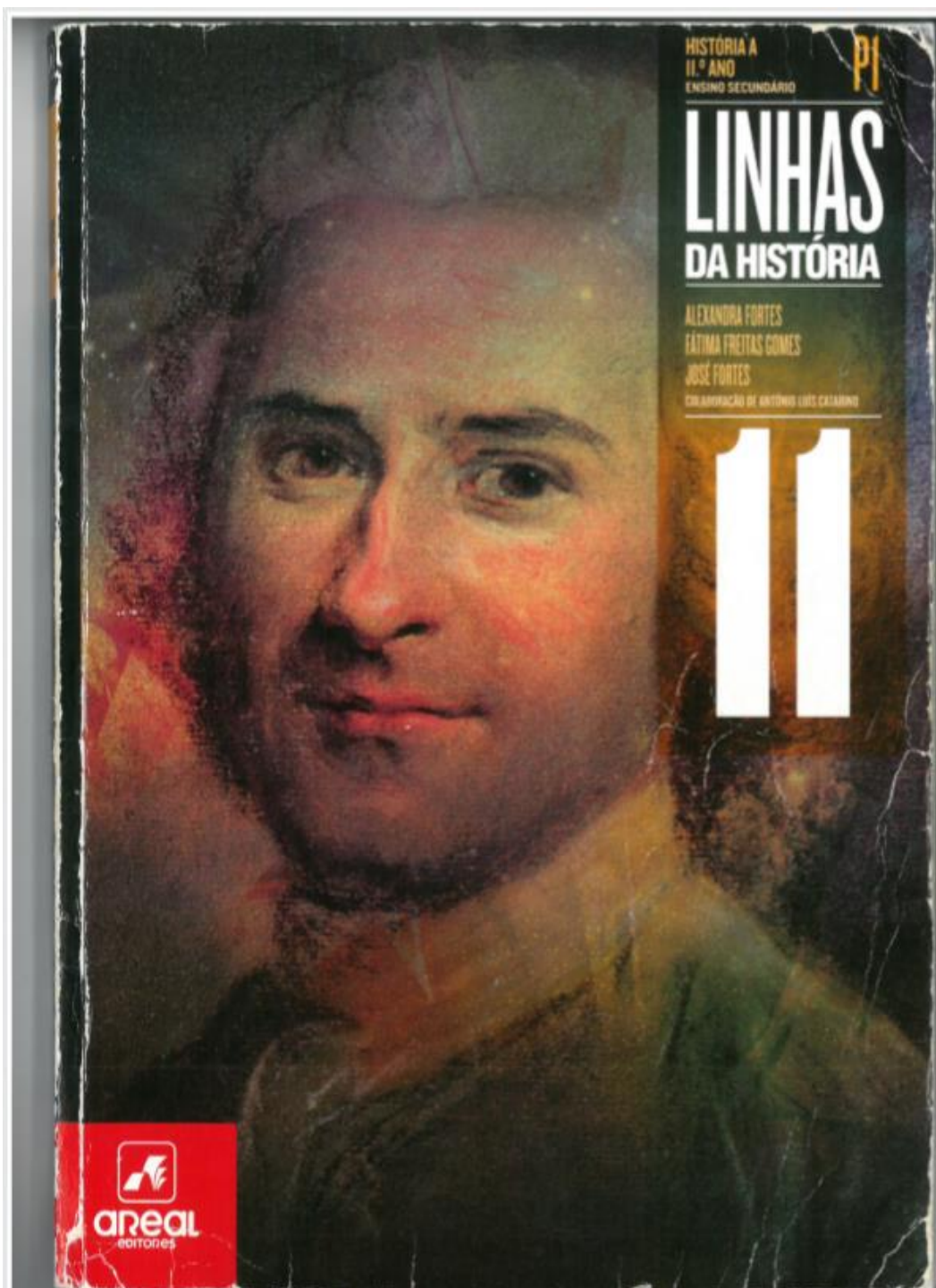


Imagem 3 – Manual de História 11.º ano Linhas da História 1.º período



Imagem 4 – Manual de História 11.º ano Linhas da História 1.º período

Descrição das aulas dadas

Aula 1

Horário: 11:30

Sala: 0_48

Duração: 90 minutos

Turma: 11.º D

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas:

O mercantilismo, o reforço das economias nacionais e tentativas de controle do comércio

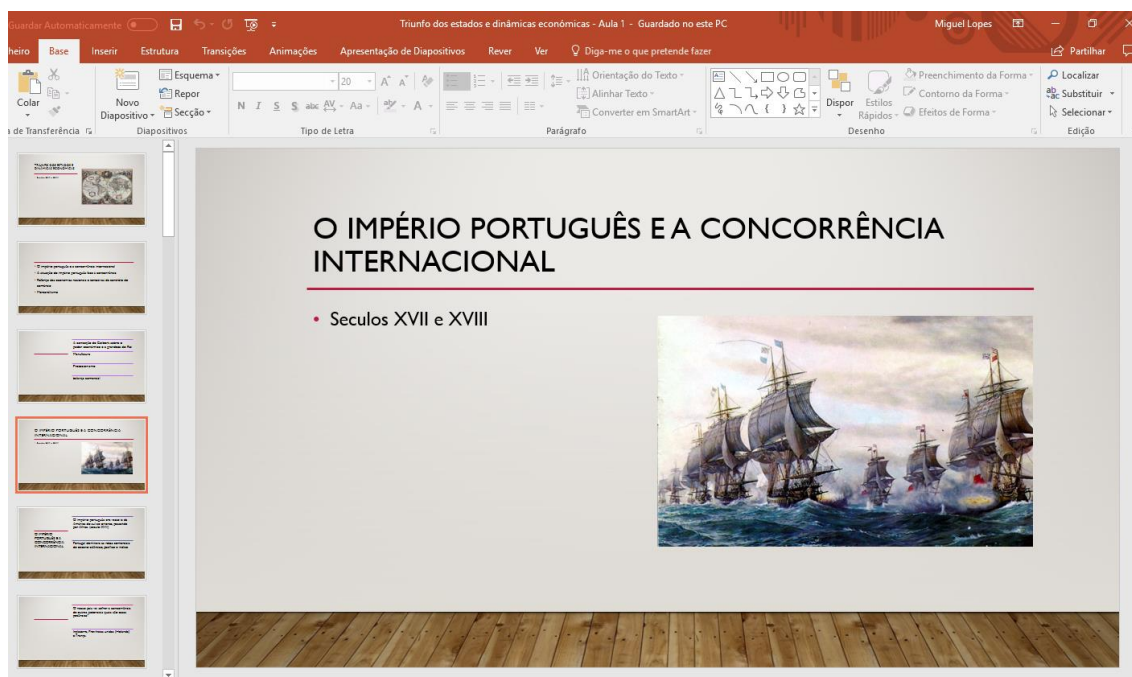


Imagem 5 – Imagem do PowerPoint – 1.ª aula

Esta aula foi dada em oito de Novembro de 2017 na escola secundária Camilo Castelo Branco no dia sete desse mesmo mês, tivemos uma reunião com a professora Maria José Ferreira na sala de história no primeiro andar, estavam também presentes o nosso colega Marcelo e um colega do primeiro ano o Osvaldo

A temática abordada por nós foi os descobrimentos portugueses e os Impérios que se formaram nos séc. XVII e XVIII onde Portugal teve o mérito de ser pioneiro, tivemos mais facilidade em decorar o que tínhamos a dizer porque conhecemos bem a temática.

Mostramos a planificação há professora e o PowerPoint a docente aprovou os conteúdos e pediu - nos para seguir a seguinte estratégia:

Estratégia da primeira aula

A docente pedimos para dar matéria em posição de três quartos i é, a olhar para o quadro e para os alunos para assim podermos olhar para o PowerPoint e para os alunos mais facilmente, e depois de dar a matéria que tínhamos no PowerPoint, pedir aos alunos para lerem os textos do manual. Como o manual também já contém algumas perguntas por defeito a professora pediu – nos para utilizarmos essas perguntas na aula.

O colega Osvaldo (1.º ano do mestrado em ensino) pediu nos se podia assistir à nossa primeira aula disse – mos que sim com todo o gosto.

A aula decorreu às 11:30 na Escola secundária Camilo Castelo Branco escrevemos o sumário no quadro, deixamos os alunos sentarem - se sem os pressionar muito porque gostamos que estes acabem de dizer tudo o que têm para dizer aos colegas, e depois é que damos a aula porque consideramos que assim falam menos sobre outras “coisas” que não têm nada a haver com a aula quando a aula se inicia.

Começamos a aula, com um pequeno resumo da matéria ou melhor com uma introdução para ganhar confiança e depois fomos lendo o PowerPoint e explicando a matéria.

Dois alunos interromperam a nossa explicação com perguntas às quais fomos respondendo prontamente. Depois de dar a matéria que tínhamos no PowerPoint pedimos aos alunos para os lerem os textos.

A seguir pedimos aos discentes para responderem às questões do manual ao que os alunos responderam com empenho.

Os nossos receios de atos de indisciplina felizmente não aconteceram, daquilo que nos foi dado a ver nas aulas que assistimos, nem pareciam os mesmos alunos, neste momento também já sabemos que estes nos protegem porque sabem que estamos a ser avaliados.

A aula acabou a professora cooperante Maria José Ferreira e o nosso colega Samuel gostaram da nossa performance o que foi importante para aumentar a nossa confiança para as aulas seguintes.

Recursos didáticos

A aula foi expositiva dialogada e utilizamos os recursos didáticos que achamos serem os melhores para a nossa primeira aula, neste caso o PowerPoint, guardamos os vídeos para as aulas seguintes, porque consideramos que os vídeos podem ser muito úteis, mas já depois de os alunos terem interiorizado algumas das questões principais da matéria, os vídeos iriam então surgir mais à frente noutras aulas para reforçar a apreensão dos conteúdos já dados.

No que diz respeito à duração da aula, as aulas na Escola secundária Camilo Castelo Branco tem a duração de 90 minutos com um intervalo aos 45 minutos em que os alunos podem sair durante 10 minutos. E depois regressam às aulas.

O comportamento

O comportamento dos alunos temos que dizer que nos surpreendeu tiveram, grosso modo, um comportamento em sala de aula que podemos classificar de bom.

Por vezes falavam um pouco demais neste caso tivemos de corrigir esse comportamento pedindo lhes para falar mais baixo o que os alunos cumpriram.

Teorias de aprendizagem aplicadas na sala de aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa.

Primeiro como é recomendado por esta escola, tentámos e pensamos que conseguimos despotelar nos alunos o conhecimento prévio, recordando a matéria de história que os alunos aprenderam ano anterior.

E por outro lado procuramos ensinar aos alunos os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possíveis, para assim ensinar os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como damos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, pedindo – lhes para participar na aula por exemplo: quando lhes fazíamos perguntas, para lerem um texto, ou quando lhes pedíamos para responder às perguntas do manual.

Ergonomia da sala de aula

Consideramos que esta sala de aula reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são acometidas) quando assistiam às nossas aulas.

Aula 2

Horário: 10:30

Sala: 0_51

Duração: 90 minutos

Turma: 11.ºD

Método usado: didático - expositivo

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário : Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas: O Império colonial Inglês séculos XVII e XVIII. O Mercantilismo inglês.

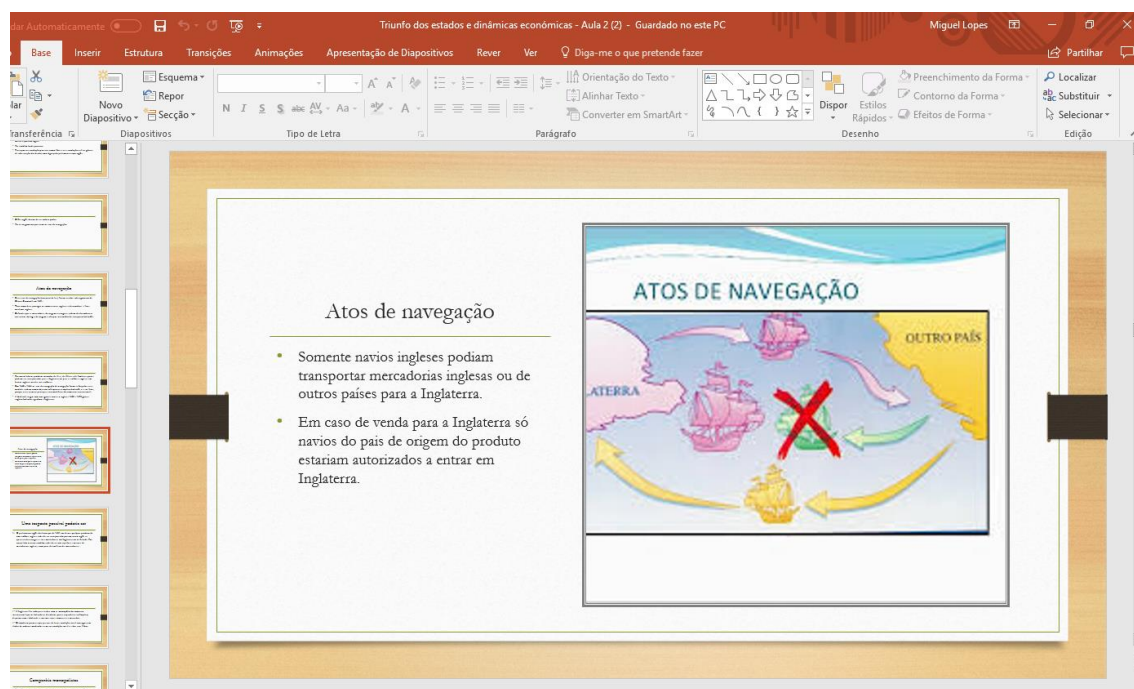


Imagem 6 – Imagem do PowerPoint – 2.ª aula

Estavam presentes a professora cooperante Maria José Ferreira o colega Marcelo e 25 alunos

Esta aula decorreu um pouco à semelhança da primeira aula mas já noutra sala que tem uma acústica menos boa porque é muito comprida. Quando começamos a dar a aula alguns alunos pediram nos para falar mais alto devido a acústica da sala ser mesmo má tivemos de nos adaptar.

Estratégia da segunda aula

A estratégia que utilizamos na segunda aula foi a mesma da primeira aula, demos a matéria utilizando o PowerPoint escolhemos as melhores imagens que conseguimos descobrir na Internet e colocámos nos slides, não colocamos mais de três linha de texto em cada um como recomendado pelo Professor Doutor Miguel Monteiro, depois de termos dado a matéria e respondido a três questões dos alunos, pedimos aleatoriamente aos para lerem os textos do manual, quando estes terminavam a leitura, não nos esquecíamos de os motivar com um «muito bem obrigado» ou «leste muito bem obrigado» como estratégia para os motivar.

Os alunos depois responderam a cinco questões do manual, escreveram essas mesmas respostas numa folha para depois entregarem ao professor, todos cumpriram esse objetivo.

Entretanto colocamo nos à disposição dos alunos para os ajudar a responder a qualquer dúvida que os alunos tivessem no que diz respeito às questões do manual dois alunos colocaram – nos duas questões sobre o que as perguntas queriam dizer.

Recursos didáticos

Nesta aula o método que utilizamos foi o didático - expositivo demos a matéria com o auxilio do PowerPoint e também utilizamos imagens da internet e visitamos duas páginas da Internet, para respondermos a duas questões dos alunos.

Comportamento

O comportamento dos alunos neste caso não foi dos melhores tiveram algumas conversas paralelas que incomodaram o professor e no inicio, da aula devido a acústica da sala ser um menos boa também estiveram um pouco alienados daquilo que o professor estava a dizer.

Teorias de aprendizagem aplicadas nesta aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa.

E por outro lado procuramos ensinar os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possíveis, para assim ensinar aos discentes os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como demos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, pedindo – lhes para participar na aula por exemplo: a ler um texto, a responder às perguntas do manual ou a fazermos perguntas aos alunos sobre a matéria dada na aula.

Ergonomia da sala de aula

A nossa opinião consideramos que esta sala reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são acometidas) quando assistiam às nossas aulas.

Aula 3

Horário: 08:20

Sala: 0_50

Duração: 90 minutos

Turma: 11º D

Método: Didático – expositivo

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas nos Séculos XVII e XVIII.

O equilíbrio europeu e a disputa das áreas coloniais

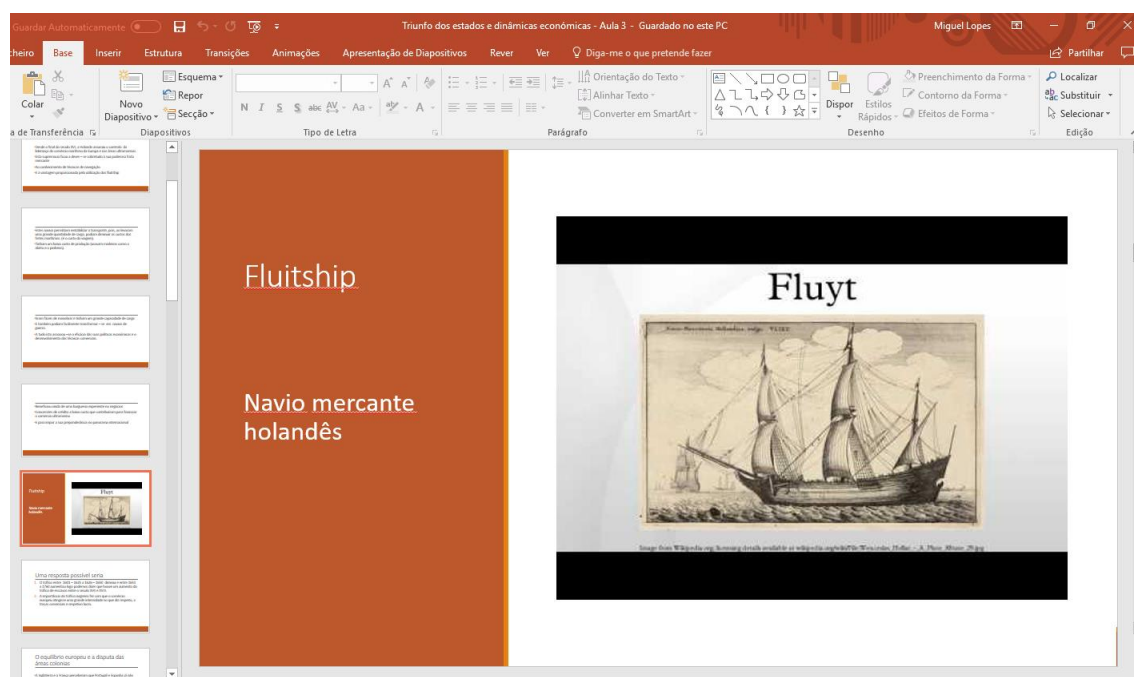


Imagem 7 – Imagem do PowerPoint – 3.ª aula

Estavam presentes a professora cooperante Maria José Ferreira e 25 alunos. Esta aula foi noutra sala 0_50 que teve a particularidade de ser muito cedo às 8:20.

A sala é no primeiro andar e com muito boas condições para dar aulas boa acústica, não é muito grande, mas a sala é ampla, e o material informático e o PowerPoint de boa qualidade.

Gostamos bastante desta sala de aula, porque a iluminação é muito boa e as carteiras estão colocadas de uma forma que permite ao professor, deslocar – se facilmente pelas laterais na sala da aula, para responder a alguma dúvida dos alunos ou corrigir algum ato de indisciplina, resumindo a ergonomia da sala pareceu – nos muito boa.

Estratégia da terceira aula

A estratégia nesta aula não variou muito das outras duas aulas, que já tínhamos dado, utilizamos o Powerpoint e a Internet como apoio para darmos a nossa aula.

Pedimos também para responderem as questões do manual o que fizeram sempre com dedicação e empenho. Pedimos aos alunos para lerem dois textos do manual. Nesse aspeto estiveram sempre muito bem gostavam de participar na feitura das respostas e gostavam de procurar a resposta às perguntas no manual.

Recursos didáticos

Nesta aula o método que utilizamos foi o didático - expositivo demos a matéria com o auxílio do PowerPoint e também utilizamos imagens da internet e visitamos três páginas da Internet, para respondermos a três questões dos alunos.

Comportamento

Podemos classificar o comportamento dos alunos de bom não tiveram muitas conversas paralelas e responderam com empenho às perguntas do manual.

Teorias de aprendizagem aplicadas nesta aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa.

E por outro lado procuramos ensinar aos os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possíveis, para assim ensinar aos discentes os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como demos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, pedindo – lhes para participar na aula por

exemplo: a ler textos, a responder às perguntas do manual, e também fizemos perguntas aos alunos sobre a matéria dada na aula.

Ergonomia da sala de aula

Consideramos que esta sala na qual demos a aula, reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são acometidas) quando assistiam às nossas aulas. Esta sala é ampla e tem condições acústicas muito boas.

Aula 4

Horário: 10:30

Sala: 0_48

Duração: 90 minutos

Turma: 11.º D

Método: didático - expositivo

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário: Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas:

A hegemonia económica britânica: condições de sucesso e arranque industrial

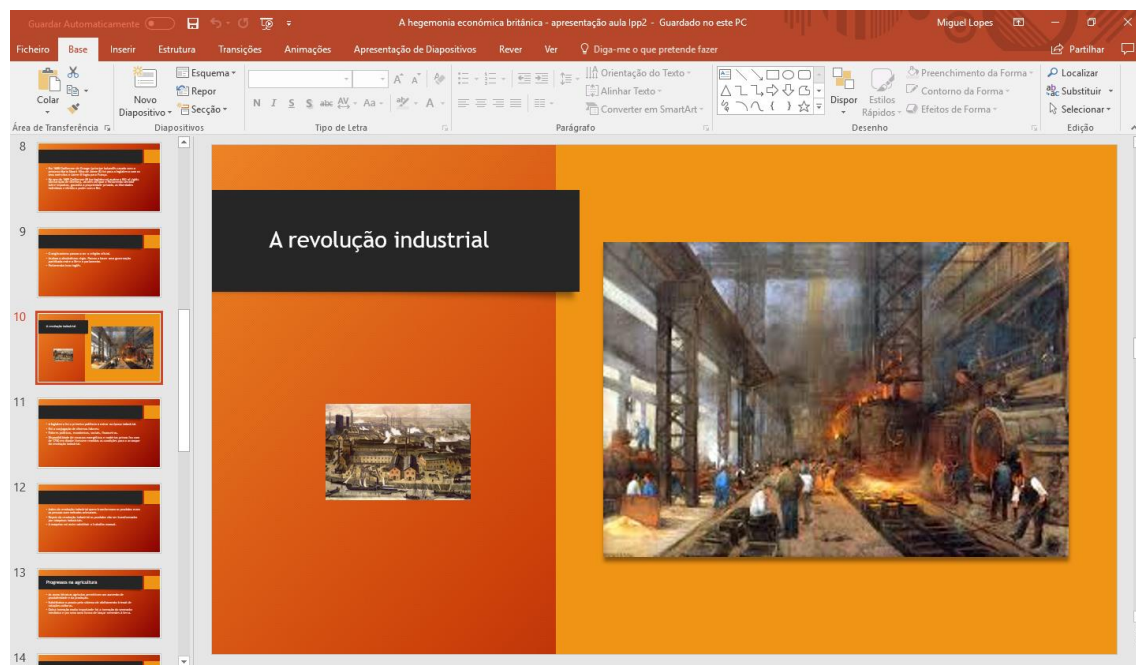


Imagem - 8 – Imagem do PowerPoint – 4.ª aula

Estavam presentes a professora cooperante Maria José Ferreira e 25 alunos.

A aula que decorreu noutra sala tivemos que colocar no PowerPoint muita matéria uma unidade inteira, o que causou alguma dificuldade ao professor e aos alunos.

No principio da aula os alunos perguntaram há professora se tinha trazido os testes, a professora disse que os entregava no final da aula, mas os alunos não se calavam, e a professora Maria José Ferreira pediu – nos desculpa e disse nos que tinha de lhes entregar o testes. Compreendemos como era evidente e dizemos à professora para estar à vontade.

A professora entregou – lhes os testes e os alunos receberam os mesmos uns ficaram mais contentes que outros.

Quando demos inicio à aula alguns alunos começaram com alguns atos de indisciplina, porque alguns destes ficaram frustrados com as notas que tiveram e não se calavam, ficamos preocupados, mas pensámos que era melhor prosseguir com a aula porque sabiamos que o PowerPoint estava bem feito e confiavamos no nosso trabalho.

Neste momento as coisas ficaram um pouco piores, mas nesse momento quando pensamos em pedir a alguns alunos para saírem da sala de aula, houve alguns alunos do 11.º D que mandaram calar os alunos indisciplinados e conseguimos prosseguir.

A matéria foi interessante mas um pouco longa demos uma unidade inteira, percebemos que alguns alunos tiveram alguma dificuldade em seguir o que dizíamos.

Mas conseguimos dar a matéria toda e acabamos cinco minutos antes do tempo da aula acabar.

Estratégia utilizada na quarta aula

A estratégia nesta aula foi a seguinte, utilizamos o Powerpoint e a Internet como apoio para darmos esta aula.

Que teve a particularidade de termos de lecionar muita matéria o PowerPoint estava um pouco subrecarregado, mas pensamos que foi o que teve as melhores imagens porque a matéria sobre a revolução Industrial prestasse a isso mesmo.

Nesta aula não pedimos aos alunos para lerem textos do manual a professora Maria José Ferreira pediu nos para escrever no PowerPoint cinco perguntas sobre a matéria e foi a estas perguntas que os alunos tiveram de responder e não às perguntas do manual.

Os alunos responderam às perguntas numa folha que nos entregaram no final da aula que corrigimos já em casa e os resultados foram bons.

Recurso didáticos

Usamos o PowerPoint e a Internet os alunos colocaram quatro questões a que respondemos prontamente duas delas tivemos de utilizar a Internet e imagens que pesquisamos para que esclarecer os alunos.

Comportamento

No que diz respeito ao comportamento temos de classificar o comportamento dos alunos desta aula de suficiente, porque houve algumas conversas paralelas e alguns atos de indisciplina dos alunos e comportamentos menos positivos, que perturbaram a aula principalmente no início desta, o comportamento dos discentes foi melhorando com o tempo.

Teorias de aprendizagem aplicadas na aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa.

Primeiro como é recomendado por esta escola, tentámos e pensamos que conseguimos despotelar nos alunos o conhecimento prévio, recordando a matéria de história que os alunos aprenderam na aula anterior.

E por outro lado procuramos ensinar aos os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possíveis, para assim ensinar aos discentes os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como demos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, apenas a tirar apontamentos e a ouvir o professor, pedindo – lhes para participar na aula por exemplo: a ler um texto, a responder às perguntas do manual ou a perguntas feitas pelo professor sobre a matéria dada na aula.

Ergonomia da sala de aula

A nossa opinião consideramos que esta sala de aula reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são acometidas) quando assistiam às nossas aulas.

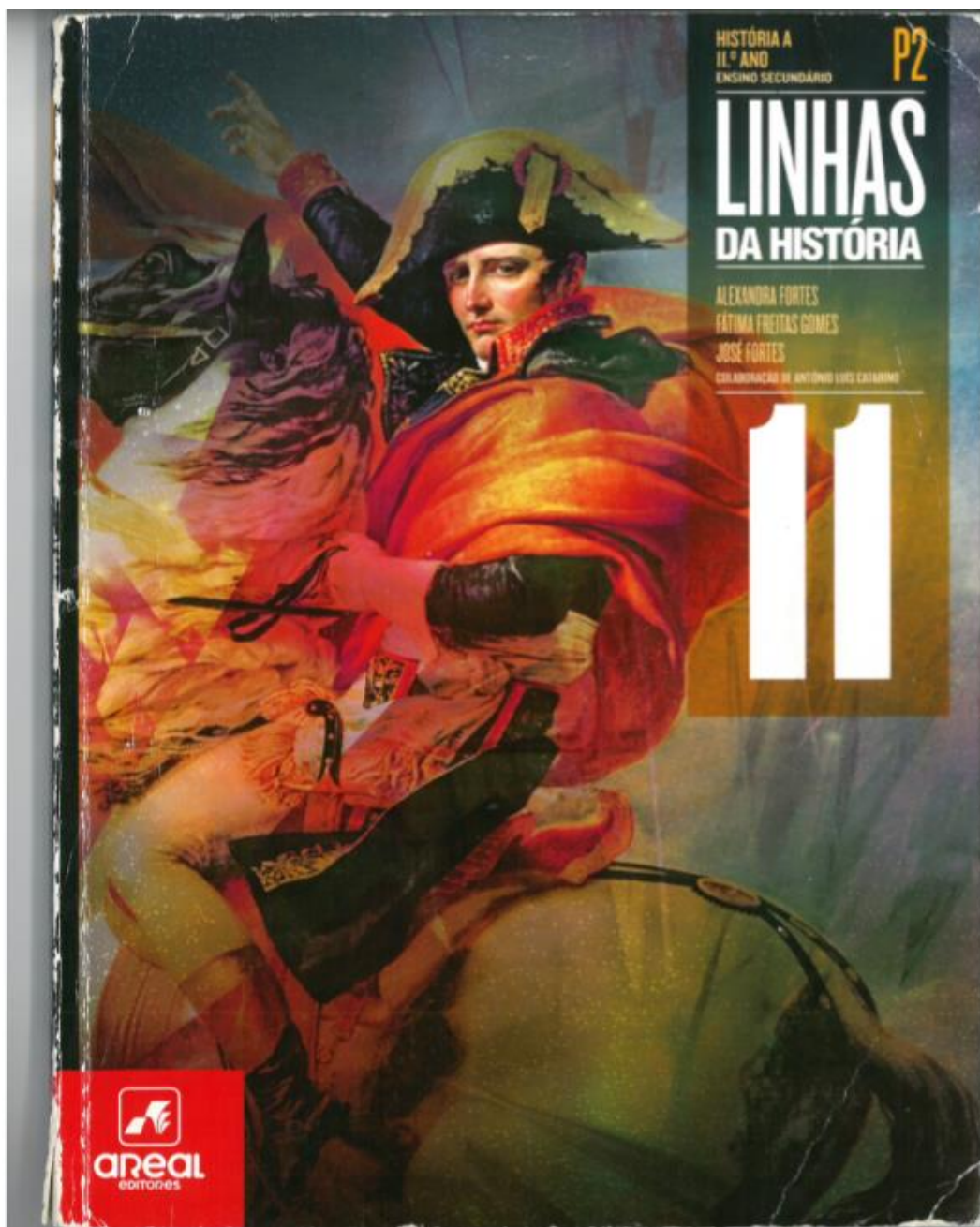


Imagem 9 – manual do 11.º ano de história – 2.º período – fac simile

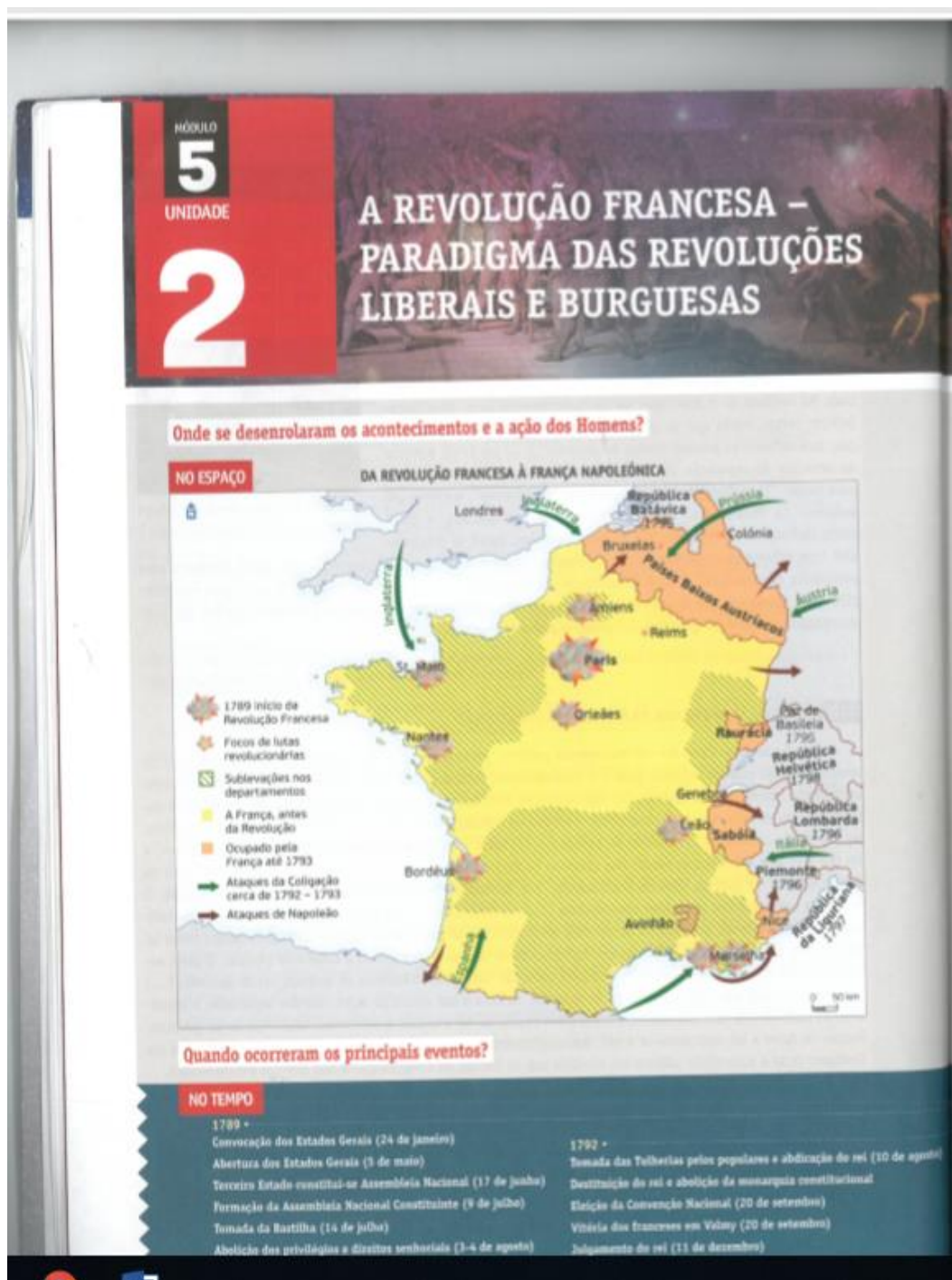


Imagem 10 – manual de história 11.º ano 2.º período – fac simile

Aula 5

Horário: 11:30

Sala: 0_51

Duração: 90 minutos

Turma: 11º D

Metódo didático - expositivo

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário: A revolução Americana



Imagem 11 – Imagem do PowerPoint –5 .ª aula

Está aula decorreu já em Janeiro estavam presentes a professora cooperante Maria José Ferreira e 25 alunos.

Nestas aulas demos mais um bloco de quatro aulas como está previsto na organica do mestrado em ensino, estas aulas já pertencem ao segundo bloco de aulas.

Estratégia utilizada nesta aula

A estratégia utilizada nesta aula era a seguinte: dar a matéria com o PowerPoint passar um video sobre a materia neste caso a Revolução Francesa, trazer cinco perguntas numa folha para depois tirar 25 fotocópias na escola e entregar aos alunos a pedido da professora cooperante Maria José Ferreira.

Demos a matéria prevista para isso utilizamos o PointPower e depois quizemos passar um video sobre a Revolução americana mas... não havia internet no computador da escola.

A professora cooperante ainda pediu a um aluno que tem muito jeito para a informática para tentar resolver a situação, não conseguiu faltava um cabo.

Resumindo não podemos passar o video que estava previamente escolhido, entretanto a professora pediu nos para entregarmos as fotocópias com as cinco perguntas feitas em casa para os alunos responderem, era o que iam fazer, pois traziamos as perguntas na Pen e no intervalo da aula pensamos em ir há repositaria da escola tirar as fotocópias mas ... estava fechada fechada às 13:00 horas ainda saímos da escola e fomos a um café para perguntar onde podiamos tirar fotocópias disseram – nos que não conheciam nenhum local para tirarmos as ditas cópias, ficamos preocupados já tinhamos dado o PowerPoint todo, tivemos de improvisar.

O plano “B”

As perguntas estavam na Pen abrimos o documento no computador com o aparelho que projeta as imagens no quadro ligado, e assim as perguntas apareceram projetadas no quadro, pedimos aos alunos para trabalharem em grupo dois a dois e depois entregarem – me as folhas com as respostas o que fizeram.

Nesta aula aprendemos algo muito importante quando lecionamos uma aula devemos ter sempre um plano “B” porque a Internet pode falhar ou a pen ou pode haver outro imprevisto qualquer que não dominamos, e depois não podemos deixar de dar a aula para não prejudicar os alunos.

No final da aula apesar de tudo a professora cooperante ficou contente com a nossa aula porque disse – nos que fizemos bem em ter um plano “B” porque por vezes o equipamento falha e é necessário o professor descobrir outra maneira de dar a aula.

Recursos didáticos

No que diz respeito aos recursos didáticos utilizados nesta aula usamos o PowerPoint mas não podemos utilizar a Internet, nem foi possível ver o vídeo sobre a revolução Americana que queríamos ver na sala de aula por não termos Internet.

Comportamento

No que diz respeito a esta aula sobre a revolução Americana sentimos interesse por parte dos alunos o que é natural porque a cultura americana tem muita influência no nosso país, por causa dos filmes e livros americanos e sentimos que em algumas partes da matéria os alunos estavam atentos noutras partes muito faladores.

O comportamento dos alunos foi aceitável podemos dizer assim porque quando a aula não decorre como previsto é mais difícil controlar a turma.

Teorias de aprendizagem aplicadas na aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa.

Primeiro como é recomendado por esta escola, tentámos e pensamos que conseguimos despolar nos alunos o conhecimento prévio, recordando a matéria de história que os alunos aprenderam aula anterior.

E por outro lado procurámos ensinar aos os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possíveis, para assim ensinar aos discentes os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como demos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, pedindo – lhes para participar na aula por exemplo: a ler um texto, a responder às perguntas do manual ou a fazermos perguntas aos alunos sobre a matéria dada na aula.

Ergonomia da sala de aula

Consideramos que esta sala de aula, onde demos a aula, reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são acometidas) quando assistiam às nossas aulas.

Aula 6

Horário: 10:30

Sala: 0_50

Duração: 90 minutos

Turma 11º D

Método – Didático – expositivo

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário: : A revolução americana, a declaração da independência, a Republica federal.

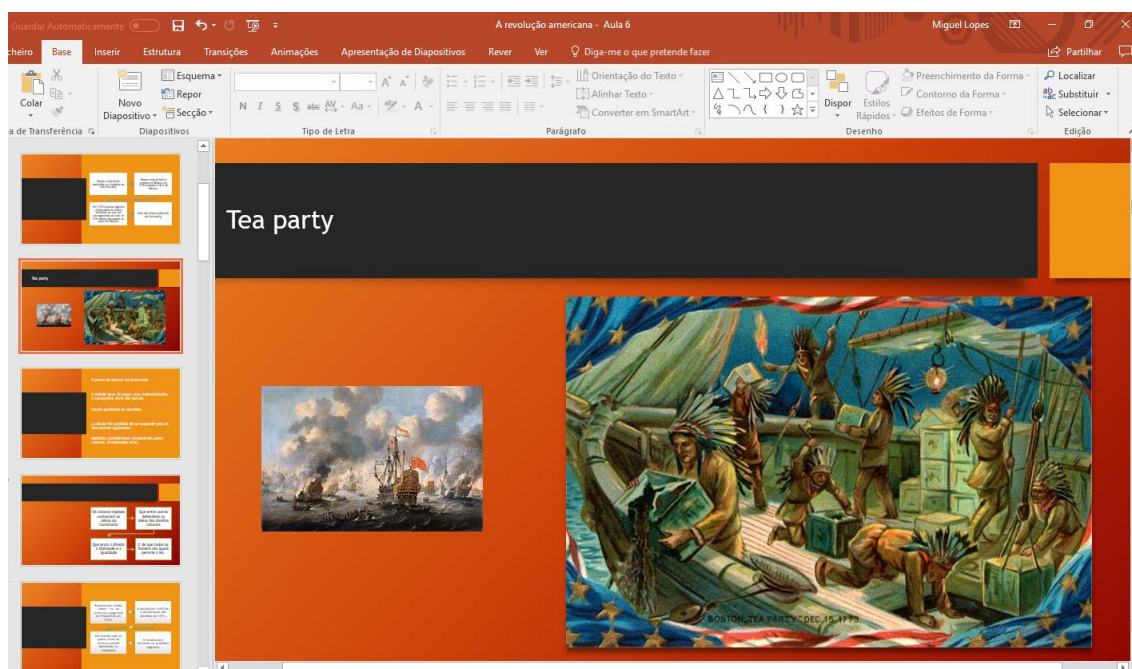


Imagem 12 – Imagem do PowerPoint – 1.ª aula

Nesta aula estavam presentes a professora cooperante Maria José Ferreira e 25 alunos. Esta aula fizemos primeiro um pequeno resumo da aula anterior porque não estivemos tão bem e prosseguimos então com a matéria prevista para esta aula.

Estratégia para esta aula

Em sala de aula utilizamos o PowerPoint para passarmos os conhecimentos e informações aos alunos, antes fizemos então um pequeno resumo da aula passada.

Depois passamos um vídeo sobre a Revolução Americana, que os alunos gostaram muito quando passamos um vídeo recorremos a algumas regras:

O vídeo tem de ser sempre sobre a matéria dada, neste caso foi sobre a Revolução Americana, e por outro lado não pode ter mais de 20 minutos se assim não for os alunos começam com comportamentos associados à indisciplina, podemos utilizar vídeos mais longos mas com a condição de audiovisual ser muito bom, para assim conseguir manter os alunos focados.

Por outro lado como estava previsto pedimos aos alunos para responderem a cinco perguntas feitas por nós sobre a matéria dada a que eles responderam com empenho depois de corrigidos os testes já em casa os resultados obtidos foram bons.

Recursos didáticos

Utilizamos o PowerPoint para darmos a matéria que estava prevista para esta aula, depois utilizamos a Internet quando interpelados por um dos alunos para uma curta explicação sobre a matéria.

Usamos o vídeo (sobre a Revolução Americana) para reforçar conhecimentos e reparamos que alguns alunos, que quando demos a matéria utilizando o PowerPoint estava digamos a “divagar”, percebemos que estavam na aula mas não estavam com o foco na matéria, este deficit de atenção mudou e muito quando passamos o audiovisual, porque manteve os alunos focados no vídeo e na matéria que é o que qualquer docente pretende.

Comportamento

Os alunos tiveram um comportamento que podemos de classificar de bom, porque a matéria também “os prendeu” porque a cultura Americana é muito aperiada pelos alunos, mas também porque a aula ficou dividida em três primeiro usamos o PowerPoint depois o video e depois pedimos aos alunos para responder a um questionário o que fez com os alunos mantivessem o foco na matéria, mas por outro lado alguns alunos tiveram menos atentos (quatro ou cinco) o que consideramos ser aceitável num turma com 25 alunos. Não registamos casos de indisciplina.

Teorias de aprendizagem aplicadas na aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa porque consideramos ser aquela que melhor se adequa à matéria que estamos a dar.

Primeiro como é recomendado por esta escola, tentámos e pensamos que conseguimos despotelar nos alunos o conhecimento prévio, recordando a matéria de história que os alunos aprenderam na aula anterior.

E por outro lado procurarmos ensinar aos alunos os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possiveis, para assim ensinar aos discentes os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como demos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, pedindo – lhes para participar na aula por exemplo: a ler um texto, a responder às perguntas do manual ou a fazermos perguntas aos alunos sobre a matéria dada na aula.

Link do video - <https://www.youtube.com/watch?v=Q3Vy854Q1I0&t=7s>

Ergonomia da sala de aula

Na nossa opinião consideramos que esta sala de aula reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos por aquilo que pudemos observar. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são acometidas) quando assistiam às nossas aulas.

Aula 7

Horário: 08:20

Sala: 0_50

Duração: 90 minutos

Turma: 11º D

Metódo: Didático - expositivo

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário: A revolução francesa uma revolução liberal

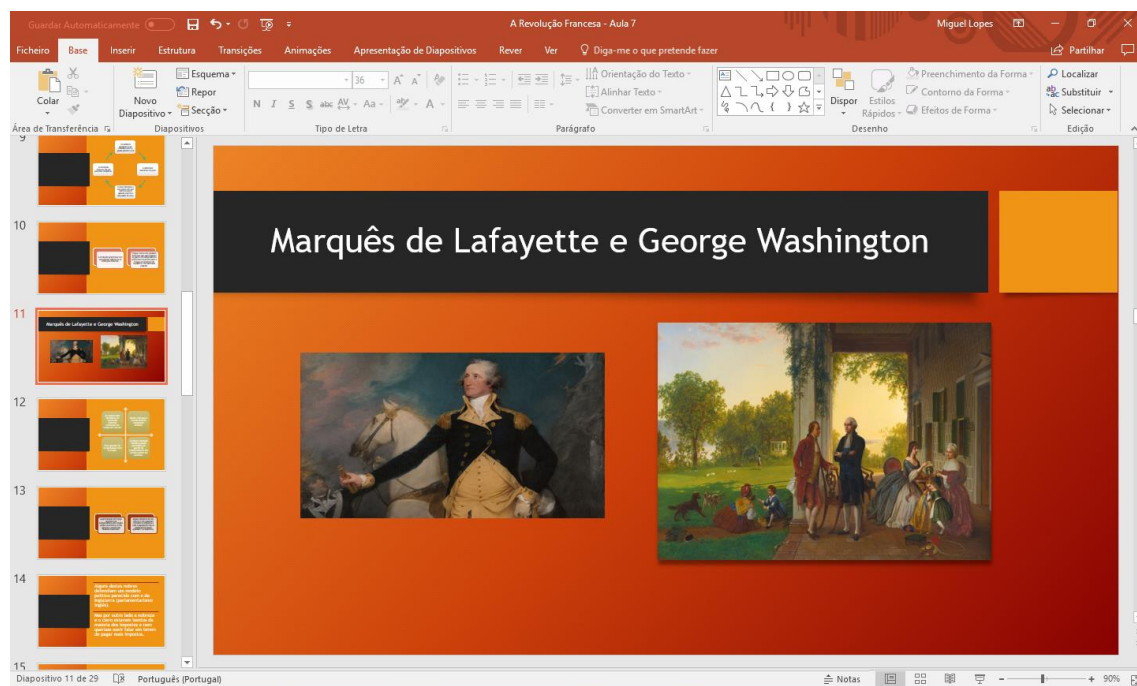


Imagem 13 – Imagem do PowerPoint – 7.ª aula

Nesta aula estavam presentes a professora cooperante Maria José Ferreira e 25 alunos

Estratégia para esta aula

A aula foi sobre a Revolução Francesa demos a aula com o auxílio do PowerPoint e também passamos um video sobre essa mesma revolução. A professora Maria José Ferreira gostou muito do video e pediu nos para ficar com o link para poder mostrar aos seus alunos do 11.º A.

Usamos também a Internet para mostarmos algumas imagens aos alunos a seu pedido para esclarecer – mos algumas questões. Depois pedimos para os alunos responderem a cinco questões elaboradas por nós.

Nesta aula mudamos um pouco a estratégia porque a professora cooperante diz nos antes da aula se iniciar que tínhamos de fazer mais perguntas aos alunos, e que a aula não podia ser um monólogo. Tendo isso em consideração durante explicação da matéria colocamos questões aos alunos que responderam acertivamente, podemos dizer que estavam dentro da matéria.

Outra mudança na estratégia foi escrevemos mais no quadro para explicarmos melhor a matéria que era algo que também também fazíamos pouco, foi uma aula muito importante onde aprendemos com os alunos, neste caso não foi só os alunos a aprenderem com professor aprendemos também com os alunos, porque estes fazem parte da aprendizagem, logo os discentes tem de ser incluídos na aula (não podem ser só espectadores do que se passa na aula) o que também reduz a indisciplina, porque quando o professor faz perguntas os alunos ficam mais focados porque não querem falhar as respostas.

Depois ainda pedimos aos alunos para responderem a cinco perguntas elaboradas por nós pedimos para trabalharem em grupo de dois a dois o que fizeram, e depois entregaram nos as folhas com as perguntas nesse aspeto os alunos cooperaram sempre.

Comportamento

Os alunos tiveram um comportamento que podemos classificar de muito bom porque tiveram atentos a explicação do professor, responderam às perguntas do docente e não houve casos de indisciplina,

Teorias de aprendizagem aplicadas na aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa.

E por outro lado procuramos ensinar aos os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possíveis, para assim ensinar aos discentes os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como demos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, pedindo – lhes para participar na aula por exemplo: ler um texto, responder às perguntas do manual ou a responder a perguntas feitas pelo professor sobre matéria dada na aula.

Ergonomia da sala de aula

Consideramos que esta sala reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são cometidas) quando assistiam às nossas aulas.

Link do video

- <https://www.youtube.com/watch?v=g8xoeU5iljg>

Aula 8

Horário: 08:20

Sala: 0-50

Duração: 90 minutos

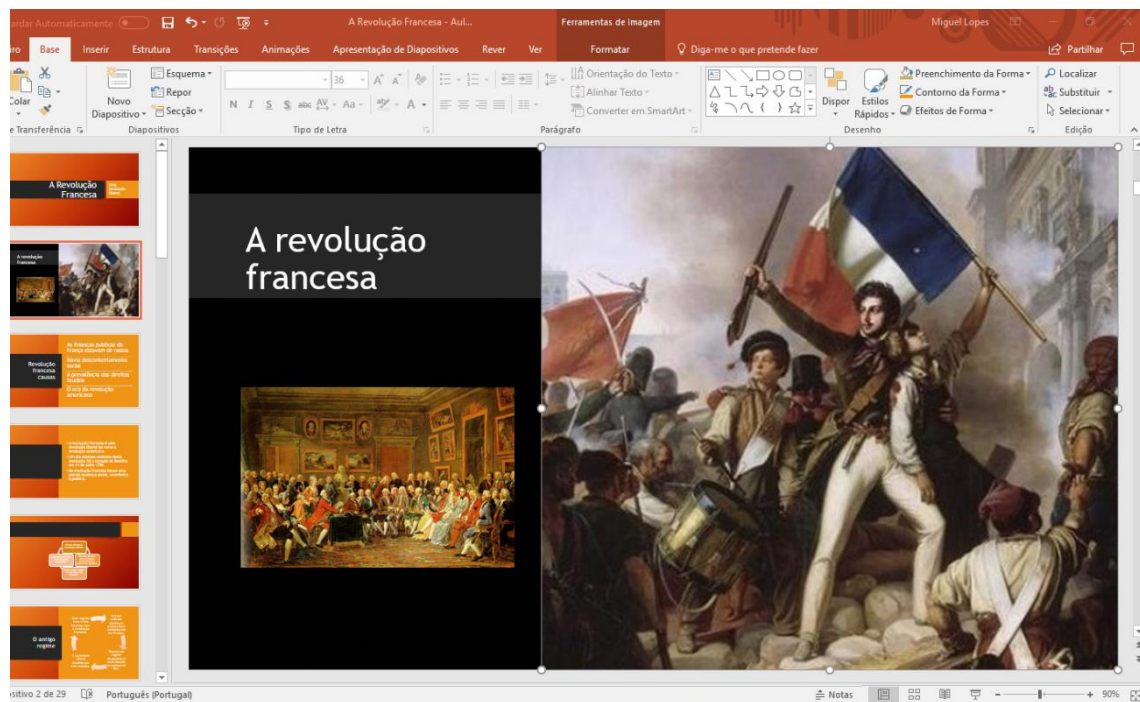
Turma 11º D

Método: Didático - expositivo

Escola: Secundária Camilo Castelo Branco

Sumário: A revolução francesa

A convensão, diretório, o consulado



14 – Imagem do PowerPoint – 8.ª aula

Nesta aula estavam presentes a professora cooperante Maria José Ferreira e 25 alunos.

Estratégia para esta aula

Nesta aula muito longa usamos o PowerPoint e passamos dois videos um sobre a Revolução Francesa e outro sobre o General Napoleão Bonaparte, houve bastante matéria para dar para não variar na aula das quartas feiras. Os alunos estavam muito faladores, a temática era complexa cheia de acontecimentos escrevemos bastante no quadro e fizemos perguntas aos alunos, que responderam com acerto provando que são bons alunos.

Somando o tempo dos dois videos são 20 minutos parece – nos um tempo razoável; os alunos gostaram dos video porque mesmo os discentes mais distraídos, estiveram com atenção descobrimos que se se der primeiro a matéria, e depois passarmos bons videos completamos os conhecimentos e as informações que quisemos passar aos alunos.

Enquanto os videos passavam fomos observando os alunos e percebemos que mesmo aqueles alunos que estão sempre muito distraídos, nesta aula não estavam, estiveram atentos, por vezes o melhor é o professor adaptar o método do ensino aos alunos que tem à sua frente e tudo fica mais fácil.

Recursos didáticos

Utilizamos o PowerPoint para darmos a matéria que era bastante densa usamos também a Internet para mostrarmos alguma imagens do Napoleão Bonaparte, e depois colocamos os videos que os alunos gostaram bastante.

Comportamento

Avaliamos o comportamento dos alunos como bom porque não houve casos de indisciplina os alunos estiveram atentos à matéria e estiveram participativos.

Teorias de aprendizagem aplicadas nesta aula

Nesta aula usamos principalmente as teorias de David Ausubel e da sua escola significativa.

E por outro lado procuramos ensinar aos os conceitos previstos na planificação com os melhores exemplos possíveis, para assim ensinar aos discentes os pilares que definem a matéria lecionada para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda de acordo com a escola significativa, nesta aula envolvemos os alunos na forma como demos a aula, apelando sua à participação, para evitar assim que os alunos fiquem na sala de aula de uma maneira passiva, pedindo – lhes para participar na aula por exemplo: a lerem um texto, a responder às perguntas do manual e também fizemos perguntas aos alunos sobre a matéria dada na aula.

Ergonomia da sala de aula

Na nossa opinião consideramos que esta sala de aula reúne boas condições ergónomicas no que diz respeito ao mobiliário escolar porque estão de acordo com a altura dos alunos, por aquilo que podemos observar. E tendo isso em consideração reparámos que dessa forma os alunos conseguiam ter uma boa postura (é o compromisso adoptado pelo aluno resultante das condições que lhe são oferecidas e as exigências das tarefas que lhe são acometidas) quando assistiam às nossas aulas.

Link dos videos

- <https://www.youtube.com/watch?v=6GeCxISpJxk&t=4s>
- <https://www.youtube.com/watch?v=hv90ZJmbJIU&t=72s>

30

Revolução Americana

1- Explica quais as ideias que estão na base da revolução americana.
 Iniciou-se no séc. XVIII.
 América é a colónia dos Ingleses.
 No início foi um conflito regional entre os ingleses e a Inglaterra.
 CUA criou uma República Federativa (conjunto de estados).

2- Descreve o que foi a guerra dos sete anos e o que aconteceu à economia inglesa.
 Esta guerra iniciou-se porque a Inglaterra e a França começaram a disputar as mesmas terras.
 A Inglaterra saiu vitoriosa mas ficou com dívidas e aumentou impostos.

3- Desenvolve o seguinte tema: 'O que entendes por tea party?'
 Iniciou-se no ano de 1773 para tentar salvar a Companhia Inglesa das Índias Orientais.
 Os colonos americanos eram obrigados a comprar chá daquela Companhia e viam-se impedidos de o comercializar.
 deste modo, a companhia inglesa das Índias Orientais passava a deter o monopólio de venda deste produto.

4- Os colonos queriam encontrar as ideias iluministas ou o tanto interesse em impedir a criação de Boston de ter um Porto aberto.

5- Apenas os americanos podiam levantar impostos.

Karlens Tavares
N.º 19 11.º D

Imagem 15 – Questionário feito pelos alunos do 11.º ano de História – fac simile

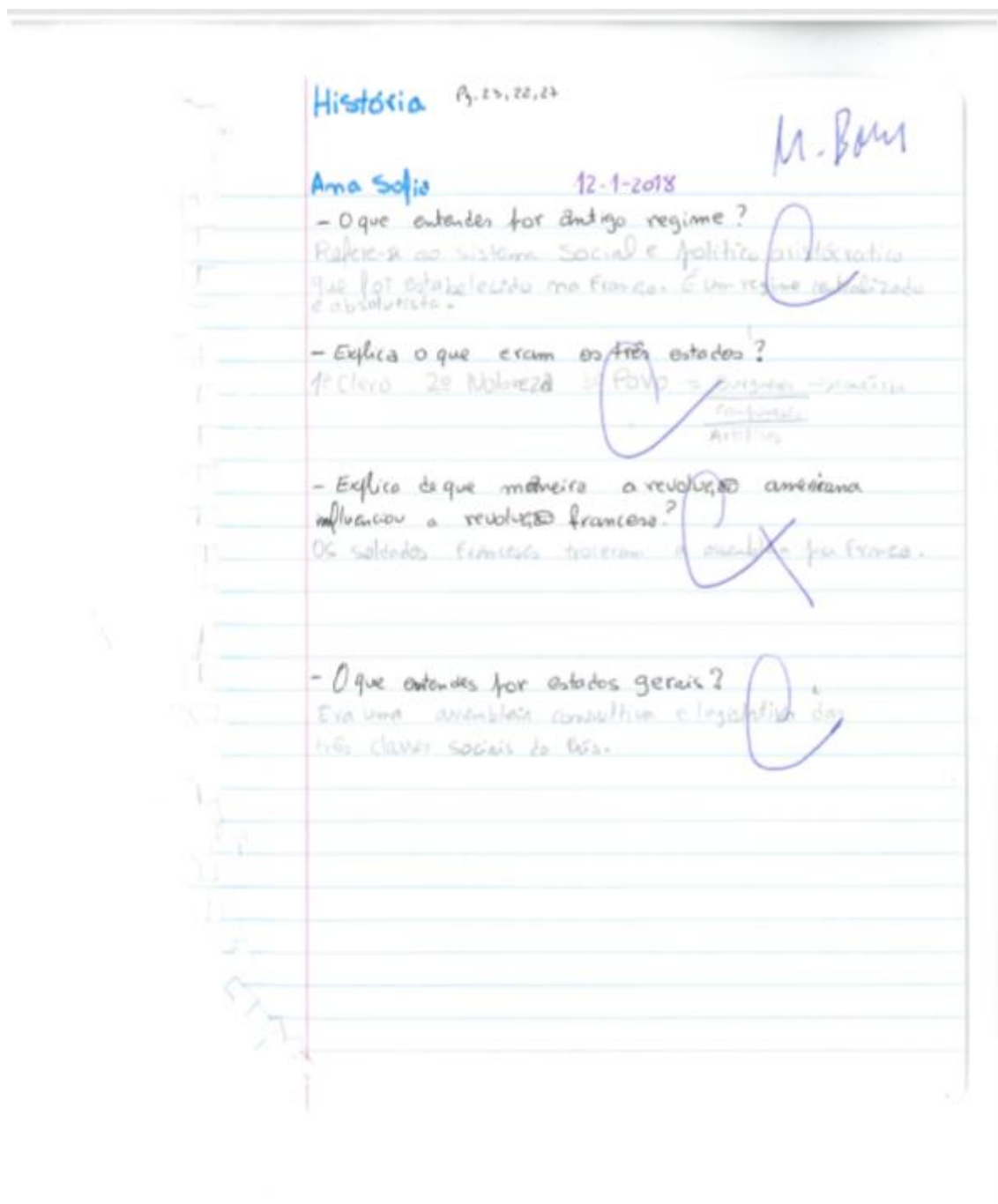


Imagem 16 – Questionário feito pelos alunos do 11.º ano de História – fac simile

TERCEIRA PARTE – A Revolução Francesa e Americana uma proposta didática

Os Conteúdos programáticos

Os manuais utilizados nas aulas foram o manual de história A do 11.º ano Linhas da História dos autores Alexandre Fortes, Fátima Freitas Gomes e José Fortes primeiro e segundo volumes, edições Lena.

A matéria escolhida previamente pela professora cooperante Maria José Ferreira incidiu sobre:

1 - O Triunfo dos estados e estruturas dinâmicas, nos séculos XVII e XVIII (primeiro bloco de aulas)

2 - A revolução Americana, uma revolução fundadora (segundo bloco de aulas)

3 - A revolução Francesa o paradigma das revoluções liberais e burguesas (segundo bloco de aulas)

Utilizando sempre uma linguagem acessível aos alunos e nunca colocando mais de três frases num slide, e optando por não colocar toda a explicação do que queríamos dizer nos slides mas sim algumas linhas orientadoras para nos ajudar a explicar a matéria.

Por outro lado colocamos também as melhores imagens que conseguimos descobrir na Internet porque defendemos que os alunos quanto melhor a qualidade das imagens, mais ficam focados no PowerPoint o que é essencial para controlar melhor a turma.

A apreciação que fazemos do conteúdo do manual é muito positivo, o tamanho da letra é o adequado, o grafismo também está bastante bom e por outro lado também pensamos que as perguntas no final de cada módulo são importantes para aferir se os discentes apreenderam ou não a matéria.

Menos positivo é o fato de por vezes os alunos terem alguma dificuldade a perceberem as perguntas do manual visto estas serem, por vezes, algo complicadas de decifrar sobre o que realmente querem dizer.

A pedagogia associada ao desenvolvimento cognitivo dos alunos

Nas aulas que demos na escola secundária Camilo Castelo Branco tivemos sempre a preocupação de ter um discurso de acordo com o desenvolvimento cognitivo dos alunos do 11.º ano.

Porque sabemos que os alunos são os receptores de tudo o que o docente tem para lhes ensinar e a linguagem deste tem de estar de acordo com o desenvolvimento cognitivo dos mesmos.

Porque é essencial que os conteúdos programáticos que o docente comunica aos seus alunos seja por estes compreendido e memorizado.

Existem estratégias para que os discentes aprendam de fato os conhecimentos e informações que fazem parte do currículo escolar.

Logo na pedagogia que usamos nas aulas tivemos sempre a atenção de falarmos uma linguagem que todos os alunos percebessem, tivemos isso mesmo em consideração quando construímos as aulas no PowerPoint colocamos sempre uma linguagem adequada aos alunos do 11.º Ano.

Outro aspeto foi que a professora Maria José Ferreira disse – nos que os alunos não apreendem tudo o que o professor fala nas aulas, existe uma dispersão entre aquilo que o docente comunica e aquilo que os alunos apreendem no geral.

Esta dispersão não está ligada de alguma maneira ao método do professor mas sim há biologia humana, tendo em consideração que os alunos distraem – se sempre com alguma coisa que tanto poderá ser com um colega seu que disse alguma coisa, ou mesmo quando se distraem com algo que aconteceu fora da sala.

Estudos indicam que os alunos em média apenas aprendem e conseguem memorizar mais ou menos 70% do que o docente lhes comunicou em sala de aula

Logo a professora cooperante pediu nos para fazermos questionários para monitorizarmos aquilo que de fato os alunos aprenderam nas aulas que demos e podemos dizer que ficamos satisfeitos com os resultados que obtivemos.

Mas também percebemos a necessidade de adequar o nosso discurso ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, para eles poderem entender tudo o que o docente lhes comunicou porque também existem muitas “distrações” extra aula

começando por alguma imaturidade dos alunos (justificada pelas idade dos alunos) e ruídos que veem do exterior difíceis de controlar.

Para nos defendermos deste “ruído” e para nos certificarmos que os alunos iam aprendendo a matéria que iam passando para eles os questionários foram muito importantes o que também permitiu que:

- 1 -Os alunos se concentrassem na matéria porque tinham de responder às perguntas
- 2 – Permitiu aos docentes saber se a linguagem escolhida por estes era a mais adequada para os alunos da turma.
- 3 – Verificar se os discentes estavam de fato a aprender
- 4 – Introduzir mais dinamica na forma como demos a matéria em sala de aula.

A avaliação de conhecimentos

No que diz respeito à avaliação de conhecimentos nas aulas que demos na Escola secundária Camilo Castelo Branco usamos as perguntas que o manual tem por defeito, mas também a pedido da professora Maria José Ferreira criamos questionários que colocamos nos slides do PowerPoint para depois os alunos responderem.

Por outro lado quer no que diz respeito às perguntas que fizemos do manual quer as perguntas criada por nós, os alunos puderam usar o respectivo livro de apoio para procurarem as respostas.

É lógico que estes questionários decorreram no final das aulas depois de termos dado a matéria utilizando o PowerPoint.

Estes questionários revelaram que os alunos gostavam de responder aos mesmos porque durante o tempo que respondiam aos questionários estavam atentos aos mesmos, e faziam perguntas aos professores como por exemplo:

1 - O que queriam dizer exactamente aquelas perguntas o que é o docente queria que eles respondessem

2 – Queriam saber onde estava a matéria no manual referente a determinada pergunta

3 – Quanto tempo tinham para responder às perguntas

4 – E depois de entregarem os questionários nas aulas a seguir queriam saber que nota tinham tido.

Por outro lado no que diz respeito aos questionários e às respostas dos alunos consideramos que podemos envolver os alunos no processo de ensino aprendizagem da seguinte maneira:

Se os alunos vão responder a 5 perguntas escrevemos no quadro.

1 –

2 –

3 –

4 -

5-

Depois pedimos aos alunos que vão ao quadro responder às perguntas 1,2,3,4,5, pela experiência que tivemos os alunos gostam de se oferecer para irem ao quadro e escrever as respostas.

Por um lado os alunos envolvem - se na aula, e por outro lado o envolvimento dos alunos permite diminuir o índices de indisciplina.

Quando não havia já tempo para os alunos acabarem o questionário em casa pedíamos para o fazerem em casa (T.P.C).

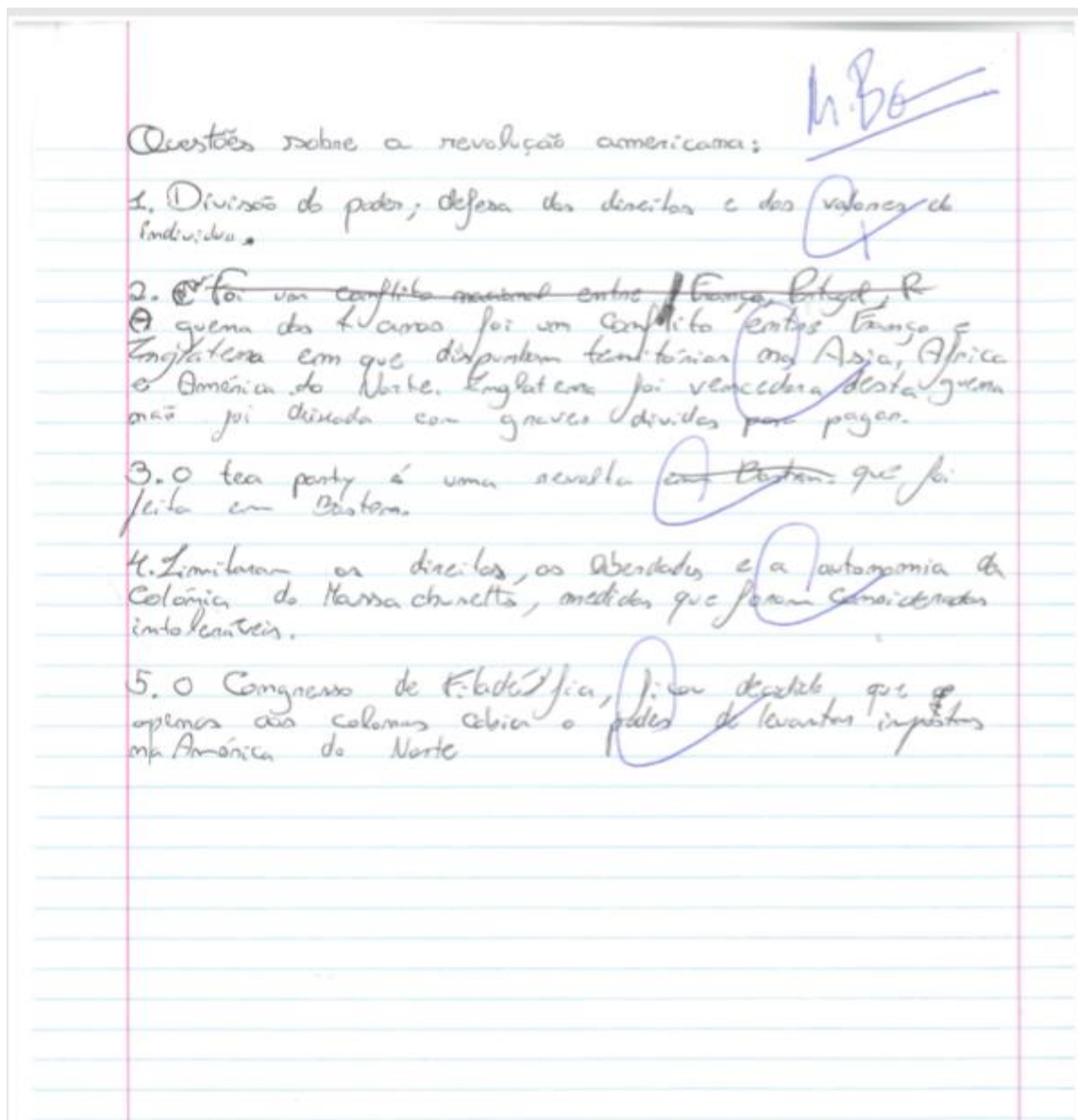


Imagem 17 – Questionário feito pelos alunos na aula Turma 11.º D – fac simile

Beatriz Batalla
Nº 6 11º D

M. Bo

João Terrasão
Nº 15 11º D

1. As ideias que estão na base da Revolução Americana tiveram como base as ideias iluministas que defendiam os direitos naturais ^{humanos}, a igualdade e a liberdade. E por outro lado afirmaram que todos os homens ^{eram livres} ~~eram iguais~~.
2. ^A guerra durou sete anos entre 1756 e 1763 e após a França e Inglaterra, devido a disputas territoriais os ingleses ficaram com muitas ~~terras~~ ^{terras}.
3. Foi um imposto criado pelos ingleses fazendo subir o preço do ~~chá~~ ^{chá}. Teia act (isto ao chá).
4. Os colonos ingleses acharam que os ^{homens} ~~homens~~ eram todos iguais perante a lei pois não podiam ter portos abertos violando assim os seus direitos.
5. Decidiram, reafirmar a ~~defesa~~ ^{defesa} da liberdade 1774 que defendem o direito ^{de} ~~de~~ igualdade e liberdade e por outro lado e boicotaram os produtos ingleses.

Imagem 18 – Questionário feito pelos alunos na aula turma 11.º D - fac simile

Uma proposta didática para lecionar a Revolução Americana e Francesa

“A importância da utilização dos recursos didáticos na sala de aula”

Queremos neste trabalho acadêmico provar que, com a nossa proposta didática, conseguimos que os nossos alunos se mantenham focados e atentos na matéria, que nosso caso foi a Revolução Americana e Francesa, e aprendam mais facilmente, para isso utilizamos os recursos didáticos disponíveis que foi o PowerPoint e vídeos, também pretendemos provar que ao usarmos os recursos didáticos com critério também conseguimos diminuir a indisciplina na sala de aula.

A construção das aulas

Em primeiro lugar tentamos construir as nossas aulas o mais interessantes possíveis porque acreditamos que assim os discentes ficam mais focados e concentrados no nosso discurso enquanto docentes.

Depois aplicamos os conhecimentos que entretanto adquirimos no mestrado em ensino, porque precisamos de uma base para iniciarmos o processo de ensino – aprendizagem.

O triângulo

A proposta didática que fazemos baseia – se em primeiro no triângulo didático – pedagógico como a base primordial para construirmos a nossa aula, o professor deve estar muito bem preparado a nível científico, didático e pedagógico para assim construir a sua aula.

A nível científico devemos estar bem preparados, para podermos ensinar os conteúdos programáticos e assim conseguirmos passar aos discentes os conhecimentos e as informações da melhor maneira possível.

No que diz respeito à didática escolhemos e organizamos o melhor possível os conhecimentos que queríamos passar aos nossos alunos.

E pedagogicamente ajustamos o nosso discurso ao desenvolvimento cognitivo dos nossos alunos estamos a falar de alunos cuja média de idades é de 16, 17 anos.

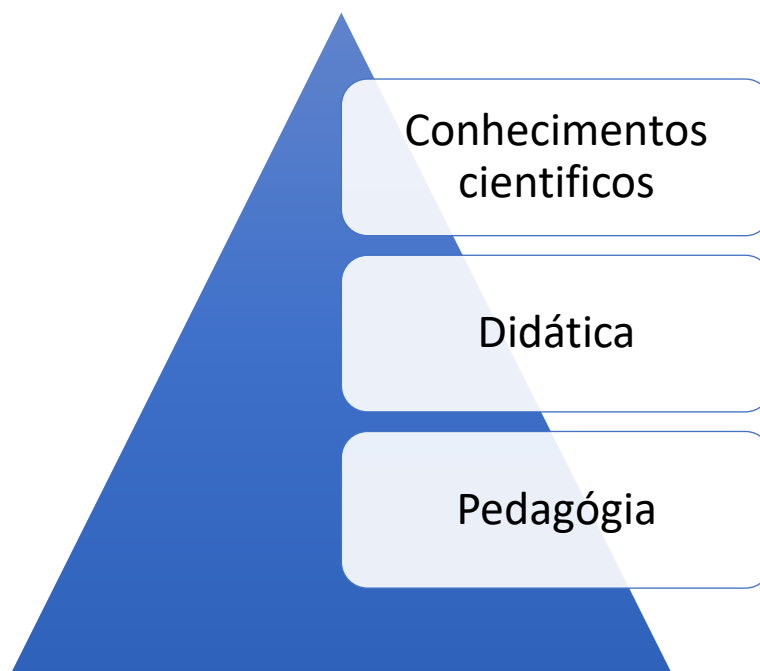


Figura – 6 mapa conceptual do triângulo didático - pedagógico

No nosso caso utilizamos o PowerPoint e videos como recursos didáticos ao construir – mos a nossa aula sobre a Revolução Americana e Francesa. Colocamos o texto e as melhores imagens que possamos descobrir de acordo com a matéria que estamos a dar.

Por exemplo na aula 5 quando começamos a dar a matéria sobre a Revolução Americana, e ao colocar as imagens no PowerPoint. Uma das primeiras imagens escolhidas foram sobre um mapa da América e das treze colónias que se revoltaram no seculo XVIII contra o R.U.

Porque quisemos que os alunos tivessem uma noção espaço temporal da região onde teve inicio a Revolução neste caso a Revolução Americana



Imagem 19 - das treze colónias americanas.

Depois mais à frente na aula, colocamos imagens de algumas pessoas que participaram nesta Revolução como por exemplo Benjamin Franklin e George Washington (primeiro Presidente dos EUA) e que se destacaram na preparação da Revolução Americana.



Imagem - 20 - Benjamim Franklin - A Revolução Americana – Século XVIII



Imagem 21 - George Washington –A Revolução Americana - Seculo XVIII

Por outro lado à medida que a aula se foi desenvolvendo e à medida que iam dando a aula mostramos imagens sobre os pontos mais emblemáticos da matéria exemplo: imagens das batalhas que marcaram esta revolução, porque ajuda os alunos a terem uma imagem visual dos acontecimentos, o que lhes permite acompanhar a matéria de uma forma mais fácil.

Gostavamos de referir que os estímulos visuais na sala de aula são muito importantes porque despertam o interesse dos alunos, e também podem ajudar os estudantes a reterem melhor os conhecimentos e informações que os professores lhes estão a passar.

A importância dos estímulos visuais

- Facilitam a organização das ideias complexas
- Imagens com pessoas, lugares e objetos comunicam melhor com a mente humana
- Imagens que apresentem, imagens já conhecidas, ao lado de imagens desconhecidas facilitam as conexões cerebrais dos alunos
- As imagens ajudam a focar e a manter a atenção dos alunos

É evidente que por vezes quando lecionamos uma matéria no nosso caso sobre Revolução Americana e Francesa a matéria é vasta, e quando abordávamos algum tema e não colocamos a imagem no PowerPoint, os alunos pediam para lhes mostrarmos uma imagem da Internet, por exemplo, da tomada da Bastilha, ou de um participante na Revolução Francesa neste caso de Napoleão Bonaparte o que prova a importância que os alunos dão às imagens.



Imagem 22 – tomada da Bastilha – 4 de Julho de 1789



Imagem 23 – A Revolução Francesa – Napoleão Bonaparte

Outras vantagens na utilização do PowerPoint é consideramos que no PowerPoint o texto é fácil de seguir, podemos escolher o tamanho da letra, e mudar a cor dos slides de acordo com as nossas conviniências no nosso caso fomos variando o tema.

Reparámos que os alunos estavam atentos à nossa explicação pela observação que fizemos e apreciam as aulas quando se utiliza o PowerPoint.

Depois das aulas terminarem mandamos o PowerPoint para o email da professora coperante, para depois a docente enviar para os alunos para estes poderem estudar a matéria para o teste, que iam ter daí a algum tempo. Consideramos ser esta outra mais valia do PowerPoint.

Os videos

Os videos que utilizamos na aula foram videos que descobrimos no youtube depois de alguma pesquisa na Internet e que consideramos, depois de os visualizarmos com critério e minúcia, serem muito uteis como suporte para as aulas que demos da Revolução Americana e Francesa.

Alguns dos links dos videos que usamos nas nossas aulas

Link 1 - <https://www.youtube.com/watch?v=Q3Vy854Q1I0&t=7s>

Link 2 - <https://www.youtube.com/watch?v=g8xoeU5iljg>

Tivemos que ter em conta algumas regras básicas

Que foram não colocar videos com mais de 15 a 20 minutos, e visualizarmos sempre os videos para nos certificarmos que estavam de acordo com a matéria do manual.

Os videos são muito bons recursos didáticos porque permitem aos alunos “visitarem” os locais mais emblemáticos por exemplo da Revolução Americana.

E verem, porque existe sempre uma teatralização nas imagens dos videos de época histórica, como é que as pessoas da época se vestiam, onde viviam, que armas foram usadas na Revolução Americana, poderem ver também os locais onde se realizaram as principais batalhas, as pessoas que nela participaram, tudo isto na nossa opinião motiva e facilita, a aprendizagem.

A importância do uso dos videos em sala de aula

- Dão uma maior dinamica às aulas
- Desenvolvem a análise critica dos alunos muito deles, a seguir aos videos gostavam de dar a sua opinião sobre os mesmos
- Ver imagens do que aconteceu em determinada época por exemplo na Revolução Americana ajuda os alunos a terem uma maior percepção dos acontecimentos
- os videos também são importantes porque ajudam os alunos a motivarem - se para determinados assuntos, que sem essa projeção audiovisual tornasse mais dificil para alguns alunos assimilarem determinados conhecimentos
- Mantem os alunos atentos e focados nos conteudos programáticos.
- Os videos também são recomendados para pessoas com necessidades especiais
- Podemos pedir aos alunos para fazerem um trabalho criando os seus próprios videos
- Os videos podem ser utilizados em tempo real com especilaistas de todo o mundo por exemplo via Skype
- Os videos podem ser usados em viagens virtuais a museus ou a lugares distantes geograficamente da sala de aula

Os questionários

Nesta proposta didática também propomos a utilização de questionários na sala de aula, porque defendemos que é muito importante o professor saber se as informações e conhecimentos que se estão a passar aos alunos, estão a ser assimilados ou não pelos discentes.

Fizemos vários questionários ao longo das aulas e pedimos aos alunos para responderem às questões elaboradas por nós, em grupo, com consulta i,é podiam usar o manual escolar

O tempo para realizar o questionário:

20 minutos

Algumas das questões que usamos nos questionários neste caso sobre a Revolução americana

- 1 - Explica quais a ideias que estão na base da Revolução Americana.
- 2 – Descreve quem foram os paises que participaram na Guerra dos sete anos

3 – Desenvolve o seguinte tema: o que entendes por Tea Act

4 - Refere em que ano teve início a Revolução Americana

5 – Indica em que ano os ingleses reconheceram a Independência das treze colónias americanas.

Envolver os alunos na aula

Procuramos envolver os alunos nas nossas aulas, porque acreditamos que assim é mais fácil para os alunos assimilarem a matéria, escrevemos no quadro vários quadros mentais para que os alunos pudessem mais facilmente, ter a noção espaço - temporal e cronológica dos acontecimentos, no que diz respeito a toda a envolvimento que esteve na base das Revoluções Americana e Francesa.

Por outro lado colocámos amiúde questões sobre a Revolução Americana e Francesa aos discentes, procurando que participassem nas aulas e motivando - os sempre que respondiam acertivamente às nossas questões ou faziam uma pergunta interessante.

A escola significativa de David Ausubel defende e nós concordamos que o professor deve envolver os alunos na aprendizagem, os alunos não devem ficar na sala de aula de uma maneira passiva só a tirar apontamentos.

O docente deve assim permitir que os alunos participam na aula e deve mesmo convidá-los a participar, pela experiência que temos os alunos gostam de intervir na aula, por outro lado cabe ao professor usar maneiras criativas para possibilitar a participação dos alunos na aula.

Algumas considerações sobre o resultados obtidos

Na nossa proposta didática que utilizamos para ensinar a Revolução Americana e a Revolução Francesa utilizando os recursos didáticos, PowerPoint e videos na nossa opinião conseguiu alcançar o objetivos pré – definidos por nós.

Que eram ensinar os conteúdos previstos na planificações a médio e a curto prazo sobre a Revoluções Americana e Francesa. E também provar que conseguimos diminuir a indisciplina dos discentes.

Utilizamos o método expositivo – discursivo que consideramos ser aquele que melhor se adequa aos nossos objetivos.

No que diz respeito às teorias de aprendizagem que usamos nas aulas, escolhemos as teorias de David Ausubel da escola significativa, porque consideramos que são aquelas que melhor se ajustavam quer ao método utilizado quer aos alunos que tínhamos na sala de aula.

Ao usarmos o PowerPoint e porque utilizamos ao mesmo tempo as melhores imagens que conseguimos descobrir na Internet (imagens livres de direitos) aumentamos o nível de concentração dos alunos e mantivemos estes focados na matéria.

Porque está provado que as imagens são um meio muito importante quando estamos a ensinar os alunos porque como já dizemos:

A importância dos estímulos visuais

- Facilitam a organização das ideias complexas
- Imagens com pessoas, lugares e objetos comunicam melhor com a mente humana
- Imagens que apresentem, imagens já conhecidas, ao lado de imagens desconhecidas facilitam as conexões cerebrais dos alunos
- As imagens ajudam a focar e a manter a atenção dos alunos

Por outro lado para complementar a nossa proposta didática também utilizamos videos, porque nos videos conseguimos observar, porque há sempre uma teatralização quando se constroi um video de época pessoas vestidas no nosso caso à maneira do séc. XVIII, os locais que aparecem no audiovisual são os locais onde tudo se passou, o que vai facilitar a percepção espaço temporal dos discentes, facilitando a compreensão da matéria.

Quando utilizamos os videos observamos a turma e mesmo aqueles alunos que com o PowerPoint demonstravam algum deficit de atenção (identificamos apenas dois ou três) no videos demonstravam um interesse pela matéria que nos nosso entender foi revelante.

A importância do uso dos videos em sala de aula

- Dão uma maior dinamica às aulas.
- Desenvolvem a analise critica dos alunos muito deles, a seguir aos videos gostavam de dar a sua opinião sobre os mesmos.
- Ver imagens do que aconteceu em determinada época por exemplo na Revolução Americana ajuda os alunos a terem uma maior percepção dos acontecimentos.
- os videos também são importantes porque ajudam os alunos a motivarem - se para determinados assuntos que sem essa projeção audiovisual tornasse mais dificil para alguns alunos assimilarem determinados conhecimentos.
- Mantem os alunos atentos e focados nos conteudos programáticos.
- Os videos também são recomendados para pessoas com necessidades especiais
- Podemos pedir aos alunos para fazerem um trabalho criando os seus próprios videos.
- Os videos podem ser utilizados em tempo real com especialistas de todo o mundo por exemplo via Skype.
- Os videos podem ser usados em viagens virtuais a museus ou a lugares distantes geograficamente da sala de aula.

Outro aspeto importante foi termos usado questionários para comprovar o sucesso da nossa proposta didática e obtivemos bons resultados, a classificação que em média os discentes tiveram foi de Bom e Muito Bom.

No que diz respeito à indisciplina conseguimos obter uma redução significativa da indisciplina na sala de aula, porque se os alunos estão mais atentos e focados na matéria.

É lógico que estes vão estar mais concentrados nos conteúdos programáticos, e tendo isso em consideração muitos deles vão reduzir, por exemplo, a verbalização obtida quando têm conversas paralelas ao docente, porque o foco dos alunos é a matéria as imagens e os videos aos quais são muito sensíveis, porque os alunos já têm uma propensão inata para as novas tecnologias e isso pode e deve ser utilizado em favor do ensino.

Este questionário foi feito aos alunos da turma 11.º ano D para aferir dos resultados da nossa proposta didáctica.

QUESTIONÁRIO

A Revolução Americana e Francesa: uma proposta didáctica	
Escola Secundária Camilo Castelo Branco	Data: 04/02/2018
Unidade Curricular - IPP3	
Professor: Miguel Lopes	Turma: 11.º ano D

Responde às seguintes questões

1 – No geral qual a opinião com que ficaste das aulas?

2 – A utilização do PowerPoint e dos videos ajudou – te na assimilação da matéria?

3 – De 0 a 10 que notas davas à utilização do PowerPoint e dos videos nas aulas?

4 – Classifica a actuação do professor usando uma escala de 0 a 10 no que diz respeito à:

4 - 1 – Assiduidade

4 - 2 – Pontualidade

4 - 3 – Dinâmica das aulas

4 - 4 - Utilização dos recursos didáticos

Sugestões:

Participaram no questionário os seguintes alunos:

- Beatriz Batalha
- Ana Sofia
- Frederico Djalo
- Miriam Sousa

Respostas dos alunos às nossas questões:

1 – No geral qual a opinião com que ficaste das aulas?

Beatriz Batalha – Gostei das aulas no geral e do professor, gostei também da forma como as aulas foram dadas.

Ana Sofia – Aprendi muito e gostei das aulas.

Frederico Djalo - Gostei das aulas e estive atento porque gosto de imagens e de videos.

Miriam Sousa – As aulas foram fixes e gostei dos videos.

2 – A utilização do PowerPoint e dos videos ajudou – vos na assimilação da matéria?

Beatriz Batalha – Gostei das imagens que vi no PowerPoint por me ajudou a perceber melhor a matéria, e também gostei muito dos videos porque percebi que as pessoas se vestiam de uma forma diferente da minha, no resto eram iguais a nós.

Ana Sofia – Gostei do PowerPoint porque as imagens ajudaram – me a ficar mais atenta e focada, os videos eram muito bons e interessantes e deu para perceber o que aconteceu nas Revoluções Americana e Francesa.

Frederico Djalo - Gostei das imagens do PowerPoint e dos videos porque estes estavam muito bons.

Miriam Sousa – Aprender com o PowerPoint foi bom porque estive mais focada e atenta nas aulas, e as imagens do PowerPoint ajudaram - me a perceber melhor matéria, no que diz respeito, aos videos percebi como é que as pessoas andavam vestidas, e ajudou – me a compreender aonde decorreram as batalhas e como é que as pessoas agiam e pensavam nessa época.

3 – De 0 a 10 que classificação davas à utilização do PowerPoint e dos videos nas aulas?

Beatriz Batalha – Nota 9

Ana Sofia - Nota 7

Frederico Djalo – Nota 9

Miriam Sousa – Nota 9

4 – 1 - Classifica a actuação do professor usando uma escala de 0 a 10 no que diz respeito à assiduidade

Beatriz Batalha – Nota 9

Ana Sofia – Nota 8

Frederico Djalo – Nota 7

Miriam Sousa - Nota 9

4 – 2 - Classifica a actuação do professor usando uma escala de 0 a 10 no que diz respeito à pontualidade

Beatriz Batalha – Nota 9

Ana Sofia – Nota 7

Frederico Djalo – Nota 8

Miriam Sousa - Nota 7

4 – 3 - Classifica a actuação do professor usando uma escala de 0 a 10 no que diz respeito à dinâmica das aulas

Beatriz Batalha – Nota 9

Ana Sofia – Nota 9

Frederico Djalo – Nota 7

Miriam Sousa - Nota 10

4 – 4 - Classifica a actuação do professor usando uma escala de 0 a 10 no que diz respeito à recursos didáticos

Beatriz Batalha – Nota 9

Ana Sofia – Nota 10

Frederico Djalo – Nota 9

Miriam Sousa - Nota 10

Pela análise que fizemos do questionário deduzimos pela amostra que obtivemos, que os discentes, gostam da utilização dos recursos didáticos, porque a resposta que obtivemos quando perguntamos:

4 – 4 - Classifica a actuação do professor usando uma escala de 0 a 10 no que diz respeito à recursos didáticos

Foi uma resposta que teve uma média de 9.5 em 10.

Esta é a média aritmética e foi calculada ao adicionar um grupo de números e, em seguida, dividimos pela contagem desses números.

$$M = \frac{9+10+9+10}{4} = \frac{38}{4} = 9.5$$

Ficou para nós claro que os alunos gostam dos recursos didáticos e que se estes forem bem utilizados podem ser uma mais valia, porque os alunos apreciam as novas tecnologias e tendo isso em consideração a sua atenção e foco nos conteúdos programáticos é maior.

Por outro lado ao estarem focados na matéria a indisciplina vai diminuir porque a concentração dos alunos na temática que o docente está a explicar e a passar – lhes tornasse o foco da sua atenção.

Defendemos também que na escolha das imagens e dos vídeos é necessário ter em consideração algumas das regras que já expusemos em capítulos anteriores, para que a utilização dos recursos didáticos obtenha o sucesso pretendido que tem dois vetores:

A assimilação dos conteúdos programáticos pelos alunos

E também o seu sucesso escolar.

Desta forma consideramos que conseguimos provar a importância da utilização dos recursos didáticos na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relatório que fizemos para a unidade curricular de IPP3 tentámos ser o mais precisos possível na descrição das aulas que demos na Escola Secundária Camilo Castelo Branco.

E por outro lado também procuramos aplicar toda a sapiência dicática, pedagógica e todos os recursos didáticos que os docentes da Faculdade de Letras e do Instituto de Educação diligentemente nos ensinaram.

Consideramos que a exigência por parte dos docentes foi grande, mas como a profissão de professor também é exigente, é importante ter uma boa preparação, e os nossos alunos no futuro vão nós agradecer por termos feito tudo para conseguir apreender os conhecimentos necessários para dar aulas da melhor forma possível.

Gostamos muito do tempo que passamos na Escola Secundária de Alcochete e na Escola Secundária camilo Castelo Branco onde em primeiro lugar assistimos às aulas dos professores cooperantes e depois demos as nossas primeiras aulas.

Consideramos ser importante para a formação de um professor, o contato com as escolas secundárias, com os alunos e com as salas de aula, é muito bom ter a experiência de ter dado aulas, porque existem muitos conhecimentos que é preciso dominar para conseguirmos ter êxito na profissão de docente que só se conseguem ter praticando.

Nas aulas lecionadas por nós aprendemos a preparar e a organizar os conteúdos didáticos, a fazer a gestão do tempo, a controlar a turma, e a avaliar os alunos, e também nos apercebemos que os recursos didáticos, são muito úteis e ajudam mesmo o professor na sua atividade de lecionar os discentes.

Por outro lado também víamos várias vezes o site da DGE porque consideramos haver informações muito importantes para professores em início de carreira, e para tentarmos de alguma forma ter uma noção global da carreira de docente.

Nesse aspeto consideramos que o mestrado em ensino de história do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário está bem construído, porque temos que aprender a componente teórica, e depois passamos pela parte prática que é lecionar vários blocos de aulas, no nosso caso no ensino público que ajuda muito a nossa integração nas escolas onde vamos desenvolver a atividade de professor.

E que nos vai ajudar a ser melhores professores porque quando começamos a lecionar nas escolas de ensino médio,

é importante ter experiência a dar aulas e estar à vontade na frente de 20 ou 25 alunos.

Gostávamos mais uma vez agradecer aos nossos professores cooperantes Eurico Sequeira e Maria José Ferreira e ao Professor Doutor Miguel Monteiro nosso professor na faculdade e que também foi nosso orientador de tese, e a todos os nossos professores da Faculdade de Letras e do Instituto de Educação.

Pelos conhecimentos e informações que nos passaram, e pelo modo como nos ajudaram e motivaram quer quando fomos seus alunos, quer quando tivemos de dar as nossas primeiras aulas, ou mesmo alertando - nos para os desafios e oportunidades que existem na carreira de docente.

Bem hajam

Obrigado

Referências bibliográficas

Proença, Maria Cândida, *Didática da história*, Universidade Aberta, 1989

Monteiro, Miguel, Ensino da história, faculdade de letras da universidade de Lisboa.

Tavares j. Pereira A.S, Gomes, A.A, Monteiro, S. Gomes. A. (2007) Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem, Porto editora.

Spainthell, N.A.&Sprinthall, R.C (1993) Psicologia Educacional.Lisboa, Mac Graw. Mill

Fontes, A. & Freixo, O. (2004) Vygotsky e a aprendizagem, Lisboa, Livros do horizonte

Sueli Édi Rufini Guimarães/Evely Boruchovitch, 2004, O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes, pp. 143-150.

Veríssimo R. Desenvolvimento psicossocial (Erik Erickson). 2002, Porto: Faculdade de medicina do Porto.

Santos, Leonor, Pinto Jorge, Ensino de conteúdos escolares: A avaliação como fator estruturante, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Moreia, Marco António, Teorias de aprendizagem, (1993) Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

Referências electrónicas

Disponível em <http://www.itad.pt/problemas-escolares/dislexia/> > acesso em 22 de Abril de 2018

Disponível em <<http://www.centrosei.pt/areas-de-intervencao/areas-de-intervencao-todas/>> acesso em 23 de Abril de 2018

Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Teorias_da_aprendizagem> acesso em 22 de Dezembro de 2017.

Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Curriculum_vit%C3%A6> acesso em 29 de Dezembro 2017.

Disponível em< <https://www.youtube.com/watch?v=Q3Vy854Q1l0&t=7s>> acesso em 4 de Janeiro de 2018

Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=g8xoeU5iljg>> acesso em 4 de Janeiro de 2018

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6GeCxISpJxk&t=4s> acesso em 9 de Janeiro 2018

Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=hv90ZJmbJIU&t=72s> acesso em 9 de Janeiro de 2018

Disponível em< <https://www.aeccb.pt/documentos/criterios-de-avaliacao/> acesso em 22 de Abril de 2018